

INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

Prof.^a Eliane Hubner da Silva Rodrigues



2009



Copyright © UNIASSELVI 2009

Elaboração:

Prof.^a Eliane Hubner da Silva Rodrigues

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri

UNIASSELVI – Indaial.

241

R696c Rodrigues, Eliane Hubner da Silva.

Caderno de estudos : introdução à teologia / Eliane Hubner da Silva Rodrigues, Centro Universitário Leonardo da Vinci. – Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009.

140 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7830-115-6

1. Teologia. I. Centro Universitário Leonardo da Vinci. Núcleo de Ensino a Distância. II. Título.

APRESENTAÇÃO



Caro(a) acadêmico(a)!

Ao iniciar os estudos de “Introdução à Teologia”, você deve estar preparado(a) para ultrapassar os limites impostos por paredes de igrejas, entendendo que a teologia faz parte do cotidiano das pessoas, não importando raça, classe social ou cultura. Ela naturalmente será palco de debates e discussões, isso porque todos têm perguntas teológicas e buscam incessantemente por respostas.

Nesse sentido, nosso objetivo não é “ensinar teologia”, é apontar caminhos que o(a) levem à reflexão e à prática da mesma, a fim de que você possa tirar suas próprias conclusões. Portanto, esteja aberto(a) a novas propostas, a quebrar paradigmas, conceitos e preconceitos, que possam se tornar obstáculos na sua jornada.

O Caderno de Estudos da disciplina “Introdução à Teologia” foi elaborado com esta intenção. Para isso, buscamos apresentar de forma simples e direta tudo o que envolve a Teologia em si, definições e ambiente, suas origens e seu desenvolvimento. Mas, lembre-se, tudo isso é só um começo!

Então, mãos à obra!

Prof.^a Eliane Hubner da Silva Rodrigues



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, *tablet* ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo *layout*, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveite o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



Olá acadêmico! Para melhorar a qualidade dos materiais ofertados a você e dinamizar ainda mais os seus estudos, a Uniasselvi disponibiliza materiais que possuem o código *QR Code*, que é um código que permite que você acesse um conteúdo interativo relacionado ao tema que você está estudando. Para utilizar essa ferramenta, acesse as lojas de aplicativos e baixe um leitor de *QR Code*. Depois, é só aproveitar mais essa facilidade para aprimorar seus estudos!



BATE SOBRE O PAPO ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades.



Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE.



Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O **MEC – Ministério da Educação**.

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.



Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas.



Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE!



SUMÁRIO

UNIDADE 1 – INTRODUÇÃO À TEOLOGIA	1
TÓPICO 1 – DEFINIÇÃO DE TEOLOGIA	3
1 INTRODUÇÃO.....	3
2 A BUSCA POR RESPOSTAS.....	4
2.1 QUEM SOU EU?.....	4
2.2 DE ONDE EU VIM?.....	5
2.3 PARA QUE EU VIM?.....	6
2.4 PARA ONDE EU VOU?.....	7
2.5 A EXISTÊNCIA DA DIVINDADE.....	7
LEITURA COMPLEMENTAR.....	11
RESUMO DO TÓPICO 1.....	14
AUTOATIVIDADE.....	15
TÓPICO 2 – NATUREZA DA TEOLOGIA	17
1 INTRODUÇÃO.....	17
2 A TEOLOGIA COMO CIÊNCIA.....	17
2.1 OBJETO DE ESTUDO.....	18
2.2 INSTRUMENTO DE REFLEXÃO.....	18
LEITURA COMPLEMENTAR.....	19
RESUMO DO TÓPICO 2.....	21
AUTOATIVIDADE.....	22
TÓPICO 3 – A ORIGEM DA TEOLOGIA	23
1 INTRODUÇÃO.....	23
2 ERUDIÇÃO CLÁSSICA.....	23
3 PLATÃO (428/27–347 a.C.).....	24
4 A TEOLOGIA ANTES DE CRISTO.....	25
RESUMO DO TÓPICO 3.....	28
AUTOATIVIDADE.....	29
TÓPICO 4 – FUNÇÃO DA TEOLOGIA	31
1 INTRODUÇÃO.....	31
2 REVELAÇÃO.....	31
2.1 INTERPRETAÇÃO DAS SAGRADAS ESCRITURAS.....	32
LEITURA COMPLEMENTAR.....	33
RESUMO DO TÓPICO 4.....	35
AUTOATIVIDADE.....	36
TÓPICO 5 – DIVISÕES DA TEOLOGIA	37
1 INTRODUÇÃO.....	37
2 TEOLOGIA BÍBLICA.....	37
2.1 ENFOQUE.....	38
2.2 RECURSOS DE PESQUISA.....	38

3 TEOLOGIA PRÁTICA.....	38
3.1 ENFOQUE.....	38
3.2 RECURSOS DE PESQUISA	38
4 TEOLOGIA HISTÓRICA.....	39
4.1 ENFOQUE.....	39
4.2 RECURSOS	39
RESUMO DO TÓPICO 5.....	40
AUTOATIVIDADE	41
UNIDADE 2 – HISTÓRIA DA TEOLOGIA.....	43
TÓPICO 1 – TRAJETÓRIA DA TEOLOGIA.....	45
1 INTRODUÇÃO	45
2 PATRÍSTICA	45
3 ESCOLÁSTICA	46
RESUMO DO TÓPICO 1.....	48
AUTOATIVIDADE	49
TÓPICO 2 – A REFORMA.....	51
1 INTRODUÇÃO	51
2 CAUSAS DA REFORMA	51
3 PRINCIPAIS REFORMADORES	52
3.1 JOHN WYCLIFFE (1330-1384)	52
LEITURA COMPLEMENTAR.....	54
3.2 JAN HUS (1369-1415).....	55
3.3 MARTINHO LUTERO (1483-1546).....	56
LEITURA COMPLEMENTAR.....	58
3.4 JOÃO CALVINO (1509-1564).....	66
4 CONTRARREFORMA.....	67
RESUMO DO TÓPICO 2.....	68
AUTOATIVIDADE	69
TÓPICO 3 – TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA.....	71
1 INTRODUÇÃO	71
2 TEÓLOGOS CONTEMPORÂNEOS	71
2.1 FRIEDRICH SCHLEIERMACHER – (1768-1834).....	71
2.2 RUDOLF BULTMANN – (1884-1976).....	72
2.3 PAUL JOHANNES TILLICH – (1866-1965)	72
3 TEOLOGIA LIBERAL.....	73
4 TEOLOGIAS DA LIBERTAÇÃO.....	73
5 TEOLOGIAS RECENTES	74
RESUMO DO TÓPICO 3.....	75
AUTOATIVIDADE	76
UNIDADE 3 – O PAPEL DAS ESCRITURAS SAGRADAS NA TEOLOGIA.....	77
TÓPICO 1 – DADOS HISTÓRICOS	79
1 INTRODUÇÃO	79
2 AS ESCRITURAS SAGRADAS COMO FUNDAMENTO DA TEOLOGIA.....	79
2.1 A HISTÓRIA DOS PATRIARCAS	81
2.2 AS PALAVRAS DOS PROFETAS.....	84
2.3 A VIDA DE JESUS	86

LEITURA COMPLEMENTAR.....	93
RESUMO DO TÓPICO 1.....	97
AUTOATIVIDADE	98
TÓPICO 2 – POVOS E NAÇÕES.....	99
1 INTRODUÇÃO.....	99
2 POVOS - SUAS ORIGENS E TRAJETÓRIA.....	99
2.1 SUMÉRIOS.....	99
2.2 ASSÍRIOS.....	100
2.3 EGÍPCIOS.....	101
2.4 HEBREUS.....	103
2.5 PERSAS.....	105
2.6 GREGOS.....	106
3 CULTURAS DOS POVOS	113
3.1 MESOPOTÂMIA.....	113
3.2 SUMÉRIOS.....	113
3.3 CALDEUS	113
3.4 EGÍPCIOS.....	114
3.5 HEBREUS.....	115
3.6 JUDEUS	118
3.7 FENÍCIOS.....	118
3.8 PERSAS.....	118
3.9 GREGOS.....	119
RESUMO DO TÓPICO 2.....	121
AUTOATIVIDADE	122
TÓPICO 3 – AS PROFECIAS.....	123
1 INTRODUÇÃO.....	123
2 AS PROFECIAS.....	123
3 PROFECIAS NO ANTIGO TESTAMENTO.....	125
4 PROFECIAS NO NOVO TESTAMENTO.....	126
5 CUMPRIMENTO DAS PROFECIAS.....	127
RESUMO DO TÓPICO 3.....	132
AUTOATIVIDADE	133
REFERÊNCIAS.....	135

INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- definir teologia;
- compreender melhor a si mesmo, assim como o mundo em que está inserido;
- observar a causa do surgimento dos primeiros pensadores cristãos;
- desenvolver reflexões referentes à utilidade da teologia nos dias atuais.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em cinco tópicos. No final de cada um deles você encontrará atividades que o(a) ajudarão a fixar os conteúdos explorados.

TÓPICO 1 – DEFINIÇÃO DE TEOLOGIA

TÓPICO 2 – NATUREZA DA TEOLOGIA

TÓPICO 3 – A ORIGEM DA TEOLOGIA

TÓPICO 4 – FUNÇÃO DA TEOLOGIA

TÓPICO 5 – DIVISÕES DA TEOLOGIA



DEFINIÇÃO DE TEOLOGIA

1 INTRODUÇÃO

A palavra teologia é um termo de origem grega. *Theos* significa Deus e *Logia* indica o sentido de estudo. Assim, poderíamos dizer que Teologia é o estudo sobre Deus ou sobre as coisas concernentes à divindade.

O que é Teologia?

Segundo Rodrigues (1976), Teologia é pensar sobre Deus. Fazer teologia é decifrar o oculto.

Na concepção humana, é um assunto de difícil entendimento, devido a uma linguagem de difícil interpretação e por seu aspecto misterioso. Também porque é natural ao ser humano a busca pelo palpável, algo que ele possa explicar.

A Teologia relata a experiência de Deus. É o esforço para compreender e interpretar a experiência de fé, expressando-a em linguagem e símbolo.

Aquino (2003, p. 166) apresentou em sua obra intitulada *Suma Teológica* a ideia de Deus como primeiro motor: “É necessário chegar a um primeiro motor, não movido por nenhum outro, e este, todos entendem: é Deus”. Desta forma teologia passa a significar pensamento a respeito de Deus.

Esta busca por um saber que procura explicar os mistérios da existência divina e humana vem permeada pelo desejo de atrair o bem e afastar o mal, dando conforto e segurança ao homem, tendo como critério para isto a Fé.

Fazer Teologia não é estudar as religiões ou a história das religiões, pois elas se referem à tradição religiosa ou à fé a partir da perspectiva de alguém que não está diretamente envolvido, enquanto a Teologia busca expressar a fé pessoal desde uma perspectiva interna.

É em função dessa necessidade de explicar o mundo e de se explicar que os seres humanos vêm sistematicamente empreendendo buscas teológicas, filosóficas, científicas.

Na concepção de Barth (1979), teologia é um falar a partir de Deus.

2 A BUSCA POR RESPOSTAS

A vontade, a dúvida e o questionamento sobre determinado objeto são os estímulos que conduzem o homem a buscar a verdade sobre ele.

Cada época fala sobre o sentido de divindade, de inspiração e existência, de acordo com as fontes que lhe são disponíveis. As fontes que inspiram os discursos e os tratados são várias, mas todas elas se originam do princípio da existência, que só pode ser pensada pelo ser humano.

Afinal de contas, quem nunca duvidou? É normal ao ser humano questionar.

A Teologia foi quem fez primeiro as perguntas sobre a existência humana e a origem do mundo, com o objetivo de encontrar uma resposta final, absoluta e verdadeira.

É a tentativa de conhecer e compreender o mundo e os seres que nele habitam.

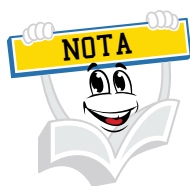
O teólogo, como um investigador, baseia-se em evidências, a fim de formular suas hipóteses. Duas delas: a revelação natural de Deus – sua criação – e a revelação escrita de Deus – a Bíblia.

2.1 QUEM SOU EU?

A dúvida, a inquietação, o desejo de conhecer e de transcender-se sempre foi, desde o mais primitivo dos seres humanos, o grande agente motivador para o desenvolvimento e a transformação da humanidade.

Na busca por explicar fenômenos e mistérios de sua existência, muitas vezes, o homem se angustia e procura diversos meios para responder a suas indagações.

Apesar do conhecimento espontâneo que resulta da primeira reflexão de mundo, herança do grupo a que pertence, o homem necessita de muito mais subsídios que o levem a uma melhor compreensão de si mesmo enquanto indivíduo.



Transcendente: que ultrapassa uma ordem de realidades determinadas; de uma natureza radicalmente superior ou exterior; que ultrapassa a razão.

A resposta para a pergunta Quem sou eu? depende do resultado obtido no seguinte questionamento: Qual é a minha história? o qual só poderá ser respondido tendo como base uma outra pergunta: Qual é a história em que a minha história faz parte?.

2.2 DE ONDE EU VIM?



O homem pergunta. E, por que pergunta? Porque precisa perguntar. Mas, por que precisa perguntar? Precisa perguntar, porque não sabe, e precisa saber, saber o que é o mundo em que se encontra e no qual deve viver. Para poder viver, e viver é conviver, com as coisas e com os outros homens, precisa saber como as coisas e os outros homens se comportam, pois, sem esse conhecimento, não poderia orientar sua conduta em relação às coisas e aos homens.

Para o ser humano, o conhecimento não é facultativo, mas indispensável, uma vez que sua sobrevivência dele depende.

Ora, o que está na origem do conhecimento, tanto filosófico quanto científico? Na origem desse conhecimento está a capacidade, ou melhor, a necessidade de perguntar, de indagar, o que são as coisas e o que é o homem. (CORBISIER, 1983, p. 125-127).

O mistério da vida! A ciência encontrou respostas para os questionamentos do homem quanto à sua origem física, humana. A geração, o primeiro movimento, o primeiro suspiro... Mas, ainda persiste a sensação de vazio, pois o intelecto foi saciado, porém o que chamamos de anseios da alma ainda perdura.



De Onde Eu Vim

Ligia Morena
 Composição: Ligia Morena
 Terra verde mãe,
 De onde eu vim.
 Onde uma força bruta,
 Habita em mim.
 Onde tudo é sagrado enfim.

Paisagem quente é verão
Sobre a gente o luar do sertão,
A liberdade feliz,
Nos braços da paixão.

Eu canto, eu danço,
Eu toco o couro e a flor,
Eu trago o sonho e um brilho no olhar.

Sou alegria,
Eu sou ventania
Sou o fogo e o ar.

FONTE: Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/ligia-morena>>. Acesso em: 2 jun. 2008.

2.3 PARA QUE EU VIM?

A busca pelo sentido da vida tem intrigado o ser humano no decorrer de toda a existência. Isso porque, normalmente começamos pelo lado errado – investigando a nós mesmos, fazendo questionamentos voltados ao nosso eu, que não é causa eficiente de si próprio, quando deveríamos buscar o agente causador.

Você não criou a si mesmo, logo não há jeito de dizer a si mesmo para que foi criado! Se lhe for entregue uma invenção desconhecida, você não terá como saber sua serventia nem a própria invenção terá a capacidade de lhe dizer. Somente o criador ou o manual do fabricante poderá mostrar sua utilidade.



O modo mais fácil de descobrir o propósito de uma invenção é perguntando ao inventor.

Em algum ponto da vida, percebemos que tem de haver algo maior do que simplesmente viver e morrer. Tem de haver um plano, um propósito maior.

A experiência de se deitar à noite e ficar imaginando qual o sentido da vida.

Os pedaços parecem ser tão fragmentados. Você sabe que tudo deve, de alguma forma, fazer sentido, mas os capítulos não se encaixam bem. Algo está faltando...



Leia o Livro "Uma Vida Com Propósitos" de Rick Warren.

2.4 PARA ONDE EU VOU?

A existência humana se apresenta como um enigma indecifrável. Algo que pode ser ao mesmo tempo fascinante e assustador.

De tempos em tempos, você pode se encontrar lutando para saber para onde está indo e por que está indo para lá.

O que acontece após a morte?

Se há uma pergunta comum a todas as gerações, culturas, classes sociais e religiões é a questão da vida após a morte.

As inscrições nas pirâmides e nas paredes das cavernas demonstram a já antiga fascinação da humanidade com a imortalidade. Nós não conseguimos deixar de imaginar o que acontece quando morremos.

Isto resulta numa visão da eternidade, que nos dá esperanças para o futuro e sentido para o presente.

2.5 A EXISTÊNCIA DA DIVINDADE

Quem já não se sentiu atraído por algo que consegue sentir, mas não consegue descrever?

Contudo, não há como provarmos que Deus existe ou não. Tudo o que podemos fazer é buscar evidências. Na realidade, também não há como provarmos, sem sombra de dúvida, que os dinossauros vagaram pela terra. Apenas existem algumas evidências bastante convincentes para esta tese. Mas, é tudo o que temos – evidências.

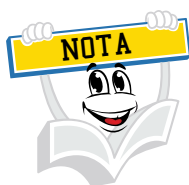
O que podemos fazer é observar as evidências da existência de Deus e daí tirarmos nossas próprias conclusões.



Se tudo em nosso mundo tem uma causa, então deve haver um agente causador.

Santo Anselmo de Canterbury (1994, p. 12), em sua obra “Proslogion”, descreve sua teoria da existência de Deus. Alguns dos argumentos desta teoria:

- existe na mente de todo homem a ideia de um ser que não se pode pensar outro maior;
- existir só na mente é menos perfeito do que existir na mente e também na realidade;
- se o ser maior do que o qual não se pode pensar outro só existisse na mente seria menor do que qualquer outro que também existisse na realidade;
- logo, o ser do qual não se pode pensar outro maior deve existir também na realidade (existência real necessária), logo conclui-se que existe Deus e esse ser é perfeitíssimo.



A tradução portuguesa do Proslogion, feita pela primeira vez em 1994, foi agora revista, corrigida e aperfeiçoada para a LusoSofia – Biblioteca *On-Line* de Filosofia.

Em poucas palavras: "algo existe em meu pensamento, logo, existe também no mundo material!".

São Boaventura, Duns Scoto, Descartes, Leibniz e Hegel defenderam esta mesma tese, contudo utilizando argumentos distintos.



São Boaventura: Foi bispo, teólogo e reconhecido Doutor da Igreja. (1221-1274)
Duns Scoto: Membro da Ordem Franciscana, filósofo e teólogo da tradição escolástica. (1265-1308)
Descartes: Filósofo, matemático, físico. (1596-1650)
Leibniz: filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. (1646-1716)
Hegel: filósofo alemão. (1770-1831)
Karl Barth: foi um teólogo cristão-protestante, pastor da Igreja Reformada, e um dos líderes da teologia dialética e da neo-ortodoxia protestante. (1886-1968)

Aquino (2003, p. 37), em sua obra *Suma Teológica*, observa que, fazendo uso apenas da luz natural da razão a partir das coisas criadas, é possível comprovar a existência de Deus.



Suma Teológica: é o título da obra básica de São Tomás de Aquino, frade, teólogo e santo da Igreja Católica, um corpo de doutrina que se constitui numa das bases da dogmática do catolicismo e considerada uma das principais obras filosóficas da escolástica. Foi escrita entre os anos de 1265 a 1273.

A obra encontra-se dividida em 3 partes, na qual se encontram 512 questões.

Cada questão tem perguntas individuais. Estas representam os 2669 capítulos em que estão contidas as 1,5 milhão de palavras. 1,5 vez mais que todas as palavras de Aristóteles (1 milhão), o dobro de todas as palavras conhecidas de Platão.



Ele declara que nossos sentidos atestam, com toda a certeza, que neste mundo algumas coisas se movem, que tudo o que se move é movido por alguém e, sendo assim, há que ter um primeiro motor que deu início ao movimento existente e que por ninguém foi movido. Esta potência é Deus.

Dando continuidade ao assunto, afirma ser necessária uma causa primeira que por ninguém tenha sido causada, pois a todo efeito é atribuída uma causa. Do contrário, não haveria nenhum efeito, pois cada causa pediria uma outra numa sequência infinita e não se chegaria ao efeito atual. Esta causa é Deus. O que explica a causa da existência do Universo.

Aquino (2003, p. 167) defende a ideia de que o Ser não pode ter surgido a partir do Nada. Refletindo sobre a existência das coisas, chega à conclusão de que não pode ter havido um momento de Nada Absoluto.



"Portanto, é necessário afirmar a existência de algo necessário por si mesmo, que não encontra alhures a causa de sua necessidade, mas que é a causa da necessidade para outros: o que todos chamam Deus". (AQUINO, 2003, p. 167).



Ele faz menção à beleza da natureza, dos seres que nela habitam e que não poderiam ser criados com tamanha grandiosidade se não houvesse um ser que tenha um padrão máximo de perfeição. Esse Ser é Deus.

Concluindo seus argumentos, explica a sincronia do Universo. Não se chega à ordem pelo acaso e nem pelo caos. Existe uma ordem admirável no Universo, apontando para uma inteligência ordenadora. A isso chamamos Deus.



Até mesmo o mundialmente renomado defensor do darwinismo e ateísmo, Richard Dawkins, em sua obra Deus, um delírio (2007, p. 91), admite que os seres vivos são tão improváveis e tão belamente "projetados" que não poderiam ter vindo à existência por chance.



Leia o Livro "Em Defesa de Cristo", de Lee Strobel, uma convincente investigação da existência de Deus.

Por mais esforços que se tenha empreendido ao longo da trajetória humana, o Sagrado permanece distante, inapreensível. Afinal, uma "prova" é nada mais do que uma evidência que resulta em uma forte crença por parte de quem a observa. Sendo assim, é provável que Deus continue a significar um enigma e que toda tentativa de se fazer o discurso sobre Ele seja sempre frustrada, dada a limitação humana.

LEITURA COMPLEMENTAR

Deus Existe?

Por Rubem Alves

De vez em quando, alguém me pergunta se eu acredito em Deus. E eu fico mudo, sem dar resposta, porque qualquer resposta que desse seria mal-entendida. O problema está nesse verbo simples, cujo sentido todo mundo pensa entender: acreditar.

Mesmo sem estar vendo, eu acredito que existe uma montanha chamada Himalaia, e acredito na estrela Alfa Centauro, e acredito que dentro do armário há uma réstia de cebolas...

Se eu respondesse à pergunta dizendo que acredito em Deus, eu o estaria colocando no mesmo rol em que estão a montanha, a estrela, a cebola, uma coisa entre outras, não importando que seja a maior de todas.

Era assim que Casemiro de Abreu acreditava em Deus, e todo mundo decorou e recitou o seu poema teológico: “Eu me lembro... Era pequeno... O mar bramava, e erguendo o dorso altivo sacudia a branca espuma para o céu sereno. E eu disse à minha mãe naquele instante: ‘Que dura orquestra/ Que furor insano/ Que pode haver maior que o oceano ou mais forte que o vento?’ Minha mãe a sorrir olhou para os céus e respondeu: ‘Um Ser que nós não vemos/ É maior que o mar que nós tememos, é mais forte que o tufão, meu filho: é Deus.’”

Ritmos e rimas são perigosos porque, com frequência, nos levam a misturar razões ruins com música ruim. Deixados de lado o ritmo e as rimas, o argumento do poeta se reduz a isso: Deus é uma “coisona” que sopra qual ventania enorme, e um marzão que dá muito mais medo que esse mar que está aí.

Ora, admito até que “coisona” tal possa existir. Mas não há argumento que me faça amá-la. Pelo contrário, o que realmente desejo é vê-la bem longe de mim. Quem é que gostaria de viver no meio da ventania, navegando num mar terrível? Eu não...

É preciso, de uma vez por todas, compreender que acreditar em Deus não vale um tostão furado. Não, não fiquem bravos comigo. Fiquem bravos com o apóstolo Tiago, que deixou escrito em sua epístola sagrada: “Tu acreditas que há um Deus. Fazes muito bem. Os demônios também acreditam. E estremecem ao ouvir o Seu nome...” (Tiago 2,19).

Em resumo, o apóstolo está dizendo que os demônios estão melhor do que nós, porque, além de acreditar, estremecem... Você estremece ao ouvir o nome de Deus? Duvido. Se estremecesse, não o repetiria tanto, por medo de contrair malária...

Enquanto escrevo, estou ouvindo a sonata *Appassionata*, de Beethoven, a mesma que Lenin poderia ouvir o dia inteiro, sem se cansar, e o seu efeito era tal que ele tinha medo de ser magicamente transformado em alegria e amor, sentimentos incompatíveis com as necessidades revolucionárias (o que explica as razões por que ativistas políticos geralmente não se dão bem com música clássica).

Se eu pudesse conversar com o meu cachorro e lhe perguntasse: Você acredita na *Appassionata*? - ele me responderia: Pois é claro. Acha que eu sou surdo? Estou ouvindo. E, por sinal, esse barulho está perturbando o meu sono. Mas eu, ao contrário do meu cachorro, tive vontade de chorar por causa da beleza. A beleza tomou conta do meu corpo, que ficou arrepiado: a beleza se fez carne.

Mas eu sei que a sonata tem uma existência efêmera. Dentro de poucos minutos só haverá o silêncio. Ela viverá em mim como memória. Assim é a forma de existência dos objetos de amor: não como a montanha, a estrela, a cebola, mas como saudade. E eu, então, pensarei que é preciso tomar providências para que a sonata ressuscite de sua morte...

Leio e releio os poemas de Cecília Meireles. Por que releio, se já os li? Por que releio, se sei, de cor, as palavras que vou ler? Porque a alma não se cansa da beleza. Beleza é aquilo que faz o corpo tremer. Há cenas que ela descreve que, eu sei, existirão eternamente. Ou, inversamente, porque existiam eternamente, ela as escreveu.

“O crepúsculo é este sossego do céu/ com suas nuvens paralelas/ e uma última cor penetrando nas árvores/ até os pássaros./ E esta curva de pombos, rente aos telhados,/ e este cantar de galos e rolas, muito longe;/ e, mais longe, o abrolhar de estrelas brancas,/ ainda sem luz.”

Que existência frágil tem um poema, mais frágil que a montanha, a estrela, a cebola. Poemas são meras palavras, que dependem de que alguém as escreva, leia, recite. No entanto, as palavras fazem com o meu corpo aquilo que universo inteiro não pode fazer.

Fui jantar com um rico empresário, que acredita em Deus, mas me disse não compreender as razões por que puseram o retrato da Cecília Meireles, uma mulher velha e feia, numa cédula do nosso dinheiro. Melhor teria sido retrato da Xuxa.

Do ponto de vista da existência, ele estava certo. A Xuxa tem mais realidade que a Cecília. Ela tem uma densidade imagética e monetária que a Cecília não tem e nunca quis ter. A Cecília é um ser etéreo, semelhante às nuvens do crepúsculo, à espuma do mar, ao voo dos pássaros. E, no entanto, eu sei que os seus poemas viverão eternamente. Porque são belos.

A Beleza é entidade volátil - toca a pele e rápido se vai. Pois isso a que nos referimos pelo nome de Deus é assim mesmo: um grande, enorme Vazio, que contém toda a Beleza do universo.

Se o vaso não fosse vazio, nele não se plantariam as flores. Se o copo não fosse vazio, com ele não se beberia água. Se a boca não fosse vazia, com ela não se comeria o fruto. Se o útero não fosse vazio, nele não cresceria a vida. Se o céu não fosse vazio, nele não voariam os pássaros, nem as nuvens, nem as pipas...

E assim, atrevido-me a usar a ontologia de Riobaldo, eu posso dizer que Deus tem de existir. Tem Beleza demais no universo, e Beleza não pode ser perdida. E Deus é esse Vazio sem fim, gamela infinita, que pelo universo vai colhendo e ajuntando toda a Beleza que há, garantindo que nada se perderá, dizendo que tudo o que se amou e se perdeu haverá de voltar, se repetirá de novo. Deus existe para tranquilizar a saudade.

Posso então responder à pergunta que me fizeram. É claro que acredito em Deus, do jeito como acredito nas cores do crepúsculo, do jeito como acredito no perfume da murta, do jeito como acredito na beleza da sonata, do jeito como acredito na alegria da criança que brinca, do jeito como acredito na beleza do olhar que me contempla em silêncio.

Tudo tão frágil, tão inexistente, mas me faz chorar. E se me faz chorar, é sagrado. É um pedaço de Deus...

Dizia o poeta Valéry: Que seria de nós sem o socorro daquilo que não existe?

FONTE: Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/deusexiste.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2008.



RESUMO DO TÓPICO 1

Caro(a) acadêmico(a), neste tópico, você:

- Adquiriu conhecimento a respeito do que é Teologia.
- Obteve subsídios que o remetem a uma melhor compreensão de si mesmo e do mundo que o cerca.
- Observou as evidências apresentadas até os dias de hoje, sobre a existência da Divindade.

AUTOATIVIDADE



1 Na sua concepção, como o conhecimento que a Teologia proporciona pode mudar ou influenciar sua vida?



NATUREZA DA TEOLOGIA

1 INTRODUÇÃO

A Teologia é reflexão que se pauta no tempo e na cultura. Ela é dinâmica e viva. Portanto, é um tipo de saber que se desenvolve a partir das perguntas que o teólogo faz.

Ela brota juntamente com as novas perguntas que surgem no cotidiano.

2 A TEOLOGIA COMO CIÊNCIA

A Teologia possui traços de ciência, porque é conhecimento produzido na inter-relação do sujeito (que pode ser ou não cristão) com o Sagrado.

Assim como toda ciência, a Teologia é saber crítico, ou seja, saber que opera sobre si mesmo, que é consciente de seus procedimentos e de suas limitações.

Possui como traço marcante a dinamicidade, de onde provém a ideia de progresso. Mas, é importante notar que a dinâmica que está por trás da Teologia não despreza conhecimentos anteriores, antes sempre os coloca em debate para que sejam reformulados.

A exemplo da ciência, a Teologia exige liberdade para pôr em prática suas pesquisas e seguir as evidências até o fim.



Caso você queira aprofundar os seus estudos neste sentido, leia o Livro "Ciência X Religião", de Ted Peters e Gaymon Benett.

2.1 OBJETO DE ESTUDO

Como toda ciência, a Teologia tem um objeto de estudo: Deus.



Como um ser finito pode definir um ser infinito. O limitado definir o ilimitado. O ser humano entra em contradição ao buscar o conhecimento de Deus por tentar tratar logicamente o deus que, em princípio, não cabe na lógica.

Como não é possível estudar diretamente um objeto que não vemos e não tocamos, estuda-se Deus a partir da sua revelação.

2.2 INSTRUMENTO DE REFLEXÃO

A Teologia não é uma ciência autônoma. Ela recorre ao instrumental de outras ciências humanas como antropologia, sociologia, história, psicologia e filosofia para desenvolver sua reflexão.

Tem suas próprias linhas de pesquisa e métodos, a exemplo das ciências físicas ou sociais.

Algumas de suas linhas de pesquisa consultam as fontes bíblicas, históricas e doutrinárias. Outras são construtivas, enquanto sistematizam a compreensão de Deus. Há ainda as pastorais ou práticas, que se voltam para uma vida e conduta cristãs.

É uma disciplina crítica que abrange inúmeras tarefas. Entre elas, a de discriminar as doutrinas da Igreja daquilo que é credence popular e opinião teológica.

A Teologia tem o dever de reinterpretar a linguagem da Igreja para que a mesma possa refletir adequadamente a fé que tem por missão expressar.

LEITURA COMPLEMENTAR

O QUE HAVIA ANTES DO TEMPO?

“Em busca das origens do Universo, cientistas e religiosos chegam a algumas conclusões muito parecidas”

Algumas questões povoam a mente humana desde que os primeiros clãs se reuniram em torno da fogueira na savana africana. A mais intrigante delas é a busca pelo começo de tudo. Como foi criado tudo à nossa volta – e nós próprios, de onde surgimos? Ao olhar para o céu, dominado durante o dia pela bola dourada do Sol e, à noite, pontilhado de luzes, o homem primitivo encontrou elementos para especular. De forma instintiva, ele estava buscando respostas na porção visível do cosmo. É curioso que seja também no céu que a ciência moderna tem procurado respostas para as mesmas dúvidas primordiais da humanidade. Na maioria das culturas humanas, se não em todas elas, questões dessa natureza foram respondidas com o desenvolvimento do pensamento simbólico. Os povos antigos vislumbraram na natureza – no Sol, na Lua, nos trovões – entidades maiores e mais poderosas, capazes de interferir nos acontecimentos e destinos. Rituais foram criados para reverenciar e apaziguar essas entidades. Estavam criadas as religiões, que muitos estudiosos acreditam ser a gênese da civilização.

O mito da criação do Universo e de tudo o que ele abriga está na base de todas as religiões. O homem atual muitas vezes despreza ou ridiculariza os mitos da criação porque eles trazem explicações diferentes daquelas oferecidas pela ciência. É preciso considerar, contudo, os cenários e as etapas do conhecimento humano em que esses mitos foram criados. Não faz muito tempo, os cientistas acreditavam que a Terra era plana, encontrava-se no centro do Universo e tinha apenas 6 000 anos de existência. Não é que nossos antepassados fossem privados de curiosidade científica ou de raciocínio dedutivo. Ocorre que os mitos da criação surgiram em períodos nos quais muito pouco se sabia sobre as leis da física ou da química.

O dado surpreendente é que os pensadores do passado e os cientistas modernos chegaram a conclusões que, em última análise, são bastante similares. Cristãos, judeus, hindus, astecas e egípcios situam a criação num único momento inicial, ocorrido sob a vontade divina. Cientistas modernos, armados com as leis da física e a tecnologia de exploração espacial, também colocam a criação do Universo num momento único, o *Big Bang*. Ele consistiu na súbita expansão de uma única partícula, uma bola de energia e matéria do tamanho de um bilionésimo de um próton. Esse elemento original é de tão difícil compreensão que é chamado de uma singularidade. O *Big Bang*, do qual temos conhecimento há poucas décadas, pode muito bem ser descrito pela primeira frase do Gênesis: “No princípio, Deus criou o céu e a Terra”.

A semelhança entre a singularidade, a partícula que deu origem ao Universo, e o pensamento de grandes teólogos chama atenção. Santo Agostinho, o maior dos pensadores católicos, vislumbrou no século IV um cenário bem próximo das explicações científicas sobre o que existia antes do *Big Bang*. Quando os fiéis perguntavam aos bispos de seu tempo o que Deus fazia antes de criar o céu e a terra, recebiam a seguinte resposta: “Ele fazia o inferno para quem descrê os mistérios da fé”. Agostinho recriminava os bispos por darem uma resposta aparentemente tão profunda, mas que, para ele, refletia apenas a arrogância da ortodoxia. E saiu-se com a resposta que resvala na ciência: “Deus não fazia nada”. “Mas então ele passava o tempo todo de papo para o ar?”, era a réplica mais frequente. “Não”, dizia Agostinho, “O tempo não existia”. Antes da expansão da singularidade, diz hoje a teoria do *Big Bang*, não havia o espaço, as forças da natureza – nem o tempo. Glória a Santo Agostinho!

Nas últimas décadas, à medida que as sondas e os telescópios encontravam mais evidências do *Big Bang* pelo cosmo, muitos cientistas chegaram a se vangloriar de um falso feito. Uma vez que a física já explicou como nasceu o Universo, não haveria mais lugar para deuses e mitos da criação. É notório que os cientistas consideram que em seu ofício não há lugar para o pensamento mágico. Mas, quanto mais exploram o cosmo, mais eles deparam com os mesmos mistérios de que tratam as religiões. Tudo indica que o Universo nasceu com o *Big Bang*, mas o que existia antes dele? A resposta, tanto para os cientistas quanto para os metafísicos, é a mesma: nada. A questão é como algo pode ocupar um espaço que não existia. Após a expansão primordial, os instantes iniciais do Universo foram de caos – uma sopa de energia e partículas em movimento. É uma descrição similar à dos primeiros momentos do Universo feita por diversos mitos de origem, como o egípcio e o hindu.

As soluções científicas modernas para o nascimento do Universo, a origem da vida e o surgimento da humanidade muitas vezes parecem extraídas de passagens bíblicas. O paleontólogo e pensador evolucionista Stephen Jay Gould, que lecionava na Universidade de Harvard, embora ateu, especulava se o dilúvio bíblico não seria uma lembrança de uma grande transformação geológica ocorrida na Terra há 13.000 anos. O fato de as metáforas religiosas guardarem tantas semelhanças com as descobertas recentes da ciência talvez reflita os limites da capacidade da mente humana de lidar com assuntos desta magnitude. Dado determinado problema, pode se chegar a conclusões parecidas com instrumentos científicos ou simplesmente pelo raciocínio dedutivo, como fez Santo Agostinho. A diferença básica entre ciência e religião está em outra esfera: como entender a relação entre causa e efeito. Albert Einstein dizia que Deus não joga dados com o Universo, ou seja, que as coisas não ocorrem sem uma causa. Todos os ramos da ciência compartilham dessa convicção. Já o pensamento religioso acredita que a causa de qualquer acontecimento ou fenômeno pode ser, simplesmente, a vontade divina. No princípio era a partícula. Essa partícula será Deus?



RESUMO DO TÓPICO 2

Caro(a) acadêmico(a), neste tópico, você:

- Inteirou-se a respeito da essência da Teologia; leis que a regem, tendo como referência o pensar sobre Deus.
- Descobriu que a Teologia possui traços semelhantes aos da ciência, por também se utilizar de pesquisas em busca de evidências para suas teses.
- Observou que a Teologia não se porta como uma ciência autônoma, mas recorre a outras ciências para desenvolver sua reflexão.

AUTOATIVIDADE



1 A Teologia tem o dever de reinterpretar a linguagem da igreja para que a mesma possa refletir adequadamente a fé que tem por missão expressar. Até que ponto esta afirmação é verdadeira nos dias atuais? Reflita sobre o assunto e produza um texto. No encontro presencial, discuta suas ideias com os colegas.



A ORIGEM DA TEOLOGIA

1 INTRODUÇÃO

Platão (2002), em seu diálogo *The Republic* (A República), foi o primeiro a fazer uso da palavra teologia, para referir-se à compreensão da natureza divina de forma racional.

Na época dos primeiros cristãos, os relatos, as narrativas acerca de Deus e, posteriormente, Jesus, existiram sob a forma de tradição oral e foram transmitidos desse modo até se tornarem relatos escritos, já na segunda metade do primeiro século.

Inicialmente, estes documentos não foram escritos para serem discursos teológicos. Provavelmente tenham sido escritos para que as memórias de Deus fossem guardadas e detalhes importantes de sua história fossem preservados.

Basicamente, foi no período medieval que as pessoas passaram a se dedicar à Teologia, produzindo-a sistematicamente.

2 ERUDIÇÃO CLÁSSICA

No mundo grego, assim como em outras tradições culturais do Mediterrâneo Antigo, as religiões e seus rituais se originavam dos mitos – histórias sagradas – que faziam parte do cotidiano das pessoas, servindo aos povos, tanto para dar sentido às suas vidas, como para ajudá-los em suas organizações sociais e políticas. Isso inclui os atos de plantio e colheita, a pesca, os casamentos, os nascimentos, a organização das comunidades e a economia dos grupos. Tudo estava ligado à vontade dos deuses e deusas.

A religião narrava teogonias (do grego: *theos*, deus; *gonia*, geração), isto é, a geração ou o nascimento dos deuses, semideuses e heróis.

A história sagrada ou mito narra como e por que a ordem do mundo existe e como e por que foi doada aos humanos pelos deuses. Assim, além de ser uma teogonia, a história sagrada é uma cosmogonia (do grego: *cosmos*, mundo; *gonia*, geração): narra o nascimento, a finalidade e o perecimento de todos os seres sob a ação dos deuses.

Mas, aos poucos a explicação para a origem do cosmos e da humanidade baseada na vontade soberana da divindade foi perdendo a força. À medida que compreendia mais sobre o mundo e sobre si mesma, a humanidade também perdia sua fé e adquiria mais confiança em suas descobertas.

A Teologia que se produziu em Alexandria foi a primeira tentativa sistemática da junção entre cristianismo e filosofia grega. Os teólogos de Alexandria procuravam se manter fiéis à tradição da Igreja e baseavam-se na literatura bíblica, porém inseriam a revelação nos contextos que consideravam apropriados.

Nesta ocasião, surge o método alegórico de interpretação. Um dos protagonistas desse modelo é Orígenes (184-254). Apesar de ser considerado por alguns como herege, sua Teologia teve grande influência, principalmente na reflexão teológica da região oriental. Foi com os teólogos de Alexandria que Deus passou a ser visto como completamente transcendente, acima de tudo e de todos.

Com o avanço da filosofia rumo à razão, a fé e a crença cederam lugar à retórica usada pelos filósofos, amigos do saber, como recurso para ensinar e, muitas vezes, convencer as pessoas sobre determinado assunto.

Enquanto os mitos eram envoltos pelo magnífico enigmático e as religiões antigas mantinham segredos, a filosofia trouxe clareza e desvendou mistérios.

No mundo cristão dos primeiros séculos, apesar da influência determinante da tradição judaica e de outras culturas mediterrâneas, grandes teólogos se destacaram por causa de seus pensamentos e discussões, evidenciando-se a influência da cultura grega, especialmente da filosofia e da retórica.

O confronto dos pensadores cristãos com a filosofia grega originou a teologia cristã. Mas, os teólogos não se deram conta de que essa nova disciplina trazia no seu interior as sementes destruidoras da metafísica que lhe servia de base. Entende-se, a partir daí, que na história do pensamento ocidental os filósofos sempre se sentiram atraídos pela teologia e os teólogos pela filosofia.

3 PLATÃO (428/27-347 a.C.)

Foi um filósofo grego, discípulo de Sócrates, fundador da Academia Platônica e mestre de Aristóteles.

Acredita-se que seu nome verdadeiro tenha sido Arístocles; Platão era um apelido que, provavelmente, fazia referência à sua característica física, tal como o porte atlético ou os ombros largos, ou ainda a sua ampla capacidade intelectual de tratar de diferentes temas. Platão ocupou-se com vários temas, entre eles ética, política, metafísica e teoria do conhecimento.

Por volta dos 20 anos, encontrou o filósofo Sócrates e se tornou seu discípulo até a morte deste.

Em viagens à Grécia, buscou implantar seus ideais políticos, mas não obteve sucesso. Então, retornou a Atenas, onde fundou a Academia Platônica. A instituição logo adquiriu prestígio e a ela muitos jovens se dirigiam em busca de instrução e até mesmo homens ilustres a fim de debater ideias.

Platão permaneceu na direção da Academia até sua morte.

FIGURA 1 – PLATÃO



FONTE: Disponível em: <<http://afilosofia.no.sapo.pt/platao1.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2008.

4 A TEOLOGIA ANTES DE CRISTO

A história relata que os gregos conheciam as civilizações orientais por meio do intercâmbio comercial. Teriam aprendido com os caldeus, egípcios e fenícios ciências como a geometria, a aritmética e a astronomia. Também se deixaram influenciar por seus mitos e poemas.

A lógica, em sua forma científica, foi uma das contribuições dos gregos ao pensamento antigo. Vieram deles ideias como: unidade universal, baseada na ideia de unidade divina; cosmogonia, representando a passagem do uno universal para a distinção dos seres; o processo cosmogônico destinado a explicar a origem e desenvolvimento dos seres; o sentido de harmonia na natureza responsável pela união de todos os seres; a necessidade da lei capaz de governar todas as coisas e o dualismo entre corpo e alma.

O pensamento humano começou a se estruturar por meio do mito. O mito narrava as experiências humanas a partir do relacionamento do corpo com a natureza.

A escola pitagórica (Pitágoras de Samos), nos séculos V e IV, já se mostra mística e religiosa, considerando a vida humana material de expiação do pecado original e acreditando na transmigração das almas. A escola eleática é representada por Parmênides, que desenvolve o pensamento teológico de Xenofonte, segundo o qual a multiplicidade dos deuses desemboca na afirmação do único deus universal.

A respeito de Sócrates não há registros de escritos a não ser o que outros filósofos relataram. Platão, no diálogo *Apologia*, destaca o caráter sagrado da filosofia socrática, atribuindo ao mestre estas palavras: “Meus queridos atenienses, saúdo-vos, porém obedecerei antes a Deus do que a vós enquanto eu tiver alento [...] Pois, sabeis-o, isto me ordena Deus; creio que a cidade não tem maior bem do que este serviço que presto a Deus” (VVII, 29-30). Na obra (*Memoráveis*) Xenofonte atribui a Sócrates esta frase: “Deus é tão grande e poderoso que pode ao mesmo tempo, ver e ouvir tudo, estar presente em todas as partes e velar também por tudo”. (1.4) E mais: “Esse Deus que dirige e ordena o mundo... só é visível para nós nas obras imensas que realiza; porém permanece invisível em tudo o que estabelece em seu concerto interior” (IV, 3) (PLATÃO, 2008).

Talvez o mais permanentemente influente pensador grego da antiguidade seja Platão. Achava que o corpo atrapalhava o conhecimento e, por isso, escreveu: “E quanto à procura da sabedoria, que dizes? O corpo não é impedimento (FEDON, X, 65). Em sua obra *Timeu*, ele diz: “Tudo o que se gera é necessário que seja gerado por alguma coisa sem a qual não é possível que alguma coisa seja gerada [...] é evidente a todo homem que contemplou o eterno” (V, 28) (PLATÃO, 2008).

Platão acreditava na imortalidade da alma. Escreveu em *Fedon*: “E isto não poderia ser, se a nossa alma não tivesse vivido em outro lugar, antes de haver entrado nesta forma de homem; pelo que, ainda por esta razão, se torna evidente que a alma é algo imortal”(FEDON, XVIII, 72 e 73). Achava que as almas puras voltam para o lugar de onde vieram, o lugar divino. (FEDON, XXVIII-IX, 248). A alma boa “irá para o que lhe assemelha, para o que é invisível, para o que é eterno, divino, intelectual e imortal, aonde, chegando, será bem-aventurada, livre dos erros, da insensatez, dos temores dos selvagens amores e das outras desgraças humanas, passando todo o seu tempo com os deuses” (FEDON, XXIX, 81). As outras sofrerão o juízo. (FEDON, XXIX, 249) (PLATÃO, 2008).

Aristóteles (384 a 322 a.C.) começa sua reflexão filosófica com a crença na imortalidade da alma, na sua preexistência e substancialidade. Em sua obra, *Sobre a filosofia*, empenha-se em provar a existência do Deus supremo.

A primeira grande escola pós-socrática chama-se epicurismo. Fundada por Epicuro (341-270 a.C.), buscava o prazer puro sem dor. Seu fundador acreditava que os deuses existiam. Os seguidores dessa escola achavam que os deuses não traziam benefícios, mas deveriam ser honrados “por causa de sua majestade extraordinária e por sua singular natureza”.

Há estreita relação entre o pensamento desses filósofos e a teologia cristã desde seu nascimento. Segundo Paul Tillich, foi o helenismo o movimento que mais influenciou os novos teólogos. Mas, foram principalmente os pensamentos de Platão os formadores das bases da teologia cristã patrística. Ele aponta cinco elementos fundamentais nessa linha: o primeiro é o conceito de transcendência; o segundo é a desvalorização da existência; o terceiro é a doutrina da queda da alma da eterna participação no mundo essencial ou espiritual, sua degradação terrena num corpo físico, que procura se livrar da escravidão desse corpo, para finalmente se elevar acima do mundo material; o quarto é a ideia da providência divina; o quinto elemento presente na teologia cristã vem de Aristóteles que aponta o divino como forma sem matéria, perfeito em si mesmo. Esse Deus aristotélico entrou na igreja cristã e exerceu enorme influência, principalmente na formulação da teologia medieval.



RESUMO DO TÓPICO 3

Caro(a) acadêmico(a), neste tópico, você:

- Descobriu em que contexto a Teologia surgiu.
- Observou os primeiros questionamentos dos pensadores cristãos a respeito da fé.
- Analisou a estreita relação entre Filosofia e Teologia nos primeiros anos da fé cristã.

AUTOATIVIDADE



- 1 Ao estudar a erudição clássica, observamos estreita relação entre o pensamento dos filósofos e a teologia cristã. Tillich fala a respeito de tal influência, apontando cinco elementos fundamentais.
- a) Conceito de Transcendência.
 - b) Desvalorização da Existência.
 - c) A doutrina da “queda da alma da eterna participação no mundo essencial ou espiritual, sua degradação terrena num corpo físico, que procura se livrar da escravidão desse corpo, para finalmente se elevar acima do mundo material”.
 - d) A ideia da providência divina.
 - e) O “divino é forma sem matéria, perfeito em si mesmo”.

Pesquise sobre estes elementos e produza um texto para explicar o que há nele de filosófico e o que há de teológico.

FUNÇÃO DA TEOLOGIA

1 INTRODUÇÃO

A tarefa da Teologia é se esmerar dia a dia para alcançar o conhecimento de quem é a divindade.

A tarefa de quem faz Teologia é de hermenêuta, isto é, intérprete da Palavra de Deus revelada nas Sagradas Escrituras e na criação.

Se Deus deseja se revelar à humanidade, como Ele faria isso? Como Ele nos contaria a sua “história”? Talvez Ele pintaria um glorioso quadro da criação, que todos pudessem observar. Ou colocaria no coração humano instintos que apontassem para o Seu caráter. Mas, talvez, Ele pudesse até mesmo nos fornecer um roteiro que apresentasse a grande história de sua realidade.



“Análises bíblicas sérias mudarão a natureza da fé de qualquer estudante sério, talvez essa seja a razão mais estimulante de todas para começar o estudo bíblico de uma maneira séria”. (RAUSH, 2004, p. 60).

2 REVELAÇÃO



“Um texto não pode significar o que nunca significou”. (FEE; STUART, 2002, p. 26).

A verdadeira revelação do texto bíblico para nós é o que Deus originalmente pretendeu que significasse quando foi falado/escrito pela primeira vez. Não há necessidade de buscar colocar o texto de modo mais positivo, inserindo o seu ponto de vista sobre o assunto.

Grande parte da recente Teologia Neoprotestante degradou a tradicional ênfase evangélica, tachando-a de visionária e estática; insistiu que a autoridade bíblica deve ser experimentada internamente como testemunha da graça divina que gera fé e obediência.

Contudo, é evidente pela história da Teologia e da Filosofia que os esforços em preservar a realidade do Deus Vivo, Criador e Redentor, desvinculados da autoridade bíblica, sempre irão titubear em suas reflexões.



“A revelação é a manifestação de um amor transcendente e absoluto, um amor que é universal em sua intenção, no sentido de que é oferecido a todos os seres humanos de todos os tempos, independente de sexo, raça ou credo religioso”. (RAUSH, 2004, p. 129).

2.1 INTERPRETAÇÃO DAS SAGRADAS ESCRITURAS

A Bíblia é a mensagem de Deus para a humanidade, é a revelação da vontade divina para todas as pessoas. Portanto, deve ser disponibilizada na língua de cada tradição.

Quando o teólogo cristão se aproxima do texto bíblico, busca compreendê-lo à luz de certos elementos, como contexto histórico, linguagem, cultura e outras suposições do autor. Mas, ainda existem as suposições ou hipóteses do próprio hermenauta, que podem ser considerados “filtros culturais”.

Esses filtros, muitas vezes, ajudam, mas em outras dificultam o entendimento e a neutralidade de quem busca a compreensão do texto.

Não se pode tornar o estudo bíblico um exercício meramente acadêmico de investigação histórica, porque isso pode levar a todo tipo imaginável de erro já que não se estabelecem parâmetros de controle.

Deve-se buscar o significado original do texto através do que chamamos exegese e examinar o contexto bíblico ou através do que chamamos hermenêutica.

O segredo se revela em fazer as perguntas certas ao texto.



"O antídoto a má interpretação não é simplesmente nenhuma interpretação, mas, sim, a boa interpretação baseada nas diretrizes do bom senso". (FEE; STUART, 2002, p. 17).

LEITURA COMPLEMENTAR

Texto 1

INTERPRETAÇÃO DA CRIAÇÃO

Interessante é que tudo no mundo aponta para esta questão.

Nós somos cercados de exemplos de grandeza que, quando comparados a eles não temos outra escolha senão nos sentirmos pequenos.

Pense no céu à noite, com seu infindável caleidoscópio de estrelas e corpos planetários pairando em quantidades muito além do que nossas mentes podem imaginar. Ou nosso próprio ecossistema, que tem mantido a vida por tantos milhares de anos, além do que qualquer um de nós poderia viver. Ou nosso corpo, que hospeda milhares de microscópicos milagres todas as vezes que respiramos, ou abrimos os olhos, ou tocamos a mão de quem amamos.

Nosso instinto e o mundo natural, ao nosso redor, sugere que há um criador... um grande Deus.

Bem lá no fundo, nosso instinto nos diz que há algo maior acontecendo no Universo. Não somos simplesmente um punhado de moléculas que aleatoriamente se unem por uns setenta anos e depois morrem, às vezes esquecidos para sempre.

Até o mundo natural, ao nosso redor, sugere que há um Criador... um grande Deus. E em seu grande propósito para sua criação, nós experimentamos o maior sentimento de propósito quanto encontramos nosso lugar na história... na sua grande história.

FONTE: International Bible Society, 2006, p. 32-34.

Texto 2

REVELAÇÃO DA DIVINDADE

O conhecimento que Deus tem de si mesmo não proveio de comparar-se, ou contrastar-se, com algo fora de si mesmo: “Deus possuía em si mesmo todo o conhecimento desde toda a eternidade. Portanto, todos os conhecimentos que qualquer criatura finita poderia ter de Deus, quer a respeito d’Ele, quer a respeito do próprio Universo criado, depende da revelação de Deus”.

O Deus absoluto e eternamente consciente de si mesmo tomou iniciativa de se tornar conhecido à sua criação.

A revelação que Deus fez de si mesmo foi um autodesvendamento deliberado. Ninguém forçou a Deus a se tornar conhecido; ninguém o descobriu por acidente.

FONTE: BERGSTÉN, Eurico. **Teologia Sistemática**. RJ: CPAD, 2007.



RESUMO DO TÓPICO 4

Caro(a) acadêmico(a), neste tópico, você:

- Compreendeu que a tarefa que a Teologia busca desempenhar dia após dia é proporcionar conhecimento sobre a Divindade.
- Observou também qual é a função do intérprete das Sagradas Escrituras.
- Observou a importância quanto à fidelidade da Revelação Bíblica.

AUTOATIVIDADE



- 1 Explique o que são “filtros culturais” e como podem contribuir para a interpretação do texto bíblico.

DIVISÕES DA TEOLOGIA

1 INTRODUÇÃO

Os estudos teológicos se dividem em função do instrumental de análise, com a intenção de proporcionar um conhecimento adequado dos princípios, componentes e aplicações dos métodos de análise e seleção dos conteúdos.

2 TEOLOGIA BÍBLICA

A tarefa da Teologia Bíblica é recuperar o sentido histórico do texto bíblico pretendido pelo autor.

O fundamentalista aponta o sentido do texto com o sentido literal das palavras. Em contrapartida o teólogo procura descobrir o sentido pretendido pelo autor.

O teólogo adota diversos métodos de pesquisa históricos e literários para chegar ao sentido histórico do texto, entre eles a crítica histórica, que investiga o contexto histórico em que o texto foi produzido; a crítica da forma, que procura identificar as várias formas literárias presentes na Bíblia; a crítica da fonte, que procura identificar os materiais sobre os quais um autor pode ter se baseado; a crítica da redação, que procura descobrir a Teologia específica; e o ponto de vista de um autor e a crítica textual, que procura determinar o texto ou a versão original de uma obra literária.

A Teologia Bíblica é indutiva, pois a partir da pesquisa exegética faz suas afirmações. Em seu estudo, faz uso de técnicas emprestadas das demais ciências.

A Teologia Bíblica ainda divide-se em Teologia Bíblica do Novo Testamento e do Antigo Testamento.

Não há uma Teologia Bíblica unificada, o que há são diversas teologias das tradições bíblicas. Mesmo no Antigo Testamento, encontram-se as teologias dos livros históricos, e estas ainda se subdividem em outras teologias, de acordo com o método de pesquisa empregado.

2.1 ENFOQUE

O enfoque da Teologia Bíblica é estudar a literatura e a religião do mundo bíblico, a partir da investigação das culturas do mundo mediterrâneo antigo, bem como de suas línguas e suas histórias.

2.2 RECURSOS DE PESQUISA

Essa Teologia usa como recursos para a pesquisa que desenvolve instrumentos da historiografia, das ciências sociais, métodos filosóficos e processos exegéticos.

3 TEOLOGIA PRÁTICA

A Teologia Prática se dedica ao estudo dos valores que permeiam a vida cristã, identificando também os comportamentos que se afastam desses valores. Além disso, ocupa-se com a forma como são tomadas as decisões morais e sob quais orientações bíblicas e tradicionais o indivíduo deve caminhar.

Procura aplicar os critérios bíblicos e ensinamentos morais da Igreja, a fim de produzir frutos nas áreas sociais e dos direitos humanos, destacando a dignidade da pessoa como semelhante à imagem de Deus.

Realiza um trabalho pastoral, dedicando-se a servir e a formar a comunidade cristã através da pregação, do culto, do aconselhamento, da educação religiosa e do serviço.

3.1 ENFOQUE

O enfoque dessa Teologia é o prático, ou seja, uso de métodos que possam ser aplicados às necessidades pastorais das igrejas e que façam “a ponte” entre os ensinamentos bíblicos e o cotidiano dos fiéis.

Essa Teologia objetiva concretizar na vida dos fiéis as bem-aventuranças bíblicas.

3.2 RECURSOS DE PESQUISA

As fontes mais utilizadas para esse fim são as ciências pedagógicas e psicológicas.

4 TEOLOGIA HISTÓRICA

A Teologia Histórica estuda o desenvolvimento da fé e o desenrolar da tradição teológica em diferentes períodos da história.



"Uma boa Teologia Histórica é capaz de mostrar a diferença entre o desenvolvimento autêntico da tradição da igreja e as expressões particulares, historicamente condicionadas a uma doutrina que talvez precise ser repensada". (RAUSH, 2004, p. 18).

4.1 ENFOQUE

Essa Teologia preocupa-se com a atualização hermenêutica da revelação.

4.2 RECURSOS

O principal instrumento teórico da sistemática é a filosofia e a história.



RESUMO DO TÓPICO 5

Caro(a) acadêmico(a), neste tópico, você:

- Observou os traços marcantes de algumas ramificações da Teologia.
- Observou também quais são os métodos de pesquisa que o teólogo pode adotar.
- Obteve conhecimento sobre os recursos de pesquisa que estão ao alcance do teólogo.

AUTOATIVIDADE



1 Após o estudo desse tópico, faça uma autoavaliação, respondendo com qual das três teologias você mais se identifica. Justifique sua resposta.

HISTÓRIA DA TEOLOGIA

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- analisar o caminho que a Teologia percorreu desde os primeiros pensadores cristãos até os teólogos contemporâneos;
- utilizar a contribuição dos teólogos contemporâneos para compreender as diferentes ramificações que constituem o atual cenário teológico;
- traçar novas perspectivas sobre o futuro da teologia.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. No final de cada um deles você encontrará atividades que o(a) ajudarão a fixar os conteúdos abordados.

TÓPICO 1 – TRAJETÓRIA DA TEOLOGIA

TÓPICO 2 – A REFORMA

TÓPICO 3 – TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA



TRAJETÓRIA DA TEOLOGIA

1 INTRODUÇÃO

Em que consiste a fé? Toda investigação filosófica não poderia, de modo algum, contrariar as verdades estabelecidas por ela, precisava apenas demonstrar racionalmente as suas verdades.

Foi assim que surgiram os primeiros pensadores cristãos, defendendo o conhecimento da filosofia, pois viam a possibilidade de utilizá-la como instrumento a serviço do cristianismo, conciliando-a com a fé cristã, o que permitiria à Igreja enfrentar os descrentes e derrotar os hereges com armas racionais de argumentação lógica.

Nesse contexto, há dois momentos chamados Patrística e Escolástica.

2 PATRÍSTICA

No processo do desenvolvimento do cristianismo, houve a necessidade de uma explicação a respeito de suas doutrinas.

A igreja católica sabia que estas doutrinas não podiam ser impostas pela força, tinham de ser apresentadas de maneira convincente, mediante um trabalho de pregação e conquista espiritual.

Foi assim que os primeiros pais da Igreja se empenharam na elaboração de diversos escritos sobre a fé e a revelação cristãs. Tais tratados eram dirigidos aos iniciantes na fé cristã e nem sempre mostravam a totalidade da reflexão teológica da época. Mas, em geral, denunciavam preocupações com os costumes, orientações, dúvidas e os problemas mais frequentes.

O conjunto destes escritos ficou conhecido como Patrística.



Pais da igreja: denominação dada aos primeiros pensadores e escritores da igreja católica, especialmente aqueles que viveram entre os séculos IV e VIII.



Como sugestão, leia o livro "Os Pais da Igreja", de Hans von Campenhausen.

3 ESCOLÁSTICA

Foi assim denominado o período que privilegiou o conhecimento e os estudos teológicos, no qual se buscou uma sistematização da filosofia cristã, destacando-se aqui a figura de Santo Tomás de Aquino.

Esse movimento e sua teologia surgiram entre os séculos XI e XV como um tipo predominante de vida intelectual e educativa.

O saber escolástico dinamizou de certo modo a visão da Igreja em relação ao seu tempo, orientando e desenvolvendo um novo olhar sobre a doutrina cristã.

Enfatizavam temas como o dogma da trindade, a encarnação de Deus Filho, a liberdade e a salvação, a relação entre fé e razão.

É importante notar que, embora a escolástica tenha sido um só movimento, ela não representou uma única escola. Havia várias tendências motivadas pela renovação da Igreja e pela utilização da filosofia na educação da época.

Nem todos os clérigos se satisfizeram com tal erudição teológica. Por isso houve discórdia, principalmente entre dominicanos (dados à reflexão) e franciscanos (amantes da prática piedosa). Tais divergências contribuíram para o descontentamento que gerou a Reforma Protestante, protagonizada por Martinho Lutero.



"Se é correto que a verdade da fé cristã ultrapassa as capacidades da razão humana, nem por isso os princípios inatos naturalmente à razão podem estar em contradição com esta verdade sobrenatural" (Santo Tomás de Aquino, 2003).



Dogma: ponto fundamental e indiscutível de uma crença religiosa.



RESUMO DO TÓPICO 1

Caro(a) acadêmico(a), neste tópico, você:

- Obteve conhecimento quanto à trajetória da Teologia.
- Observou dois momentos marcantes da história da Teologia: patrística e escolástica.

AUTOATIVIDADE



1 Ao estudar esse tópico observamos que, no período de desenvolvimento do cristianismo, a igreja católica percebeu que não podia impor pela força as suas doutrinas. Você observa esse mesmo procedimento na Igreja de hoje de um modo geral? Justifique.



1 INTRODUÇÃO

Em 1517 o Papa Leão X decretou a venda de indulgências que assegurariam o perdão dos pecados de uma pessoa em troca de uma quantia em dinheiro, que seria usado na construção da Basílica de São Pedro.

A Reforma foi um movimento que começou no século XVI com uma série de tentativas de reformar a igreja católica romana, com o intuito moralizador.

Denominou a exortação ao regresso dos valores cristãos de cada indivíduo, levantando a possibilidade de o indivíduo poder chegar-se a Deus e obter o perdão e a salvação. Sendo assim, o homem seria salvo pela fé e não por obras da carne.

Pode-se dizer que a Reforma democratizou a interpretação bíblica.

2 CAUSAS DA REFORMA

A instituição católica se contradizia e a insatisfação com a diferença entre a pregação e a ascensão econômica do clero incomodava muitas pessoas, desde os comerciantes até os trabalhadores do campo e artesãos.

Enquanto se pregava, por um lado, a pobreza e a humildade, por outro, se vendiam indulgências.

O poder da igreja católica era tão amplo que sua autoridade era quase inquestionável e quem ousasse discordar de seus ensinamentos era considerado herege.

Ocorreram críticas a tal domínio da igreja católica, criando um ambiente favorável ao desenvolvimento da Reforma Protestante.

As maiores críticas concentravam-se principalmente na venda de cargos eclesiásticos a pessoas que não tinham vocação religiosa, no luxo e na riqueza em que viviam os membros do alto clero, no despreparo intelectual de grande parte dos padres.

No século XV o fortalecimento da burguesia e o interesse dos reis em ampliar seu poder foram decisivos para fortalecer tais críticas à igreja católica provocando a sua divisão.

A burguesia pretendia aumentar seus lucros e acumular riquezas, o que era condenado pela Igreja, embora ela mesma fosse riquíssima e grande proprietária de terras.

Os reis precisavam aumentar seu poder, mas viam na força da Igreja um obstáculo para conquistar esse objetivo.

Tais abusos geraram o episódio de 31 de outubro de 1517, quando Martinho Lutero afixou na igreja de Wittenberg, na Alemanha, as 95 teses, escritas em latim, que criticavam alguns dogmas da igreja católica.



Indulgência: objeto utilizado como remissão das penas relativas aos pecados.

3 PRINCIPAIS REFORMADORES

É notável lembrar que os teólogos reformadores não extraíram suas reflexões a partir do nada. Cada um deles elaborou sua crítica em meio ao contexto em que surgiu, a igreja católica. Portanto, assim como o cristianismo, de uma forma geral, não pode negar sua raiz judaica, o protestantismo precisa admitir certa liderança católica.

3.1 JOHN WYCLIFFE (1330-1384)

Nasceu por volta de 1330 em uma fazenda no interior da Inglaterra.

Ficou famoso como o teólogo mais brilhante na mais antiga e renomada Universidade da Inglaterra.

FIGURA 2 – JOHN WYCLIFFE



FONTE: Disponível em: <www.reformation.org>. Acesso em: 20 out. 2008.

Na Universidade aplicou-se aos estudos de teologia, filosofia e legislação canônica. Tornou-se sacerdote e depois serviu como professor no Balliol College, em Oxford. Por volta de 1365 tornou-se bacharel em teologia e, em 1372, tornou-se doutor em teologia.

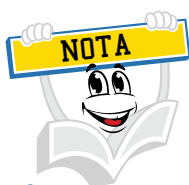
Como teólogo destacou-se pela firme defesa dos interesses nacionais contra as demandas do papado, ganhando reputação de patriota e reformista. Afirmava que havia um grande contraste entre o que a igreja era e o que deveria ser. Com suas aulas, sermões e textos escritos, Wycliffe lançou uma campanha vigorosa contra a igreja, preparando o caminho para a Reforma, que ocorreu um século depois.

Suas ideias apontavam a incompatibilidade entre várias normas do clero e os ensinamentos de Jesus e seus apóstolos.

Queria o retorno da Igreja à primitiva pobreza do tempo dos evangelistas, o que, em sua visão, era incompatível com o poder temporal do papa e dos cardeais.

Fez profundas críticas ao papado de Avignon por causa do sistema de venda de indulgências e a vida esbanjadora e luxuosa de padres, bispos e religiosos sustentados com o dinheiro do povo.

Por causa de sua falta de confiança na autoridade da Igreja, bem como seu respeito pelas Escrituras, Wycliffe começou a pressionar para que houvesse uma tradução inglesa da Bíblia.



“Os ingleses aprendem a lei de Cristo melhor em inglês. Moisés ouviu a lei de Deus na sua própria língua, e assim fizeram os apóstolos de Cristo” (WYCLIFFE, 2008).

Os líderes da igreja se opuseram violentamente à Bíblia em inglês. Henry Knighton, escritor católico da época, resumiu a posição da Igreja: “Cristo deu o seu evangelho ao clero e aos doutores estudados da Igreja, para que eles o dessem aos leigos [...] Wycliffe, ao traduzir a Bíblia, tornou-a propriedade das massas, comum a todos, mas aberta ao laicato e até às mulheres que sabiam ler [...] Assim, a pérola do evangelho está sendo atirada aos porcos [...] A joia do clero transformou-se no passatempo dos leigos” (WYCLIFFE, 2008).

Apesar dos conflitos com a Igreja, Wycliffe nunca foi condenado como herege durante a sua vida.

A data provável de sua morte é 1384.

LEITURA COMPLEMENTAR

UM TRECHO DA BÍBLIA DE WYCLIFFE



Página da primeira Bíblia em inglês, século XIV.

Na época de Wycliffe, havia três dialetos principais na Inglaterra. Wycliffe e seus seguidores decidiram traduzir a Bíblia Latina no dialeto central da Inglaterra, que era popular na região situada ao redor de Londres. Sua Bíblia ajudou a unir a língua inglesa. O inglês dessa tradução é bastante antigo e difere bastante do inglês moderno. Por exemplo, João, 3:16 começa assim: *“Forsothe God so louede the world, that He gaf his oon bigetun sone”*. Em inglês moderno, fica assim: *“For God so loved the world, that He gave his only begotten Son”* (“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho Unigênito”). Essas diferenças são bem mais acentuadas do que as diferenças que existem entre o texto da tradução de Almeida, feita no século XVII, e a edição atual desse texto. Na primeira edição do Novo Testamento de Almeida, de 1681, Atos, 1:6 diz assim: *“Entonces os que se havia ajuntado, lhe*

perguntarão, dizendo: Senhor, restauraras tu neste tempo o Reyno a Israel?” Na versão de Almeida Revista e Atualizada, de 1993, o mesmo texto aparece assim: *“Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?”*

3.2 JAN HUS (1369-1415)

FIGURA 3 – JAN HUS



FONTE: Disponível em: <www.eref.de>. Acesso em: 20 out. 2008.

Mais conhecido por João Hus, nasceu em Husinec, possivelmente em 1369.

Era um camponês da Boêmia que deixou sua família para se tornar um sacerdote e um erudito de renome. Foi um pensador e reformador religioso. Iniciou um movimento religioso baseado nas ideias de John Wycliffe.

Teve de ganhar a vida cantando e prestando serviço na Igreja. Sentiu-se atraído pela profissão clerical não tanto por vocação, mas pela atração de uma vida tranquila.

Em 1393 fez bacharelado em letras, em 1394, bacharelado em teologia, e em 1396, mestrado. Em 1400 foi ordenado padre, e em 1401 tornou-se reitor da faculdade de filosofia, tornando-se no ano seguinte reitor da Universidade Carlos. Em 1402 foi nomeado pregador na igreja de Belém, em Praga.

Sua inclinação para reformas eclesiásticas foi despertada pelos escritos teológicos de Wycliffe.

Pregava o Sacerdócio Universal dos crentes, ressaltando que a Bíblia deveria ser a autoridade suprema para os cristãos e não a hierarquia da Igreja. Qualquer pessoa poderia comunicar-se com Deus sem a mediação humana.

A igreja católica não perdoou tais rebeliões e ele foi excomungado em 1410. Condenado pelo Concílio de Constança, foi queimado vivo.

Antes de ser queimado, Hus disse as seguintes palavras: “Vocês hoje estão queimando um ganso (*Hus* significa “ganso”, na língua boêmia), mas dentro de um século, encontrar-se-ão com um cisne e este cisne vocês não poderão queimar” (HUS. Disponível em: <saber.sapo.ao/wiki/Hussita>. Acesso em: 20 out. 2008.

Costuma-se relacionar Martinho Lutero com esta profecia (que 102 anos depois pregou suas 95 teses em Wittenberg), identificando-o com um cisne.

Seus seguidores ficaram conhecidos como hussitas.

3.3 MARTINHO LUTERO (1483-1546)

FIGURA 4 – MARTINHO LUTERO



FONTE: Disponível em: <joaobosco.wordpress.com>. Acesso em: 20 out. 2008.

Nasceu em 1483 em Eisleben. Foi um teólogo alemão. Seu desejo em obter títulos acadêmicos o levou a estudar as Escrituras em profundidade. Influenciado por sua formação humanista, mergulhou nos estudos sobre a igreja primitiva. Devido a isso, termos como “penitência” e “honestidade” ganharam novo significado para ele.

Convencido de que a Igreja havia distorcido sua visão acerca de várias verdades do cristianismo ensinadas nas Escrituras, sendo a mais importante delas a doutrina da chamada “Justificação” apenas pela fé, começou a ensinar que a salvação era um benefício concedido apenas por Deus, dado pela graça divina através de Jesus Cristo e recebida apenas por meio da fé.

Criticou o sistema, destacando a venda de indulgências. Contudo, é provável que o objetivo inicial de Lutero tenha sido apenas tornar públicas as suas ideias.

Era prática comum entre os universitários promover debates, chamados também disputas, que envolviam professores e estudantes, sendo que aqueles que não pudessem comparecer enviavam suas opiniões por escrito. Foi assim que ele escreveu (publicou) suas tão conhecidas 95 teses.

O impacto que essas teses ocasionaram no meio religioso da época provocou o “racha” da instituição católica.

A Bíblia passou a ser interpretada por si mesma, mediante a graça e a fé em Deus. Os reformadores, críticos da teologia católica, rejeitaram a influência filosófica sobre a interpretação.

Nesse período a teologia passou a ser considerada revelação de Deus nas Escrituras Sagradas.

A teologia da Cruz é cristocêntrica, ou seja, para o cristão, Cristo é tudo, Ele é o eixo central da reflexão teológica. Essa foi a marca distintiva da teologia de Lutero.



Carta de Indulgência de 1484. Tais cartas eram, às vezes, enviadas a determinadas igrejas que, por sua vez, garantiam indulgência parcial a todos os que visitassem aquela igreja em um certo dia de festa e indulgência plenária para aqueles que a visitassem regularmente e realizassem certas orações ou rituais naquele lugar. Embaixo são pendurados os selos papais.



LEITURA COMPLEMENTAR

AS 95 TESES DE MARTINHO LUTERO

1ª Tese

Dizendo nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo: Arrependei-vos... etc., certamente quer que toda a vida dos seus crentes na terra seja contínuo e de ininterrupto arrependimento.

2ª Tese

E esta expressão não pode e não deve ser interpretada como referindo-se ao sacramento da penitência, isto é, à confissão e satisfação, a cargo dos sacerdotes.

3ª Tese

Todavia não quer que apenas se entenda o arrependimento interno; o arrependimento interno nem mesmo é arrependimento quando não produz toda sorte de mortificação da carne.

4ª Tese

Assim sendo, o arrependimento e o pesar, isto é, a verdadeira penitência, perdura enquanto o homem se desagradar de si mesmo, a saber, até a entrada para a vida eterna.

5ª Tese

O papa não quer e não pode dispensar de outras penas além das que impôs ao seu alvitre ou nem acordo com os cânones, que são estatutos papais.

6ª Tese

O papa não pode perdoar dívida, senão declarar e confirmar aquilo que já foi perdoado por Deus, ou então o faz nos casos que lhe foram reservados. Nestes casos, se desprezados, a dívida em absoluto deixaria de ser anulada ou perdoada.

7ª Tese

Deus a ninguém perdoa a dívida sem que ao mesmo tempo o subordine, em sincera humildade, ao ministro, seu substituto.

8ª Tese

Cânones *poenitentiales*, que são as ordenanças de prescrição da maneira em que se deve confessar e expiar, apenas são impostos aos vivos, e, de acordo com as mesmas ordenanças, não dizem respeito aos moribundos.

9ª Tese

Eis por que o Espírito Santo nos faz bem mediante o papa, excluindo este de todos os seus decretos ou direitos o artigo da morte e da necessidade suprema.

10ª Tese

Procedem desajuizadamente e mal os sacerdotes que reservam e impõem aos moribundos penitências canônicas ou para o purgatório a fim de ali serem cumpridas.

11ª Tese

Este joio, que é o de transformar a penitência e satisfação, prevista pelos cânones ou estatutos, em penitência ou penas do purgatório, foi semeado enquanto os bispos dormiam.

12ª Tese

Outrora canônica *poenae*, ou seja, penitência e satisfação por pecados cometidos, eram impostos, não depois, mas antes da absolvição, com a finalidade de provar a sinceridade do arrependimento e do pesar.

13ª Tese

Os moribundos tudo satisfazem com a sua morte e estão mortos para o direito canônico, sendo, portanto, dispensados, com justiça, de sua imposição.

14ª Tese

Piedade ou amor imperfeitos da parte daquele que se acha às portas da morte, necessariamente resultam em grande temor; logo, quanto menos o amor, tanto maior o temor.

15ª Tese

Este temor e espanto em si tão só, sem nos referirmos a outras coisas, basta para causar o tormento e o horror do purgatório, pois se avizinham da angústia do desespero.

16ª Tese

Inferno, purgatório e céu parecem ser tão diferentes quanto o são um do outro o desespero completo, incompleto ou quase desespero e certeza.

17ª Tese

Parece que assim como no purgatório diminuem a angústia e o espanto das almas, também deve crescer e aumentar o amor.

18ª Tese

Bem assim parece não ter sido provado, nem por boas razões e nem pela Escritura, que as almas do purgatório se encontram fora da possibilidade do mérito ou do crescimento no amor.

19ª Tese

Parece ainda não ter sido provado que todas as almas do purgatório tenham certeza de sua salvação e não receiem mais por ela, não obstante nós termos esta certeza.

20ª Tese

Por isso o papa não quer dizer e nem compreender com as palavras “perdão plenário de todas as penas” o perdão de todo o tormento, mas tão só as penas por ele impostas.

21ª Tese

Eis por que erram os apregoadores de indulgências ao afirmarem ser o homem perdoado de todas as penas e salvo mediante indulgência do papa.

22ª Tese

Com efeito, o papa nenhuma pena dispensa às almas do purgatório das que, segundo os cânones da igreja, deviam ter expiado e pago na presente vida.

23ª Tese

Verdade é que se houver qualquer perdão plenário das penas, este apenas será dado aos mais perfeitos, que são muito poucos.

24ª Tese

Logo, a maioria do povo é ludibriado com as pomposas promessas do indistinto perdão, impressionando-se o homem singelo com as penas pagas.

25ª Tese

Exatamente o mesmo poder geral que o papa tem sobre o purgatório, qualquer bispo e cura d'almas o tem no seu bispado e na sua paróquia, quer de modo especial e quer para com os seus em particular.

26ª Tese

O papa faz muito bem em não conceder o perdão às almas em virtude do poder das chaves (coisa que não possui), mas pela ajuda ou em forma de intercessão.

27ª Tese

Pregam futilidades humanas quantos alegam que, no momento em que a moeda soa ao cair na caixa, a alma se vai do purgatório.

28ª Tese

Certo é que, no momento em que a moeda soa na caixa, vem lucro, e o amor ao dinheiro cresce e aumenta; a ajuda, porém, ou a intercessão da igreja tão só correspondem à vontade e ao agrado de Deus.

29ª Tese

E quem sabe, se todas as almas do purgatório querem ser libertadas, quando há quem diga o que sucedeu com S. Severino e Pascoal.

30ª Tese

Ninguém tem certeza da suficiência do arrependimento e pesar verdadeiros, muito menos certeza pode ter de haver alcançado pleno perdão dos seus pecados.

31ª Tese

Tão raro como existe alguém que possui arrependimento e pesar verdadeiros, tão raro também é aquele que verdadeiramente alcança indulgência, sendo bem poucos os que se encontram.

32ª Tese

Irão para o diabo, juntamente com os seus mestres, aqueles que julgam obter certeza de sua salvação mediante breves de indulgência.

33ª Tese

Há que acautelar-se muito e ter cuidado daqueles que dizem: A indulgência do papa é a mais sublime e mais preciosa graça ou dádiva de Deus, pela qual o homem é reconciliado com Deus.

34ª Tese

Tanto assim que a graça da indulgência apenas se refere à pena satisfatória, estipulada por homens.

35ª Tese

Ensinam de maneira ímpia quantos alegam que aqueles que querem livrar almas do purgatório ou adquirir breves de confissão não necessitam de arrependimento e pesar.

36ª Tese

Todo cristão que se arrepende verdadeiramente dos seus pecados e sente pesar por ter pecado, tem pleno perdão da pena e da dívida, perdão esse que lhe pertence mesmo sem breve de indulgência.

37ª Tese

Todo e qualquer cristão verdadeiro, vivo ou morto, é participante de todos os bens de Cristo e da Igreja, por dádiva de Deus, mesmo sem breve de indulgência.

38ª Tese

Entretanto se não devem desprezar o perdão e a distribuição deste pelo papa. Pois, conforme declarei, o seu perdão consiste numa declaração do perdão divino.

39ª Tese

É extremamente difícil, mesmo para os mais doutos teólogos, exaltar diante do povo ao mesmo tempo a grande riqueza da indulgência e, ao contrário, o verdadeiro arrependimento e pesar.

40ª Tese

O verdadeiro arrependimento e pesar buscam e amam o castigo; mas a profusão da indulgência livra das penas e faz com que se as aborreça, pelo menos quando há oportunidade para tanto.

41ª Tese

É necessário pregar cautelosamente sobre a indulgência papal, para que o homem singelo não julgue erradamente ser a indulgência preferível às demais obras de caridade ou melhor do que elas.

42ª Tese

Deve-se ensinar aos cristãos, não ser pensamento e opinião do papa que a aquisição de indulgências de alguma maneira possa ser comparada com qualquer obra de caridade.

43ª Tese

Deve-se ensinar aos cristãos, proceder melhor quem dá aos pobres ou empresta ao necessitado do que os que compram indulgência.

44ª Tese

É que pela obra de caridade cresce o amor ao próximo e o homem torna-se mais piedoso; pelas indulgências, porém, não se torna melhor senão mais seguro e livre da pena.

45ª Tese

Deve-se ensinar aos cristãos que aquele que vê seu próximo padecer necessidade e, a despeito disto, gasta dinheiro com indulgências, não adquire indulgência do papa, mas desafia a ira de Deus.

46ª Tese

Deve-se ensinar aos cristãos que, se não tiverem fartura, fiquem com o necessário para a casa e de maneira nenhuma os esbanjem com indulgências.

47ª Tese

Deve-se ensinar aos cristãos ser a compra de indulgências livre e não ordenada.

48ª Tese

Deve-se ensinar aos cristãos que, se o papa precisa conceder mais indulgências, mais necessita de uma oração fervorosa do que de dinheiro.

49ª Tese

Deve-se ensinar aos cristãos serem muito boas as indulgências do papa enquanto o homem não confiar nelas; mas muito prejudiciais quando, em consequência delas, se perde o temor de Deus.

50ª Tese

Deve-se ensinar aos cristãos que, se o papa tivesse conhecimento da traficância dos apregoadores de indulgência, preferiria ver a basílica de São Pedro ser reduzida a cinzas a ser edificada com a pele, a carne e os ossos de suas ovelhas.

51ª Tese

Deve-se ensinar aos cristãos que o papa, por um dever seu, preferiria distribuir o seu dinheiro aos que, em geral, são despojados do dinheiro pelos apregoadores de indulgência, vendendo, se necessário, a própria basílica de São Pedro.

52ª Tese

Esperar ser salvo mediante breves de indulgência é vaidade e mentira, mesmo se o comissário de indulgências e o próprio papa oferecessem sua alma como garantia.

53ª Tese

São inimigos de Cristo e do papa quantos por causa da prédica de indulgências proíbem a palavra de Deus nas demais igrejas.

54ª Tese

Comete-se injustiça contra a palavra de Deus quando, no mesmo sermão, se consagra tanto ou mais tempo à indulgência do que à pregação da palavra do Senhor.

55ª Tese

A intenção do papa não pode ser outra do que celebrar a indulgência, que é a coisa menor, com um toque de sino, uma pompa, uma cerimônia, enquanto o evangelho, que é o essencial, importa ser anunciado mediante cem toques de sino, centenas de pompas e solenidades.

56ª Tese

Os tesouros da Igreja, dos quais o papa tira e distribui as indulgências, não são bastante mencionados e nem suficientemente conhecidos na Igreja de Cristo.

57ª Tese

É evidente que não são bens temporais, porquanto muitos pregadores não os distribuem com facilidade, antes os ajuntam.

58ª Tese

Também não são os merecimentos de Cristo e dos santos, porquanto estes sempre são suficientes, e, independente do papa, operam graça do homem interior e são a cruz, a morte e o inferno do homem exterior.

59ª Tese

São Lourenço chama aos pobres, os quais são membros da Igreja, tesouros da Igreja, mas no sentido em que a palavra era usada na sua época.

60ª Tese

Afirmamos com boa razão, sem temeridade ou leviandade, que estes tesouros são as chaves da Igreja, que lhe foram dadas pelo merecimento de Cristo.

61ª Tese

Evidente é que, para o perdão das penas e para a absolvição em determinados casos, o poder do papa por si só basta.

62ª Tese

O verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo evangelho da glória e da graça de Deus.

63ª Tese

Este tesouro, porém, é muito desprezado e odiado, porquanto faz com que os primeiros sejam os últimos.

64ª Tese

Enquanto isso o tesouro das indulgências é notoriamente o mais apreciado, porque faz com que os últimos sejam os primeiros.

65ª Tese

Por essa razão os tesouros evangélicos foram outrora as redes com que se apanhavam os ricos e abastados.

66ª Tese

Os tesouros das indulgências, porém, são as redes com que hoje se apanham as riquezas dos homens.

67ª Tese

As indulgências, apregoadas pelos seus vendedores como a mais sublime graça, decerto assim são consideradas porque lhes trazem grandes proventos.

68ª Tese

Nem por isso semelhante indulgência é a mais ínfima graça, comparada com a graça de Deus e a piedade da cruz.

69ª Tese

Os bispos e os sacerdotes são obrigados a receber os comissários das indulgências apostólicas com toda reverência.

70ª Tese

Entretanto tem muito maior dever de conservar abertos os olhos e ouvidos, para que estes comissários, em vez de cumprirem as ordens recebidas do papa, não apregoem os seus próprios sonhos.

71ª Tese

Quem levanta a sua voz contra a verdade das indulgências papais é excomungado e maldito.

72ª Tese

Aquele, porém, que se insurgir contra as palavras insolentes e arrogantes dos apregoadores de indulgências, seja abençoado.

73ª Tese

Da mesma maneira em que o papa usa de justiça ao fulminar com a excomunhão aos que, em prejuízo do comércio de indulgências, procedem astuciosamente.

74ª Tese

Muito mais deseja atingir com o desfavor e a excomunhão àqueles que, sob pretexto de indulgências, prejudicam a santa caridade e a verdade pela sua maneira de agirem.

75ª Tese

Considerar a indulgência do papa tão poderosa, a ponto de absolver alguém dos pecados, mesmo que (coisa impossível de se expressar) tivesse deflorado a mãe de Deus, significa ser demente.

76ª Tese

Bem ao contrário, afirmamos que a indulgência do papa nem mesmo pode anular o menor pecado venial no que diz respeito à culpa que representa.

77ª Tese

Afirmar que nem mesmo São Pedro, se no momento fosse papa, poderia dispensar maior indulgência, constitui insulto contra São Pedro e o papa.

78ª Tese

Dizemos, ao contrário, que o atual papa, e todos os que o sucederam, é detentor de muito maior indulgência, isto é, o evangelho, dom de curar etc., de acordo com o que diz 1 Coríntios, 12:6-9.

79ª Tese

Alegar ter a cruz de indulgências, erguida e adornada com as armas do papa, tanto valor como a própria cruz de Cristo é blasfêmia.

80ª Tese

Os bispos, padres e teólogos que consentem em semelhante linguagem diante do povo, terão de prestar contas desta atitude.

81ª Tese

Semelhante pregação, a enaltecer atrevida e insolentemente a indulgência, torna difícil até homens doutos defenderem a honra e dignidade do papa contra a calúnia e as perguntas mordazes e astutas dos leigos.

82ª Tese

Haja vista exemplo como este: Por que o papa não livra duma só vez todas as almas do purgatório, movido pela santíssima caridade e considerando a mais premente necessidade das mesmas, havendo santa razão para tanto, quando, em troca de vil dinheiro para a construção da basílica de São Pedro, livra inúmeras delas, logo por motivo bastante infundado?

83ª Tese

Outrossim: Por que continuam as exéquias e missas de ano em sufrágio das almas dos defuntos e não se devolve o dinheiro recebido para esse fim ou não se permite os doadores busquem de novo os benefícios ou prebendas oferecidos em favor dos mortos, quando já não é justo continuar a rezar pelos que se acham remidos?

84ª Tese

E: Que nova santidade de Deus e do papa é esta a consentir a um ímpio e inimigo resgate uma alma piedosa e agradável a Deus por amor ao dinheiro e não livrar esta mesma alma piedosa e amada por Deus do seu tormento por amor espontâneo e sem paga?

85ª Tese

E: Por que os cânones de penitência, isto é, os preceitos de penitência, que faz muito caducaram e morreram de fato pelo desuso, tornam a remir mediante dinheiro, pela concessão de indulgência, como se continuassem em vigor e bem vivos?

86ª Tese

E: Por que o papa, cuja fortuna é maior do que a de qualquer Creso, não prefere construir a basílica de São Pedro de seu próprio bolso em vez de o fazer com o dinheiro de cristãos pobres?

87ª Tese

E: Que perdoa ou concede o papa pela sua indulgência àqueles que pelo arrependimento completo têm direito ao perdão ou indulgência plenária?

88ª Tese

Afinal: Que benefício maior poderia receber a Igreja se o papa, que atualmente o faz uma vez ao dia, cem vezes ao dia concedesse aos fiéis este perdão a título gratuito?

89ª Tese

Visto o papa visar mais à salvação das almas mediante a indulgência do que o dinheiro, por que razão revoga os breves de indulgência outrora por ele concedidos, quando tem sempre as mesmas virtudes?

90ª Tese

Desfazer estes argumentos muito sutis dos leigos, recorrendo apenas à força e não por razões sólidas apresentadas, significa expor a Igreja e o papa ao escárnio dos inimigos e desgraçar os cristãos.

91ª Tese

Se, portanto, a indulgência fosse apregoada no espírito e sentido do papa, estas objeções poderiam ser facilmente respondidas e nem mesmo teriam surgido.

92ª Tese

Fora, pois, com todos este pregadores que dizem à Igreja de Cristo: Paz! Paz! sem que haja paz!

93ª Tese

Abençoados, porém, sejam todos os pregadores que dizem à Igreja de Cristo: Cruz! Cruz!, sem que haja cruz!

94ª Tese

Admoestem-se os cristãos a que se empenhem em seguir seu Cabeça, Cristo, através da cruz, da morte e do inferno.

95ª Tese

E desta maneira mais esperem entrar no reino dos céus por muitas aflições do que confiando em promessas de paz infundadas.

FONTE: As 95 Teses afixadas por Martinho Lutero na Abadia de Wittenberg a 31 de outubro de 1517, fundamentalmente "Contra o Comércio das Indulgências". Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/95teses.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2008.



Assista ao filme



3.4 JOÃO CALVINO (1509-1564)

FIGURA 5 – JOÃO CALVINO



FONTE: <Disponível em: <http://sextadimensaocepfps.blogspot.com/>>. Acesso em: 2 jun. 2008.

João Calvino nasceu no ano de 1509 em Genebra. Foi um teólogo cristão francês e herdou o interesse pela religião de seu pai.

Nunca foi ordenado sacerdote, porém mostrou vocação desde criança e, por isso, foi colocado no colégio dos Capeto e, posteriormente, admitido entre os filhos do senhor de Mommor.

Estudou teologia e direito, destacando-se pela escrita de diversos discursos de conteúdo crítico e herético do ponto de vista da igreja católica.

Sua teologia era teocêntrica, ou seja, compreendia que Deus era o centro de toda reflexão e percepção das coisas relacionadas à religião e à sociedade.

Fez oposição ao grupo dos católicos, discordou dos luteranos e assinalou pontos como: a existência da Trindade, a encarnação do Filho de Deus, o nascimento virginal de Jesus, a natureza humana e divina do Filho de Deus, a graça, a predestinação e o pecado original.

Para ele a salvação não era direcionada a toda a humanidade. Somente os escolhidos por Deus herdariam o Reino dos Céus. Trata-se da dupla predestinação, muito debatida até os dias de hoje.

4 CONTRARREFORMA

Trata-se da Reforma Católica que teve início no interior da própria Igreja com a dupla finalidade de conter o avanço do protestantismo e discutir as críticas internas da Igreja.

A igreja católica se mobilizou para reconquistar seus fiéis e conseguir novos adeptos. Neste contexto, a Igreja tomou medidas de reorganização de sua estrutura. Tudo ocorreu sob orientação dos chamados papas reformadores, sendo o primeiro deles Adriano VI, depois Clemente VII, em seguida os papas Paulo III, Paulo IV, Pio V e Sixto V.

As finanças da Igreja foram reorganizadas, exigindo-se o preenchimento dos cargos da Igreja por padres destacados pela integridade moral e adotou-se uma política intolerante com os padres de conduta duvidosa.

Entre 1545 e 1563 os cardeais da igreja católica, sob a direção do papa, reuniram-se na cidade de Trento, localizada na atual Itália, para discutir as reformas.

Basicamente, o Concílio de Trento reafirmou a doutrina católica e a organização da Igreja.

Entre os instrumentos da Contrarreforma encontramos a criação do índice dos livros proibidos – O Index, uma lista de livros censurados pela Igreja que os considerava prejudiciais à sua fé.



RESUMO DO TÓPICO 2

Caro(a) acadêmico(a), neste tópico, você:

- Observou quais foram os movimentos que deram origem à liberdade cristã.
- Compreendeu o papel dos reformadores dentro da teologia cristã.
- Obteve conhecimento sobre a vida e obra dos principais reformadores da Igreja.

AUTOATIVIDADE



1 Com base nos apontamentos relacionados como “causas da Reforma”, você acredita que a igreja atual precisa passar por uma nova reforma? Produza um texto com sua posição sobre o assunto.



TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA

1 INTRODUÇÃO

A teologia contemporânea é datada por volta do século XIX. Contudo, para que suas características possam ser compreendidas, faz-se necessário um breve retorno ao século XVIII.

No final do século XVIII, o antigo ideal exegético de reconstruir o sentido original do texto ressurgiu com Friedrich Schleiermacher, marcando a passagem da hermenêutica para o *status* de filosofia, fazendo com que essa disciplina entrasse no rol das ciências humanas.

O desenrolar das afirmações feitas por Schleiermacher tornou-se fundamental para uma boa compreensão da literatura bíblica, culminando no que chamamos teologia liberal.

2 TEÓLOGOS CONTEMPORÂNEOS

2.1 FRIEDRICH SCHLEIERMACHER – (1768-1834)

Schleiermacher foi o primeiro teólogo do Romantismo e um dos precursores do Modernismo. Era de família pietista. Pertenceu e foi educado em um grupo dos irmãos morávios. Essas origens explicam sua indiferença dogmática e sua redução da fé a um mero sentimento do coração.

Entrou na Universidade de Halle, foi pastor protestante em Berlim e estudou Spinoza e Kant que acabaram por destruir nele todo cristianismo verdadeiro.

Em 1799, publicou sua primeira obra, **Discursos sobre a Religião**. Em 1800 publicou **Cartas Confidenciais** nas quais explicava a teoria exposta por Schlegel no romance **Lucinda**, segundo o qual haveria uma unidade entre o elemento espiritual divino e o sentimento humano no amor.

Em 1803, ele publicou a obra **Crítica da Doutrina Moral** e tornou-se professor em Halle, depois em Berlim.

Em 1822 publicou sua principal obra, **A Fé Cristã**.

Schleiermacher considerava que o homem era incapaz de aceder ao conhecimento das coisas. Para ele, a realidade última seria a identidade do Espírito e da Natureza, no universo ou Deus.

Essa identidade não poderia ser alcançada pela inteligência, mas somente pelo sentimento, que seria a própria essência da religião. A religião seria sentimento e nunca pensamento. Para ele a religião era absolutamente separada da Filosofia e da moral.

Schleiermacher concebeu a religião mais como algo relacionado com o coração do que com o intelecto, mais uma questão de fé do que de conhecimento.

2.2 RUDOLF BULTMANN – (1884-1976)

Teólogo e escritor protestante alemão, Bultmann foi muito discutido nos círculos protestantes como nos católicos por sua interpretação dos Evangelhos, da pessoa de Jesus e de sua mensagem.

A teologia de Bultmann foi construída, enquanto catedrático na Faculdade de Teologia de Marburg, pela influência de Martin Heidegger, professor de Filosofia na mesma universidade.

Bultmann defende que a fé se apoia na “*sola fides*” e, portanto, a fé não precisa se apoiar na história de Jesus. Isto tem ligação com sua crença protestante luterana.

2.3 PAUL JOHANNES TILLICH – (1866-1965)

Teólogo alemão, foi contemporâneo de Karl Barth e um dos mais influentes teólogos protestantes do século XX.

Seu pensamento aparece como uma ponte entre o sagrado e o profano.

Acreditava que a Bíblia não era a única fonte da teologia. Deveria interessar-se pelas diferentes formas de cultura.

Elaborou uma teologia que engloba aspectos da realidade humana em função da situação histórica do homem.

A influência de Tillich cresceu ainda mais depois de sua morte.

3 TEOLOGIA LIBERAL

A teologia liberal se desenvolveu por volta do século XX na Alemanha.

Propõe a liberdade de expressão e a prioridade dada à razão em detrimento da autoridade clerical e das doutrinas absolutas sobre Deus.

Opõe-se à sistematização do dogma e é marcada pelo otimismo em relação ao progresso do ser humano quando auxiliado pela tecnologia e pela razão lógica.

Os teólogos liberais se concentraram na busca pelo Jesus histórico, já que enfatizavam o caráter ético e moral da mensagem cristã.

Sua metodologia é conhecida como História das Religiões Comparadas, método que compara diferentes tradições culturais em busca de elementos, imagens, símbolos e expressões de origem.

A teologia liberal viabilizou o uso de outros instrumentos para a exegese, possibilitando ao intérprete da Bíblia apropriar-se dos textos sagrados à luz de sua própria experiência, lançando um novo olhar sobre o texto.

4 TEOLOGIAS DA LIBERTAÇÃO

Não existe uma teologia de libertação e sim teologias de libertação, que buscam revisitar as tradições bíblicas buscando as imagens de grupos indígenas, negros, mulheres, crianças e estrangeiros, que geralmente passam despercebidos pela teologia mais conservadora que é feita por homens brancos e de países desenvolvidos.

Dentre as teologias de libertação, destacam-se a Teologia da Libertação da qual surgiram a Teologia Feminista e a Teologia Negra. (LIBANIO, 1987).

A teologia da libertação nasceu por volta dos anos 60 do século XX. Período de extrema movimentação política, destacou-se o movimento socialista que teve grande força a partir da revolução liderada por Fidel Castro.

A Igreja cristã posicionou-se ao lado dos grupos desfavorecidos, fazendo “opção pelos pobres”.

Já os bispos latino-americanos, decidiram encerrar o silêncio da Igreja diante da injustiça social vigente.

Essa teologia não circulou apenas entre os teólogos, mas a grande expressão da Teologia de Libertação se deu entre os populares e as lideranças leigas para a celebração da fé, a organização de cursos profissionalizantes, as palestras de conscientização e muitas outras atividades, com o objetivo de tornar cada homem consciente de seus direitos e potencial.

A teologia feminista surgiu no século XIX ficando conhecida como Feminismo Liberal. Busca em princípio a libertação para as mulheres oprimidas. Nessa época as mulheres eram privadas de direitos como o direito ao voto, o direito à propriedade, o direito à educação e o direito de ir e vir.

Está fundamentada nos pressupostos do movimento feminista do século XX. Contudo, as discussões feministas avançaram rumo às relações de gênero e enfocaram mais do que a obrigatória e opressiva subordinação da mulher ao homem.

Com exceção de algumas mulheres do período renascentista, que se dedicaram à literatura, as mulheres em geral só obtinham oportunidade de estudo por meio da dedicação à vida eclesiástica e religiosa.

A teologia feminista se propõe a resgatar a história dessas personagens que a história oficial silenciou e, construir uma leitura bíblica mais justa, a fim de que tanto mulheres quanto homens sejam devidamente valorizados em seus papéis e funções.

5 TEOLOGIAS RECENTES

Seja nos círculos acadêmicos ou nas igrejas, nas comunidades ou nas casas, a teologia assume contornos de ciência, mas permanece ao alcance de todas as pessoas.

Podemos citar dois exemplos de teologias surgidas recentemente no Brasil: a teologia da esperança, cujo enfoque é mostrar que a prática da fé se inflama graças à ressurreição de Jesus Cristo, e a teologia da prosperidade, cuja doutrina é radical com relação ao homem físico e espiritual. (MONDIN, 1980).

A teologia da prosperidade afirma constantemente que nem doenças, nem problemas financeiros fazem parte da vontade de Deus para seus filhos. Portanto, o cristão que passa por tais situações não tem fé suficiente ou está em pecado.

Essa teologia mantém o que chamamos de confissão positiva, dizendo garantir a realização dos pedidos do fiel desde que sejam realizados com fé.



RESUMO DO TÓPICO 3

Caro(a) acadêmico(a), neste tópico, você:

- Compreendeu algumas características da Teologia contemporânea.
- Observou a contribuição que houve por parte dos teólogos contemporâneos na reflexão de assuntos pertinentes à fé.
- Obteve conhecimento sobre a vida e obra dos principais teólogos contemporâneos.

AUTOATIVIDADE



1 A Teologia da Prosperidade é um dos assuntos mais polêmicos da teologia atual. Seus pregadores afirmam constantemente que nem doenças nem problemas financeiros fazem parte da vontade de Deus para seus filhos, e o cristão que passa por tais situações não tem fé suficiente ou está em pecado.

Qual a sua opinião a esse respeito?

O PAPEL DAS ESCRITURAS SAGRADAS NA TEOLOGIA

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- compreender o conteúdo profético das Escrituras Sagradas;
- verificar a veracidade das Escrituras Sagradas;
- entender a revelação de Deus aos homens;
- aplicar à sua própria vida as verdades contidas nas Sagradas Escrituras;
- aplicar à sua própria vida os ensinamentos de Jesus.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos, sendo que no final de cada um deles você encontrará atividades que o(a) ajudarão a fixar os conteúdos explorados.

TÓPICO 1 – DADOS HISTÓRICOS

TÓPICO 2 – POVOS E NAÇÕES

TÓPICO 3 – AS PROFECIAS



DADOS HISTÓRICOS

1 INTRODUÇÃO

No Antigo Testamento, Iahweh se revela. Ele fala aos homens, por meio dos profetas, na Lei, na natureza e na história.

A Torah é considerada pelos judeus como a Palavra de Deus. Os profetas falavam dela e seus Escritos constituíam os “Livros Sagrados”. A Igreja Cristã herdou essas Escrituras e aceitou o caráter sagrado delas.

Jesus já as tinha citado como a Palavra de Deus e os apóstolos fizeram a mesma coisa, valendo-se de argumentos baseados nas Escrituras assim como na autoridade divina.

Os padres mais antigos, os do século II, classificaram as Escrituras de “Oráculos de Deus”, que foram “ditados pelo Espírito Santo”, o qual usou os escritores sagrados como “instrumentos”. Mais tarde, os escritores falaram do Espírito Santo como o “autor” das Escrituras e afirmaram que ambos os Testamentos foram inspirados pelo Espírito.



“Oráculo” - decisão ou sentença infalível; pessoa cujas opiniões ou conselhos são acatados e seguidos; profecia.

2 AS ESCRITURAS SAGRADAS COMO FUNDAMENTO DA TEOLOGIA

A crença da Igreja na inspiração divina das Escrituras é clara com referência aos tempos mais antigos, a tradição dos padres e o ensino dos teólogos de todas as épocas.

O cristianismo não está fundado sobre o sermão da montanha, mas sobre o Senhor vivo. E, sua meditação e análise, guiadas pelo Espírito, produzem uma mensagem para o presente e esperança para o futuro.

Como passo fundamental, devemos procurar compreender e apreciar a origem semítica, tal como o caráter e fundo semíticos da Bíblia.

Não podemos avaliar as Escrituras por nossos padrões ocidentais, mas deveríamos, antes, procurar compreender a mentalidade de seus escritores.

Para muitos, “conhecer” significa apreender uma ideia, mas, para o semita, envolve muito mais que isso. O “conhecimento” de Deus na linguagem bíblica inclui a aceitação de tudo o que Ele significa, o serviço a Deus e o compromisso.

O homem que “conhece” a Deus é aquele que vive na presença de Deus, aquele cujo “conhecimento” é uma norma de conduta.

Aos olhos do semita, Deus não é uma essência abstrata, um puro Espírito – Ele é Criador, Juiz e Pai.

Somos inclinados a considerar a Bíblia como uma espécie de livro texto em que procuramos um elenco de doutrinas e, de certo modo, ficamos embaraçados, porque o ensino não está naturalmente arranjado em ordem lógica. O que deveríamos procurar é a imagem viva de um Deus que age, que invade a nossa história, que fala ao nosso coração. Assim, compreenderemos porque o Antigo Testamento pode falar de Deus como um pastor do Seu povo. Resumimos as doutrinas da fé e as expomos numa linguagem precisa, técnica – mas Jesus ensinou por meio de parábolas. Ele usava notáveis exemplos de vida diária e falava a linguagem da poesia.

Alguns procuram depreciar a Teologia Sistemática, mas deveriam ter em mente que a teologia como sistema, desenvolveu-se mais tarde que as Escrituras. Ela tem suas raízes na Bíblia, no Novo Testamento especialmente, mas fala uma outra linguagem; ela traduz as notáveis, às vezes, ousadas imagens da fala semítica para precisas fórmulas cuidadosamente estruturadas. Fazendo isso, ela presta um serviço necessário, mas não deveríamos esperar encontrar a mesma terminologia científica nas Escrituras mais do que devemos considerar a Bíblia como um tratado teológico, ainda que reconhecendo que há uma quantidade de teologias na Bíblia.

Perderíamos todo o sabor da Palavra de Deus, caso quiséssemos ter o Seu ensino parcelado em distintos compartimentos. Devemos procurar compreender a Bíblia como ela é e não tentar forçá-la para dentro das nossas categorias de pensamento.

A Bíblia pode apresentar dificuldades. Ela é um produto do seu próprio tempo e não podemos esperar compreendê-la tão prontamente quanto esperaríamos compreender uma obra moderna.

É bem verdade que Deus nos falou numa linguagem humana. Portanto, se um exegeta negligencia o autor humano e os métodos racionais de procedimento que são necessários para entendê-lo, expõe-se ao perigo de permanecer do lado de fora das Escrituras por introduzir sutis e arbitrárias interpretações que não são desejadas por Deus.

Aquele que rejeita o autor divino e os meios necessários para aproximar-se d'Ele, como a fé e a Igreja, está condenado a permanecer na superfície exterior do Livro Sagrado. O exegeta que leva em conta não só os autores como também mantém uma certa hierarquia entre as instruções da fé e as exigências da razão é capaz de penetrar nas Escrituras de um modo harmonioso e verdadeiramente compreensivo.

2.1 A HISTÓRIA DOS PATRIARCAS

O período patriarcal é localizado em aproximadamente 1900 a 1500 a.C. Apenas datas estimadas podem ser obtidas pela comparação das narrativas de Gênesis 12 com outros dados do período de 2000 -1000 a.C.

O registro bíblico centra-se em poucas pessoas, ainda que sua parentela fosse muito grande e o próprio registro é provavelmente apenas uma seleção de antigas tradições sobre elas.

Os patriarcas mudaram-se da Mesopotâmia para o Egito, passando por muitos lugares conhecidos por arqueólogos, como Ur, Harã, Siquém e Salém.

Havia vilas abertas ou cidades muradas pela região, mais fora delas viviam seminômades, que às vezes se deslocavam por grandes distâncias com seus rebanhos, à procura de pasto e água e acampavam perto de cidades. Às vezes, praticavam a agricultura e permaneciam durante algum tempo em cidades como estrangeiros residentes.

Os patriarcas também entravam em conflitos de tempos em tempos com grupos estabelecidos. Organizavam-se em unidades sociais interligadas que compreendiam famílias ou clãs.

O pai, o cabeça da família, tinha amplos poderes e seu filho mais velho era normalmente o herdeiro de sua posição e suas propriedades. No caso de Abraão, seu herdeiro foi Isaque, porque seu filho mais velho (Ismael) não era filho de sua esposa Sara e sim de uma das criadas dela.

Os patriarcas eram cientes da necessidade de uma fé pessoal em Deus, que os guiava pela vida e os encorajava com suas promessas e a quem deviam uma resposta de obediência.

Sacrifícios e orações faziam parte de sua adoração regular e a circuncisão era um ritual religioso para marcar os que pertenciam às famílias da aliança.

O conceito de aliança é profundamente significativo na religião patriarcal, na qual Deus revelou-se de maneira solene a Abraão e seus descendentes, alcançando por meio deles toda a humanidade.

Abraão foi o fundador da nação judaica e estando sua vida descrita em Gênesis, 11:27 a 25:18. Era filho de um dos descendentes de Sem (Terá).

Mudou-se de Ur, da Caldeia, com sua esposa, seu pai e seu sobrinho Ló para a cidade de Harã, onde fixou residência, recebendo nessa região a vocação de Deus.

As principais características observadas na vida deste patriarca é o seu caráter e sua confiança em Deus, a qual lhe deu o título de “Pai da Fé”.

Os pontos principais de sua vida, conforme narrativa de Gênesis:

- Seu itinerário e residência em Harã (Gn, 11:27-32).
- Sua vocação e a promessa divina (Gn, 12:1-9).
- Sua peregrinação ao Egito (Gn, 12:10-20).
- Separação entre Abraão e seu sobrinho Ló (Gn, 13:1-13).
- Abraão e Melquisedeque (Gn, 14:18-24).
- A promessa concernente a Isaque (Gn, 15).
- Sara, Agar e Ismael (Gn, 16).
- A promessa de Deus a Abraão – Deus muda-lhe o nome e o de Sara (Gn, 17:1-8, 15-22).
- O nascimento de Isaque, o abandono de Ismael e a aliança com Abimeleque (Gn, 21).
- A fé de Abraão é provada (Gn, 22).
- Morte de Abraão (Gn, 25:7-11).

Seu filho Isaque é particularmente conhecido como “filho da promessa” e os fatos mais marcantes de sua vida giram em torno de seu nascimento (Gn, 21:1-7) e de seu casamento (Gn, 24:52-67).

Gênesis ainda destaca o problema entre Ismael e Isaque, para ressaltar que dois povos, sementes ou nações, estavam juntos e precisavam ser separados, pois a promessa messiânica dizia respeito a apenas um deles, Isaque. “Disse o Senhor a Abraão, quando Sara mandou rejeitar a Agar e a Ismael: [...] atende a Sara em tudo o que ela disser; porque por Isaque será chamada a tua descendência” (Gn, 21:12).

Surge então um agravante ao cumprimento dessa promessa – a esterilidade de Rebeca, sua esposa, por vinte anos – parecendo demonstrar que a descendência prometida de Abraão não viria unicamente através de meios naturais de paternidade, mas mediante o poder criador e sobrenatural de Deus.

Rebeca deu à luz filhos gêmeos: Esaú e Jacó. Porém, a promessa se estenderia a somente um deles (Jacó); a outra seria uma nação oposta (Esaú). Oposição que perdura até os dias de hoje.

Na terra dos filisteus, Isaque tem um encontro com Deus, que o lembra da fidelidade de seu pai Abraão e estende a promessa abraâmica a ele: “Multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e lhe darei todas as terras. Na tua descendência serão abençoadas todas as nações” (Gn, 26:4).

Pontos principais da vida de Isaque, conforme narrativa de Gênesis:

- O nascimento de Isaque (Gn, 21:1-7).
- Rixa entre as duas famílias (Gn, 21:8-21).
- O casamento de Isaque e Rebeca (Gn, 24:52-67).
- Descendentes de Isaque: Esaú e Jacó (Gn, 25:19-26).
- Isaque na terra dos filisteus (Gn, 26:1-25).
- Bênção de Isaque: Jacó e Esaú (Gn, 27).
- Morte de Isaque aos 180 anos (Gn, 35:28-29).

Ganha destaque a partir daí seu filho Jacó.

Na disputa pela primogenitura, Jacó, aproveitando-se de um momento de fraqueza de Esaú, que estava faminto, encontra uma forma de obter o direito a esta, oferecendo-lhe um negócio (prato de lentilha).

Mais tarde, motivado por um plano de sua mãe, iludiu seu pai a fim de que este lhe proporcionasse a bênção que por costume pertencia ao primogênito. Em fuga devido a este ato, a caminho de Padã-Harã, encontra-se com o Deus de seus pais com quem faz um pacto. Segue então para a terra de Labão, seu tio, onde conhece sua futura esposa Raquel, por quem trabalha 14 anos devido a um golpe dado por seu tio, que o fez casar com sua outra filha primeiro.



Primogênito: herdava duas vezes a mais das possessões paternas do que qualquer um dos seus irmãos. Além desse legado, o herdeiro assumia a posição de chefe social e religioso da família.

Ao longo dos anos, devido à bênção de Deus, enriquecido e com sua família estruturada, volta à terra de seus pais. No caminho, passando pelo vau de Jaboque, tem outro encontro com Deus, no qual tanto seu nome quanto seu caráter são transformados por Ele (Gn, 32:22-32).

É da descendência de Jacó que tomam nome as doze tribos de Israel (Jacó).

Pontos principais de sua vida conforme narrativa de Gênesis:

- Nascimento de Jacó (Gn, 25:19-26).
- Jacó engana seu pai (Gn, 27).
- A fuga de Jacó (Gn, 28).
- Jacó na casa de Labão (Gn, 29:1-30).
- Descendentes de Jacó (Gn, 29-30).
- O retorno de Jacó à terra de seus pais (Gn, 31:1-21).
- O encontro com Deus no vau de Jaboque (Gn, 32:22-32).
- Nascimento de Benjamim e morte de Raquel (Gn, 35:16-19).
- Bênçãos profetizadas por Jacó (Gn, 49).
- Lamentação e enterro de Jacó (Gn, 50).

2.2 AS PALAVRAS DOS PROFETAS

O florescimento do movimento profético – a era da profecia clássica ou literária – teve início no século VIII a.C.

Ao estudarmos as culturas antigas, comprovamos que sempre houve no homem um desejo ardente em conhecer o futuro. Astrólogos e adivinhos eram considerados membros importantes no comando militar, sendo constantemente consultados antes de se entrar na batalha.

No Egito, sacerdotes usavam de magia para prever o futuro e confiavam na interpretação de sonhos. Já os profetas de Israel não eram mágicos ou adivinhos, astrólogos ou fornecedores de oráculos.

O substantivo *Ro'eh* é traduzido por “vidente”, indicando a capacidade especial de se ver na dimensão espiritual e prever eventos futuros, sugerindo que o profeta não era enganado pela aparência das coisas, mas que as via conforme realmente eram – do ponto de vista de Deus. Como vidente, o profeta recebia sonhos, visões e revelações, da parte de Deus, que o capacitava a transmitir suas realidades ao povo.

A principal palavra hebraica para “profeta” é *Nabi*, termo que ocorre 316 vezes no Antigo Testamento. O significado do verbo hebraico “profetizar” é: “emitir palavras abundantemente da parte de Deus, por meio do Espírito de Deus”. O que faz do *Nabi* (profeta) um porta-voz que emitia as palavras sobre o poder impulsor do Espírito de Deus.

A palavra “profeta” deriva da palavra grega *prophetes*, significando “aquele que fala em lugar de outro”.

Sendo assim, o profeta falava, em lugar de Deus, ao povo do conselho, baseado naquilo que ouvia e recebia da parte d'Ele. Não era simplesmente um líder religioso, mas alguém possuído pelo Espírito de Deus.

Os profetas bíblicos eram, vaticinadores do futuro, mas numa escala reduzida; preocupavam-se mais com o presente e muitas vezes se mostravam não menos preocupados com o passado.

Eram homens ou mulheres, a quem foi dada uma palavra especial de Deus para que a anunciassem às suas próprias gerações. Homens espiritualmente inspirados que se sentiam compelidos a agir como mensageiros de Deus. Diferentes dos sacerdotes e reis, seu ofício não era hereditário.

Os profetas empregaram formas distintas de discurso profético e recursos da retórica. Viviam num ambiente cultural no qual as formas oral e literária eram as maneiras comuns de comunicação.

Muitos desses profetas foram chamados para ministrar por toda a sua vida; outros estiveram nesse ofício por pouco tempo, voltando à vida comum após terem cumprido uma missão específica.

A obra dos profetas está dividida em duas categorias: profetas maiores – Isaías, Jeremias, Lamentações de Jeremias, Ezequiel e Daniel, cujas obras são especialmente longas; e profetas menores – Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Não davam importância ao dinheiro ou aos bens materiais, nem temiam pessoa alguma pregando sem ser convidados. Apareciam muitas vezes em períodos de miséria social, confusão moral, reivindicando o retorno à aliança e à Lei. Exortavam as pessoas, ensinando-lhes que, ao se esquecerem de Deus e tornando-se o centro de todas as coisas, atrairiam a desgraça sobre si e sobre sua comunidade.

Para os profetas, infortúnios que se abatiam sobre a nação eram oportunidades de penitência e reforma. Eram homens dotados de grande coragem, que não tremiam diante dos poderosos, denunciando, em nome de Deus, os ricos desalmados, clamando por justiça.

A experiência imediata de Deus, a revelação da santidade de Deus e de Sua vontade fazem do profeta um homem que julga o presente e vê o futuro à luz de Deus, sendo enviado por Ele para recordar aos homens Suas exigências e conduzi-los pelo caminho da obediência e amor a Deus.

Moldaram uma consciência social que se tornou parte da tradição do Ocidente. Não eram pacifistas, sobretudo quando se tratava de guerras contra os inimigos de Deus. Enfatizavam a responsabilidade de cada indivíduo por suas ações.

Fizeram mais do que garantir a sobrevivência de um povo. Promoveram a tradição religiosa que haviam herdado, fomentando o seu desenvolvimento entre os séculos VIII e IV a.C.

Não só as palavras do profeta, mas suas ações e sua própria vida são profecias.

A visão que o profeta tem de Deus penetrou toda a sua maneira de pensar, ele vê as coisas do ponto de vista de Deus e está convencido de que as vê assim. Não construíam uma teoria especulativa a partir de sua observação dos acontecimentos. A interpretação da história que ofereciam não era inventada por um processo de pensamento.

Toda interpretação de um texto profético que não tenha sentido algum para os contemporâneos do profeta é certamente uma interpretação falsa.

Por que os profetas faziam um uso tão amplo do simbolismo?

Por que eles simplesmente não descreviam de modo direto e cronológico as coisas que estavam para acontecer?

Ocorre que as visões proféticas normalmente são tão estranhas, que agem como meio de apelar para nossa forma complacente ou desesperada de enxergar as coisas.

Tornou-se manifesto que os oráculos e sermões dos profetas foram preservados pelos seus discípulos e finalmente editados por eles.

2.3 A VIDA DE JESUS

Conta-nos o Evangelho de Lucas (24:13-25) que, no dia da ressurreição de Jesus, dois dos seus discípulos viajavam, à tarde, de Jerusalém para Emaús. Tinham convivido com o Mestre, talvez desde a primeira hora. Tinham ouvido sua pregação, assistido a seus milagres, esperando como tantos outros, a libertação de Israel. Agora, porém, com a morte de Jesus, tudo acabara.

Tristes e decepcionados, voltavam para sua aldeia. Mas, como esquecer de repente tantas esperanças perdidas? Era sobre estas coisas que discutiam pela estrada.

A certa altura da viagem, um desconhecido se aproximou deles e, caminhando a seu lado, perguntou-lhes: “Posso saber o que vocês estão discutindo?” Os dois discípulos pararam espantados. “Você é, talvez, o único habitante de Jerusalém, respondeu um deles chamado Cleofas, que ignora o que aconteceu esses dias. Você não sabe o que sucedeu a Jesus de Nazaré? Ele aparecera como um profeta poderoso, em obras e palavras, diante de Deus e dos homens. Mas, os chefes do povo fizeram com que Pilatos o condenasse à morte. E ele foi crucificado.

E nós que esperávamos que ele fosse o libertador de Israel! Entretanto, já faz três dias que isso aconteceu. É bem verdade que algumas mulheres do nosso grupo foram ao sepulcro na madrugada de hoje e, porque não encontraram o cadáver, estão dizendo que ele ressuscitou. Alguns dos nossos também foram ao sepulcro e voltaram dizendo a mesma coisa. Todavia, ninguém ainda o viu...”

Esta cena do Evangelho de Lucas se repete frequentemente na história espiritual da humanidade. Sim, porque em muitos homens, pelo menos em certos momentos da vida, quase sempre há dois seres que, como os discípulos de Emaús, discutem secretamente a respeito de Jesus: Sobre o mistério de sua pessoa, o sentido das suas palavras, o alcance da sua obra, o segredo de sua presença no mundo e na história.

Jesus foi e será sempre um problema para o homem. Os termos variam, as concepções se renovam: o enigma permanece. No dia de sua apresentação no Templo, disse o velho Simeão à sua mãe: - “Vê, este menino é destinado a ser a ocasião de queda e de ressurreição para muitos em Israel: ele será um sinal de contradição” (Lucas, 2:34). Sinal de contradição, ele o será sempre. Na pessoa de Jesus, havia algo de singular, de misterioso, que interpelava e até hoje ainda interpela os homens, exigindo uma definição. É o que sentimos, quando lemos os Evangelhos, despojados de nossos preconceitos e de nossas ideias feitas e acabadas. Eis por que Jesus foi e será sempre um problema. Quem ficará indiferente diante dele?

FONTE: Rocha (1973, p. 11-12)

Tanto na época de Jesus como depois, passaram pelo mundo não poucos messias e redentores, visionários e profetas, revolucionários religiosos, sociais ou políticos. Por que eles não deixaram marcas como Jesus deixou?

Ele foi, sem dúvida, a figura mais poderosa, mais paradoxal, contraditória e enigmática dos últimos vinte séculos. Nenhum personagem foi, ao mesmo tempo, tão amado e tão odiado. Em seu nome se perseguiu e se assassinou, mas também se evangelizaram continentes inteiros. Séculos de teologias e manipulações não conseguiram apagar as marcas deixadas pelo personagem real.

O que se tem como certo sobre a vida de Jesus foi extraído dos Evangelhos.

Perde-se a pista de Jesus depois de seu nascimento, reaparecendo só depois de trinta anos, para dar início à sua vida pública. Há um único episódio dele sendo encontrado aos doze anos no Templo de Jerusalém, assentado entre os doutores da Lei, discutindo com eles.

O que ele fez durante esses mais de vinte anos? Ninguém sabe. O que há são hipóteses, algumas absurdas.

Já se disse que o Jesus dos cristãos é um homem sem rosto. Os primeiros cristãos, influenciados por sua origem judia, não tinham imagens nem pinturas de Jesus. Era proibido reproduzir seu rosto. Como se pode observar nas catatumbas de Roma, onde os apóstolos e os primeiros cristãos se escondiam para fugir às perseguições dos romanos, Jesus era representado por símbolos: um peixe, um cordeiro ou, principalmente, um pastor. Nunca por imagens.

Há quem pense que Jesus era mais ou menos como um judeu típico de seu tempo. Sendo assim, não poderia ter cabelo louro nem os olhos azuis. Mas, é evidente que os judeus da época, assim como os de hoje, não são todos iguais: há os altos e os baixos, os gordos e os magros, os bonitos e os menos bonitos, os louros e morenos. Como era Jesus? O Novo Testamento não dá praticamente nenhuma dica de como Jesus seria fisicamente. A única coisa que sabemos de Jesus por intermédio dos Evangelhos é que Ele vestia a túnica habitual dos homens de seu tempo, não de seda, mas de linho ou algodão; que calçava sandálias, usava um cajado e tinha um olhar penetrante que fixava sem vacilação nos olhos dos adversários.

É possível que parecesse mais velho do que era, pois, como se lê no Evangelho de João, os judeus diziam que ainda não fizera cinquenta anos, quando não podia ter mais do que trinta. O episódio da traição, em que Judas tem de beijá-lo para apontá-lo aos soldados romanos, demonstra que Ele não devia ter nenhum traço físico destacável.

Sem dúvida, sobre Jesus se escreveu mais do que sobre qualquer outro personagem histórico dos últimos 20 séculos. Existem muitíssimas biografias dele, mas a pergunta que cabe fazer é: hoje, com os elementos de que dispomos, extraídos das fontes internas e externas ao cristianismo, é possível escrever uma vida de Jesus?

Foram escritos muitos ensaios ao longo do tempo sobre o personagem que tanto influenciou o ocidente e o mundo. Basta pensar que só a Biblioteca do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, dirigido pelos jesuítas, possui mais de um milhão de obras sobre o tema. Outro tanto pode ser encontrado na do Instituto Bíblico de Jerusalém. Só que ninguém conseguiu apresentar uma biografia do personagem Jesus que continua sendo “o grande desconhecido”.



Jesus influenciou, como nenhum outro, a vida no Ocidente e do mundo, a ponto de haver um antes e um depois d'Ele. Jesus, de fato, é um marco divisor na história do mundo.

Assista ao filme "O Corpo", que fará algumas reflexões a esse respeito.



A existência histórica de Jesus se passa no mundo judaico há dois mil anos. Era um mundo profundamente religioso. A fé inabalável em um Deus único, Criador e Senhor de todas as coisas, Justo, Misericordioso e Santo, constituía o fundamento da religião judaica.

Não é de se admirar que o Messianismo tenha tomado o sentido de uma libertação nacional, esperando para qualquer momento a intervenção divina que estabelecerá uma nova ordem na face da terra.

A pequena cidade de Nazaré não devia, no tempo de Augusto, ser maior ou menor do que é hoje: um aglomerado de casas de pedra, aspirando a fragrância dos vales em flor. Uma espécie de aldeia tão insignificante que não consta de nenhum mapa da época. Talvez por isso, os adversários de Jesus costumavam perguntar se de Nazaré poderia vir algo de bom.

O historiador Flávio Josefo, responsável pelas operações militares nesta região durante a guerra dos judeus, cita 45 cidades da Galileia, menos Nazaré. Por sua vez, no Talmud, o texto de interpretações rabínicas, são mencionadas 65 cidades galileias e Nazaré também não aparece. Portanto, nada se pode saber sobre Nazaré nos textos literários hebreus escritos há 1500 anos.

Nazaré era habitada por gente humilde. Havia pastores de cajados apascentando cordeiros e mulheres carregando vasos sobre a cabeça. Junto à velha cisterna, encontravam-se viajantes, agricultores cavalgando pelas estradas jumentinhos felpudos e pacíficos.

As manhãs de sol e os dias luminosos são quietos e sossegados, enquanto as noites resplandecem no alto o grave silêncio. Os que moravam em Nazaré eram pastores, agricultores e artesãos, levavam uma vida simples. Uma vez por ano, segundo a Lei de Moisés, iam a Jerusalém. Quando nascia um primogênito, essa viagem se tornava obrigatória.

Neste contexto, dois seres humanos viviam uma vida singular. O homem chama-se José e exercia o ofício de carpinteiro. A mulher chama-se Maria e cuidava dos encargos domésticos. Tanto Maria, originária do Hebrão, como José, oriundo de Belém de Efrata, pertenciam à tribo de Judá e descendiam da casa de Davi.

O casamento de José e Maria constituiu-se em um símbolo e um anúncio por sua singularidade, pelo que havia nele de sobrenatural. Esse matrimônio anunciava o advento de Alguma Coisa, de Algum Acontecimento, de Algum Ser Misterioso e incompreensível à lógica comum. Um Deus ia nascer.



“Apesar de profeta e rabi, Jesus é também um homem da terra. Vive em contato com a natureza, cujo esplendor transparece em suas palavras. Fala nos pássaros do céu que não semeiam, nem colhem e nem armazenam em seus celeiros e que nem por isso passam falta; nos lírios dos campos que não se preocupam com suas vestes, todavia mais belas do que as do rei Salomão; na figueira que, através do broto de suas folhas, anuncia a primavera; na semente que dorme escondida no seio da terra, para em seguida brotar, crescer e se transformar em árvore que dá flores e frutos. Toda a criação renasce e se ilumina sob o olhar penetrante de Jesus [...] Há nesse judeu da Galileia muita ternura, a par de uma grande força de caráter. Se o poeta é quem sabe expressar com palavras o sentido oculto das coisas e os sentimentos mais íntimos do ser humano, Jesus foi um grande poeta.” (ROCHA, 1973, p. 16).

Jesus começou a ser um problema para sua família. Um problema doméstico. Durante muitos anos, trinta talvez, vivera em Nazaré como qualquer um de seus habitantes. Nada o distinguia dos outros, mas, de uma hora para outra, tudo mudou. Um dia, saiu para ser batizado por João Batista e não voltou mais para sua casa. Das margens do Jordão, entrou pelo deserto adentro, onde permaneceu por quarenta dias. Depois, foi morar em Cafarnaum e começou a anunciar o Reino de Deus.

Seus parentes se espantaram. Não compreendiam o que se passava. O que teria acontecido? Teria ficado louco. Foi o que pensaram: “partiram então, para se apoderar dele, pois diziam: perdeu a razão” (Marcos, 3:21).

Passado este primeiro susto, os parentes tomaram uma atitude contrária: queriam que ele fosse pregar em Jerusalém, na capital. “Sai daqui, e vai para a Judeia, a fim de que teus discípulos também vejam as obras que fazes; não age às escondidas, quem procura ser conhecido. Já que fazes tão grandes coisas, manifesta-te ao mundo” (João, 7:3 e 4).

A pregação de Jesus não tinha nada de complicado. Estava ao alcance de todos. Atinge o homem onde se encontra, na sua vida comum, porém não deixa de ser surpreendente, pois penetra no mais profundo de seu ser, exigindo uma resposta, uma mudança de vida e de mentalidade.

Para muitos, Jesus não passou de uma decepção, pois não se enquadrava em suas categorias, suas ideias feitas ou em suas ambições pessoais. Ao vê-lo e ouvi-lo, seus contemporâneos eram levados a se interrogar sobre o ser daquele homem que vivia e falava daquele modo. Por isso, muitos perguntavam a si mesmos: “Quem é este homem?” (Mateus, 8:27).

É que Jesus não era um homem de um clã, de uma família, de uma cidade, de uma raça ou de um povo. Tinha uma missão a cumprir, que exigia, antes de tudo, a libertação de todos os compromissos. Mesmo dos compromissos familiares.

Ainda no princípio de seu ministério, já era conhecido em toda a parte. Sua fama o havia precedido. Todo mundo “cochichava a seu respeito” nos diversos grupos que se formavam. Não sabiam que atitude tomar em face daquele homem. O que é compreensível. Havia séculos que Israel vinha sendo dominado sucessivamente pelos persas, pelos gregos e agora pelos romanos. Todo sábado, o judeu que ia ao Templo ou à Sinagoga, ouvia a Palavra de Deus que lhe prometia um libertador. Como então não sonhar com um rei poderoso, que expulsasse os romanos e cumulasse de bens o povo eleito?

Para muitos cristãos, Jesus de Nazaré é um ser extraordinário, um personagem meio fantástico, que não tem grande consistência humana. Sua divindade toma-lhes de tal modo o campo da consciência, que a humanidade se evapora e quase desaparece, adquirindo aspectos lendários, mas perdendo a dimensão de homem do cotidiano.

Como é difícil aceitar essa espécie de super-homem, que passeia delicadamente entre os homens, fazendo milagres e dando conselhos, mas que não é realmente homem e sim um corpo estranho em nosso mundo humano!

Durante o ministério apostólico, não o vemos bancar o herói ou o santo. Continua vivendo como todo mundo. Nada de humano lhe é estranho. Sentia fome e sede como os outros homens. Cansado, adormece num canto de um barco (Marcos, 4:37). Irado, toma de um chicote e expulsa os vendilhões do templo (João, 2:15). Diante de Jerusalém e junto do sepulcro de um amigo, não conteve suas lágrimas, e chorou, vencido pela emoção.

Frequentemente, tomava refeição em casa de conhecidos. Teve amigos íntimos, como Lázaro e suas irmãs. É de uma beleza incomparável o recado que Marta e Maria lhe mandaram, comunicando-lhe a doença do irmão: “Senhor, aquele a quem amas está doente.” (João, 11:3).

Contudo, nada nos revela melhor o homem Jesus do que os seus sentimentos em face da morte. Quando chegou a hora, sentiu-se apavorado e desnordeado. “Ele começou a sentir pavor e angústia” (Marcos, 14:34). E não escondeu os seus sentimentos. Chegou mesmo a se queixar aos apóstolos: “Minha alma está numa tristeza mortal.” (Mateus, 26:38).

Jesus era um homem surpreendente. Todos ficavam admirados ou chocados com a originalidade de suas palavras e atitudes. Não frequentara escolas, mas conhecia muito bem as Escrituras. “Como pode ser ele preparado em letras, sem ter estudado?”. (João, 7:15).

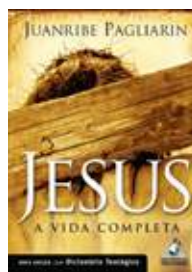


“Quem é este homem?” Perguntavam surpresos seus contemporâneos. E nem sempre souberam responder a esta questão. Mas, nós, que somos cristãos, sabemos quem ele é. O companheiro desta grande viagem que é a vida. Companheiro da humanidade que conduz misteriosamente para sua transfiguração. Companheiro de cada homem a quem deu a última gota de seu sangue. Ele está sempre ao nosso lado. “Existe no meio de vós alguém que não conheceis?” (João, 1:26). Está sempre ao nosso lado, mesmo quando não o vemos, mesmo quando julgamos que se afastou, mesmo quando finge que vai embora. Mas, só experimentaremos a alegria de sua presença se o reconhecermos. Se o nosso coração não se contenta com a terra, se a nossa inteligência não se fecha à luz que vem do alto, ele se revelará. E nós o reconheceremos como companheiro de nossa “travessia”. Marcharemos a seu lado e não sairemos de sua sombra, pois quem um dia o reconheceu, não tem mais para onde ir. Só ele tem as palavras da vida eterna. (ROCHA, 1973, p. 121).



“Dois mil anos se passaram... e sua vida continua sendo um enigma perturbador para toda a humanidade.” (PAGLIARIN, 2006).

Caro(a) acadêmico(a), para aprofundar os seus conteúdos, sugerimos a leitura do livro “Jesus, a pessoa mais intrigante e influente que já viveu neste mundo”.



LEITURA COMPLEMENTAR

O CORDEIRO DE DEUS

Era um homem de pouco mais de trinta anos. Veio sozinho e misturou-se à multidão. Não tinha aspecto áspero dos profetas, nem atitude autoritária dos escribas e doutores da Lei.

Vestia uma túnica talar de linho branco e um manto de lã, avermelhado, dos tecidos de Damasco, Magdala ou Tiro. Os cabelos louro-escuros penteados à moda nazarena, e a barba lhe dava ao semblante reflexo de ouro antigo.

Ninguém notara a presença daquele homem no meio da turba que se aglomerava em Salim, junto ao rio, onde João batizava e pregava.

Ninguém notara. Os futuros biógrafos, que seriam admiradores e discípulos, poderiam ter iluminado a narrativa do episódio mais importante do seu aparecimento na vida pública, referindo coisas prodigiosas. A honestidade e a veracidade dos biógrafos não nos deixa, entretanto, margem para sequer imaginar o efeito da presença daquele homem no ânimo da multidão.

Concluímos, pois, que a chegada do moço de Nazaré não impressionou a ninguém. Para todos, era um dos milhares de peregrinos ou curiosos que acorriam à notícia de que estranho profeta dizia coisas à margem do Jordão.

Pelo asseio e pela compostura, dir-se-ia um saduceu; mas os saduceus eram ricos e o moço parecia pobre. Talvez fosse um fariseu, mas os fariseus eram untuosos e maneirosos, e o moço tinha um ar de perfeita naturalidade. Podia também ser um essênio, mas os essênios eram ásperos e ascetas como João Batista, e o nazareno trazia na luz do olhar, cheio de juventude, a alegria de viver. Os zelotes, inçados das reminiscências de Judas, o Gaulonita, eram soturnos e agressivos patriotas, de aspectos sombrios; os publicanos, esses se conheciam pelos trajés, pelos gestos burocráticos sem nenhuma distinção.

Tais confrontos tê-los-iam feito os vizinhos ao lado do homem nazareno; ou nem chegaram a fazer qualquer confronto, porque ele não feriu as atenções da turba.

Entretanto, o recém-vindo detém-se na encosta que desliza para as margens do rio. Lá em baixo, com água até a cintura, apoiando-se pela mão esquerda ao longo do cajado, o Batista ergue a destra e despeja, na cabeça dos penitentes, a linfa cristalina.

Ondula a multidão entre os penedos, os caniços, os tufos de palmeiras e de junco; espalha-se pelos barrancos e recôncavos estremes dos rebalsados ribeirinhos.

É uma linda manhã de céu azul com nuvens esparsas, de brancura alvinitente. Brilha o sol nas copas do arvoredo; cintila nos penhascos úmidos; crepita no dorso claro do rio.

Do alto da encosta, o jovem nazareno contempla o espetáculo da multidão ondulante, no cenário de pedras e palmeiras.

Do outro lado, sobre a linha verde-escura do barranco, aflora o perfil dos cumes de Galaad. Em frente à turba heterogênea de camponeses, artífices, soldados, publicanos, homens e mulheres de todas as idades e condições, ergue-se o profeta atlético e áspero, de cuja boca se desprendem, como raios, fuzilantes anátemas contra os pecados, e de cujas mãos jorra, com água lustral, a misericórdia divina e a consolação para as almas arrependidas.

O homem de Nazaré considera aquele povo e aquele profeta, cuja fama chegara ao Esdrelão e às montanhas setentrionais, pela voz das caravanas e dos peregrinos. E, rompendo caminho entre a turba, dirige-se para João, detendo-se à margem do rio.

João estremece fitando-o.

Esse encontro estava marcado desde a aurora dos tempos.

A primeira impressão do Batista é a do seu espantoso isolamento em face da terra e dos homens.

Sente-se extremamente só, com a sua certeza; reconhece aquele cujos caminhos está preparando.

Tudo no homem de túnica branca e manto encarnado difere do profeta de torso nu e de pernas nuas com o cinto de couro de camelo, o rude bordão, o olhar chamejante, que parece despedir fagulhas. O homem que se aproxima é másculo, porém, delicado; é puro, sem afetação de santidade; é austero, sem aspereza; humilde, sem ares subservientes; é todo espírito, sem menosprezo e degradação do corpo. Realiza-se nele (e João bem o percebe) a harmonia dos ritmos perfeitos, o sentido dos equilíbrios exatos.

Aquele homem não é propriamente um homem e, entretanto, e apesar de tudo, - é o homem. É o filho do homem e, por conseguinte - na suprema expressão humana -, o Filho de Deus.

Nas longas meditações pelo deserto, o Batista refletira muitas vezes acerca da espantosa revelação que lhe fizera. Aquele, cuja voz escutara no desmesurado silêncio ignorava, porém, o aspecto sob o qual apareceria o Cristo. Era provável que o supusesse segundo o modelo dos profetas: híspido, de ar severo, algo apavorante, como Isaías, Ezequiel, Jeremias, irradiando aquela terrível luz que fazia os próprios justos arrojarem-se por terra.

João, no entanto, perscrutando diariamente a multidão e ansiando pela descoberta do Esperado entre os milhares de rostos que se voltavam para o rio, nunca sentira, nem no semblante taciturno dos essênios, nem nas faces formalizadas dos fariseus, nem nos rudes perfis dos soldados, nem nas silhuetas dos publicanos, ou mesmo na efigie dos homens mais santos, a “presença” por ele aguardada como sinal comovedor do próprio encerramento da sua missão apostolar.

João sabe que seus dias estão contados, pois já não terá o que fazer no mundo, quando os clarins da boa nova começarem a despertar o Gênero Humano do longo sono pagão.

Ao contemplar o homem de trinta anos, que se aproxima do rio, João põe-se a exclamar:

-Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!

Todos os olhares se voltam para o jovem de manto rubro, que marcha resolutamente, rompendo as águas na direção de João Batista.

- EU é que devia ser batizado por ti – diz João – e, entretanto, és tu que vens a mim?

- Consente, por agora – responde o outro -, porque assim nos convém cumprir toda a justiça.

João Batista ergue os olhos ao céu e depois curva a cabeça leonina. Enche o púcaro de água e despeja-a sobre a cabeça do neófito. A multidão vê os dois homens como arrebatados num êxtase. João Batista escuta uma voz:

- Este é o meu filho muito amado em quem me comprazo!

Uma luz mais viva que a manhã fulgurante desce das alturas e o Espírito de Deus, tomando a forma de uma pomba, resplandece.

Por que a forma de uma pomba?

Outrora foi a sarça ardente aos olhos de Moisés; depois foram os raios e trovões no Sinai; e, agora, uma pomba. A graça divina tinha sido a fé no Deus uno e tinha sido, mais tarde, o terror dos crimes e pecados. Agora, era a paz que descia sobre o mundo.

O Cordeiro de Deus, a vítima inocente de todos os crimes, revelava aos olhos de João o pássaro anunciador da aliança de Deus com Noé e com a terra depois do dilúvio.

Uma noite, nos campos de Belém, não tinham os pastores ouvido o anúncio dos tempos, proclamando “paz na terra aos homens de boa vontade”?

João compreende tudo.

E quando a multidão se dispersa no crepúsculo, reúne alguns discípulos, dizendo-lhes:

- Eu não o conhecia; mas O que me mandou batizar com água, Esse disse: “Sobre aquele que vires descer o Espírito e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo. E eu vi, e tenho testificado que Ele é o Filho de Deus”.

FONTE: Salgado (1978, p. 85-88)



RESUMO DO TÓPICO 1

Caro(a) acadêmico(a), neste tópico, você:

- Conheceu o papel das Escrituras Sagradas na Teologia.
- Obteve conhecimento sobre quem foram os patriarcas e qual o papel deles na história.
- Obteve conhecimento sobre quem foram os profetas e qual o papel deles na história.
- Compreendeu o contexto em que surge a pessoa Jesus na história, a importância de seu nascimento, ministério, morte e ressurreição.

AUTOATIVIDADE



1 A pregação de Jesus não tinha nada de complicado. Estava ao alcance de todos. Você observa essa mesma característica na Igreja de hoje? Justifique.



1 INTRODUÇÃO

A região do Oriente Médio, hoje ocupada pelo Iraque e o Kwait, foi o berço de grandes civilizações da Antiguidade Oriental. Nessa época, os homens ainda não conheciam o petróleo e apenas buscavam a fertilidade do solo, propiciada pelos rios da região.

Esse território, denominado pelos gregos de “Mesopotâmia” (terra entre rios), compreendia uma estreita faixa entre os rios Tigre e Eufrates e estava enquadrado no chamado Crescente Fértil, área compreendida entre o Egito e o rio Tigre.

Por volta do ano 4000 a.C., surgiram os primeiros núcleos urbanos na região, desenvolvendo um sistema hidráulico que incluía desde canais de irrigação até o controle das cheias dos rios.

Por ser uma vasta área de planícies férteis, extremamente propícia à ocupação humana, atraiu diversos povos que, combatendo uns aos outros, sucederam-se no domínio da região.

2 POVOS - SUAS ORIGENS E TRAJETÓRIA

2.1 SUMÉRIOS

A história dos sumérios encontra-se registrada em aproximadamente 3500 a 2550 a.C. Eles são considerados os mais antigos habitantes da Mesopotâmia e acredita-se que pertenceram a uma raça vizinha dos egípcios.

No final do período neolítico, os povos sumerianos, vindos do Planalto do Irã, fixaram-se na Caldeia.

Por volta do terceiro milênio, já eram pelo menos doze cidades-estado autônomas.

Houve, assim, uma crescente rivalidade entre essas cidades, que resultou na instituição de um rei para cada uma delas até chegar à unificação. A partir de então se seguiram séculos de disputas por tal liderança que desencadeou um enfraquecimento dos sumérios, tornando-os extremamente vulneráveis a invasores.

Pouco tempo depois a região foi dominada pelos elamitas, mas os sumérios conseguiram reconquistar a independência, até serem dominados pelos acádios – grupos de nômades vindos da Síria.

Os reis das cidades-estado sumerianas foram mantidos no poder e reconheciam-se como tributários dos conquistadores acadianos, criando-se, assim, um modelo unificado de governo que influenciou todas as civilizações posteriores.

Depois de um século de domínio, as cidades ficaram novamente independentes. Os reis de Ur, além de restabelecerem a soberania suméria, conquistaram a Acádia. Contudo, atormentados pelos ataques de tribos elamitas e amoritas, o império ruiu e os sumérios desapareceram da história, deixando a influência de sua cultura nas civilizações posteriores da Mesopotâmia.

Os amoritas fundaram a Babilônia e, após muitas guerras e invasões, expandiram seus domínios sobre toda região, fundando, assim, o primeiro império da Babilônia que entrou em ruína, devido a invasões de povos que tinham melhor domínio sobre o cavalo e o ferro, como os hititas e os cassitas e, posteriormente, os assírios.



Elamitas: povos que habitavam o oeste e sudoeste do que hoje é o Irã, conforme Williams (2000, p. 103); **amoritas:** povos semitas vindos do deserto da Arábia (WILLIAMS, 2000, p. 157).

Hititas: povo indo-europeu; **cassitas:** tribo do Antigo Oriente, oriunda do sudoeste do Irã.
 FONTE: HITITAS. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/antigobab.html>> Acesso em: 2 nov. 2008. CASSITAS. Disponível em: <http://www.immanouel.com/civilizacoes_antigas/menu_civilizacoes.php?iden=456&pagina=1&search=1>. Acesso em: 2 nov. 2008.

2.2 ASSÍRIOS

Por habitarem uma região de passagem (Assur), entre a Ásia e o Mediterrâneo, os assírios sofreram várias invasões, despertando um violento espírito guerreiro, o que os levou a construir um forte Estado militarizado que contava com cavalos, carros de guerra e armas de ferro.

Reagindo contra toda essa violência, encontravam-se os caldeus, aliados aos medos que destruíram o império assírio e passaram a dominar a região.

No reinado de Nabucodonosor, foram erguidos os “Jardins Suspensos da Babilônia (terraços ajardinados elevados) e a “Torre de Babel” (templo piramidal com mais de 90 metros de altura).

Nesse período, os caldeus conquistaram Jerusalém e os habitantes do Reino de Judá foram trazidos para a Babilônia como escravos: “cativeiro da Babilônia”.

Os sucessores de Nabucodonosor não conseguiram manter o império, que foi invadido pelo povo persa sob a liderança de Ciro, fazendo com que a região passasse a pertencer ao Império Persa.



Caldeus: tribo que vivia em grandes regiões pantanosas, nas inclinações do Rio Tigre e Eufrates, ao sul da Babilônia; **medos:** povo que habitava a Média, país que ficava ao noroeste da Pérsia; **persas:** povo iraniano que vivia principalmente no Médio Oriente, Ásia Central, Cáucaso e Sul da Ásia. FONTE: (WILLIAMS, 2000, p. 52, 230, 289)

2.3 EGÍPCIOS

Quanto ao Egito, sabe-se que os primeiros grupos humanos que se instalaram junto ao vale Nilo datam de 4000 a.C.

No princípio, esses grupos estavam divididos em pequenas aldeias independentes, conhecidas como nomos, as quais eram governadas pelos nomarcas.



Nomos: divisões administrativas do Egito; **nomarcas:** eram responsáveis pela organização do exército egípcio local.
FONTE: NOMOS. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx>. Acesso em: 2 nov. 2008.
NOMARCAS. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx>. Acesso em: 2 nov. 2008.

A prática da agricultura e o crescimento da população favoreceram a formação das primeiras cidades. A necessidade de controlar as cheias dos rios, construindo diques e canais de irrigação, uniu a população, dando origem à formação de reinos: Alto Egito (sul) e Baixo Egito (norte).

Por volta do ano 3200 a.C., o reino do sul passou a dominar o reino do norte, resultando na unificação política do Egito.

O poder centralizou-se nas mãos de um único soberano, o Faraó, termo que significa “Casa Grande”, cuja imagem estava associada aos deuses.

Menés foi o primeiro Faraó, inaugurando o período das dinastias hereditárias no Egito.

A história do Egito unificado é normalmente dividida em três períodos: Antigo Império, Médio Império e Novo Império.

No Antigo Império, que data de 3200 a 2200 a.C., organizou-se no Egito uma monarquia poderosa de origem divina: o Faraó era considerado um deus e tinha poder absoluto – governo teocrático.

O soberano governava auxiliado por uma forte classe de altos funcionários públicos, os quais administravam o estado.

Esse período foi marcado pela construção das monumentais pirâmides de Gizé, túmulos dos faraós da quarta dinastia: Quéops, Quéfren e Miquerinos.

FIGURA 6 – PIRÂMIDES DE GIZÉ



FONTE: Disponível em: <www.brasilecola.com>. Acesso em: 20 set. 2008.

Por volta de 2400 a.C., o império entrou numa fase de decadência. Os monarcas, administradores das províncias, lideravam revoltas contra o Faraó, enfraquecendo seu poder.

A sociedade egípcia passou por um período de instabilidade política e guerra civil.

No Médio Império, que data de 2000 a 1580 a.C., apoiados pela nobreza tebana, os faraós voltaram a centralizar o poder, estabelecendo a nova capital do Egito na cidade de Tebas.

Os egípcios ocuparam a Palestina, a Núbia (região desértica, rica em ouro, marfim e granito) e a península do Sinai. Entretanto, conflitos internos enfraqueceram o império, possibilitando a invasão dos hicsos (povo nômade de origem asiática), que se estabeleceram no norte do Egito por quase dois séculos (1750 a 1580 a.C.).

Esse povo invasor era militarmente superior aos egípcios, pois usava cavalos, carros de guerra e armas de ferro, recursos bélicos desconhecidos no Egito.

Além dos hicsos, os hebreus também se estabeleceram no Egito, porém de forma pacífica. Cerca de 150 anos viveram tranquilamente na região.

Por volta de 1580 a.C., os egípcios expulsaram os hicsos, encerrando assim, o Médio Império e dando início ao novo império que vai até 1085 a.C.

Os egípcios passaram então a dominar e a escravizar os hebreus.

A população camponesa pagava tributos tanto na forma de produtos quanto de serviços, sendo submetida a um regime de escravidão.

2.4 HEBREUS

As riquezas e os escravos, trazidos das terras conquistadas, proporcionaram um notável enriquecimento ao Egito, porém a excessiva exploração de camponeses e escravos causava muitas revoltas internas, enfraquecendo o império.

Originariamente, os hebreus viviam como pastores nômades na região da Mesopotâmia, organizados em tribos ou clãs independentes, chefiados por um patriarca ou chefe de família.

Por volta do ano 2000 a.C., emigraram para Canaã, uma parte da qual foi mais tarde chamada Palestina.

Os hebreus disputaram essas terras com cananeus e filisteus, que já viviam na região.

Por volta de 1250 a.C., sob a liderança de Moisés, os hebreus fugiram em massa do Egito e iniciaram o retorno à Palestina, num período de 40 anos que ficou conhecido como Êxodo.

Durante a travessia no deserto do Sinai, Moisés recebeu de Deus as Tábuas contendo os Dez Mandamentos, que se transformaram em princípios morais e religiosos para os hebreus.

Nesse mesmo período começou a ser escrita a Bíblia, maior fonte de conhecimento da história do povo hebreu.

Liderados por Josué (sucessor de Moisés), os hebreus conseguiram, finalmente, alcançar a Palestina. Para se fixar nesta região, os hebreus reiniciaram as lutas contra os povos locais.

Divididos em 12 tribos, não apresentavam unidade política e militar para combater o inimigo, por isso centralizaram o poder militar, político e religioso nas mãos dos juízes, que eram escolhidos entre os membros das tribos.

A unificação das tribos hebraicas, durante as lutas de reconquista da Palestina, culminou com o estabelecimento da monarquia. O primeiro rei hebreu foi Saul, sendo sucedido por Davi, que venceu os filisteus e estabeleceu a capital do reino hebreu em Jerusalém.

Com Salomão, filho de Davi, o reino atingiu seu mais alto grau econômico e administrativo. Foi construído o Templo de Jerusalém, marco significativo na vida religiosa dos hebreus. No entanto, para manter o luxo da corte do rei Salomão, tornou-se necessário cobrar pesados impostos sobre a população, gerando grandes descontentamentos e revoltas sociais.

Com a morte de Salomão, as revoltas populares e as disputas entre as tribos se intensificaram, provocando o Cisma Hebraico, quando os hebreus se dividiram em dois reinos: Israel e Judá. Entretanto, a região foi invadida pelos babilônios, que destruíram o Templo de Jerusalém e levaram boa parte do povo como escravo para a Babilônia.

O cativeiro da Babilônia teve fim com Ciro, rei da Pérsia, que libertou os hebreus, permitindo que voltassem à Palestina e reconstruíssem o Templo de Jerusalém, reorganizando o Estado judaico, este, porém, sob o domínio persa.

Posteriormente, a região foi dominada pelos romanos, cujos tributos e opressões geraram uma série de revoltas. Em represália, no ano de 70 d.C., o imperador Tito destruiu a cidade de Jerusalém. Os hebreus abandonaram a Palestina e dispersaram-se pelo mundo – a Diáspora.

Apesar de tudo, os hebreus (hoje comumente chamados de judeus) sobreviveram como povo – fato que é um prodígio na história. Embora muitos desses exilados tivessem assimilado os costumes babilônios, alguns permaneceram fiéis ao seu Deus e às leis de Moisés e ansiavam por voltar à terra natal.

Os hebreus perderam sua identidade para Roma no século I antes de Cristo, tornando-se, por fim, um povo disperso.



As Escrituras hebraicas representam a tradição oral e escrita dos judeus desde aproximadamente 1250 a 150 a.C. Trata-se do registro de mais de 1000 anos da antiga vida judaica, incluindo as leis, a sabedoria, as esperanças, lendas e expressões literárias do povo hebreu. Ao descrever os esforços do antigo povo judeu para compreender os caminhos de Deus, as Escrituras enfatizam e valorizam a experiência humana; seus heróis não são semideuses, mas seres humanos.

As disputas territoriais atuais entre árabes e judeus na região da Palestina têm suas origens nos primórdios desses povos.

Os judeus (hebreus) viveram espalhados pelo mundo, sem território, do ano 70 até 1948, quando foi criado o Estado de Israel, provocando a ira de árabes e palestinos que viviam e vivem nessa região.

Para compreender esse conflito atual, basta buscar suas raízes na história do povo hebreu.

2.5 PERSAS

Nesse íterim os fenícios ocuparam o território oriental onde hoje está localizado o Líbano e parte da Síria, região de muitos conflitos políticos e religiosos atuais.

A Fenícia correspondia a uma estreita faixa de terra, ao norte da Palestina, entre os montes Líbano e Carmelo, estendendo-se entre as montanhas e o Mediterrâneo, região esta desfavorável ao desenvolvimento agrícola ou pastoril.

Os persas, juntamente com os medos, fixaram-se no atual planalto do Irã, região que se estende entre o mar Cáspio e o Golfo Pérsico, por volta de 1500 a.C.

A princípio os medos dominaram os persas, porém, por volta do século VI, os persas, liderados por Ciro, dominaram os medos e formaram um único império.

Sob o comando de Ciro I, iniciou-se um processo de conquistas territoriais entre: Lídia, colônias gregas, Ásia Menor, Síria, Fenícia, Palestina, norte da Índia e da Babilônia, enquanto os judeus eram libertos de seu cativo.

Cambises I, sucessor de Ciro, conquistou o Egito. O auge do Império Persa ocorreu durante o reinado de Dário. Nesse período o império foi dividido em províncias chamadas Satrápias.

Não havia uma capital única para o império, por isso foram construídas estradas ligando as principais cidades, criando-se também um correio para manter a unidade do império.

Para facilitar a comunicação e a comercialização entre as diferentes Satrápias, foi adotada a língua aramaica em todos os documentos oficiais e criada uma moeda de ouro, o dárco.

Apesar de grandes conquistas, os persas não conseguiram dominar a Grécia, além de que a derrota contra os gregos e as revoltas internas enfraqueceram sua administração, permitindo a conquista dos macedônios, comandados por Alexandre Magno.

2.6 GREGOS

O território que hoje chamamos de Grécia, tornou-se conhecido como Hélade, após ter sido habitado pelos helenos (provenientes da Ásia: aqueus, jônios, eólios e dórios). Este já foi o centro de uma rica civilização.

O nome Grécia originou-se da palavra *graeci*, um dos povos que habitaram primitivamente a região por volta do ano 2000 a.C., legando boa parte de sua cultura para formação das civilizações ocidentais (história, filosofia, democracia, jogos olímpicos, teatro etc.).

Para facilitar o estudo da antiguidade grega, os historiadores dividiram-na em períodos: período pré-homérico (século XVII a.C. ao século XIII a.C.); período homérico (século XII a.C. ao século VI a.C.); período clássico (século V a.C. ao século IV a.C.); período helenístico (século III a.C. ao século II a.C.).

O período pré-homérico, também conhecido como pré-grego, foi o que antecedeu a formação da cultura grega.

As origens da civilização grega estão, profundamente, ligadas ao povo que viveu na Ilha de Creta. Anteriores aos gregos, os cretenses se fixaram na ilha por volta de 2.000 a.C., de onde iniciaram ligações com o Egito, a Ásia Menor e a própria Grécia, dominando o comércio e conquistando diversas cidades gregas.

Sua cultura era brilhante, mas acabou sucumbindo perante a invasão dos aqueus, povo que havia invadido e se fixado na Grécia continental, dando início à civilização creto-micênica, já que a principal cidade dos aqueus era Mecenas.



Aqueus: grupo de seminômades que migraram para a Grécia em busca de terras férteis.

FONTE: Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/pre-historia/aqueus/>>. Acesso em: 2 nov. 2008.

Após os aqueus, que já apresentavam algumas características da Grécia, como a língua e a religião, aconteceram sucessivas invasões de povos. Dos indo-europeus, vieram os jônios, que fundaram a cidade de Atenas; integrando-se à civilização creto-micênica, chegaram os eólios, que fundaram a cidade de Tebas; por fim, chegaram os dórios, que fundaram a cidade de Esparta. Esse último povo, guerreiro, acabou destruindo a civilização creto-micênica.



Eólios: uma das quatro etnias que formaram o povo grego.

FONTE: Disponível em: <<http://greciantiga.org/mit/mit08.asp>>. Acesso em: 2 nov. 2008.

Dórios: um dos povos indo-europeus responsáveis pela invasão na Grécia e que, conseqüentemente, auxiliaram na formação do povo grego.

FONTE: Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/grecia/dorios.htm>>. Acesso em: 2 nov. 2008.

No período homérico, os dórios arrasaram as cidades gregas, forçando outros povos a dispersarem-se para outras regiões. Dessa forma, a vida urbana foi desaparecendo, havendo, assim, um retrocesso na produção material e cultural, tal como na organização social da região.

A população passou a organizar-se em pequenas comunidades agropastoris, chamadas *genos* (comunidades gentílicas). Eram grandes famílias, lideradas por um patriarca, que moravam na mesma aldeia e trabalhavam coletivamente, sendo que não havia propriedade individual.

Porém, com o crescimento da população, a produção coletiva tornou-se insuficiente e os chefes de famílias e seus descendentes diretos passaram a apropriar-se das melhores terras, formando-se uma aristocracia rural. Para se

fortalecerem nas guerras de disputas por terras, essas famílias se uniam, formando as fratrias. A reunião de várias delas formava uma tribo.

Nesse processo, surge a propriedade privada e o trabalho escravo. A população empobrecida passou a dedicar-se ao artesanato e ao comércio, ou se deslocou para outras regiões em busca de terras.

No período Arcaico, o povo grego passou a emigrar para outras regiões, porque as terras estavam nas mãos da aristocracia e o território tornava-se insuficiente para a crescente população.

Os emigrados fundaram muitas colônias, ocupando uma vasta região, que se estendia pelo sul da França, sul da Itália e norte da África, entre os séculos VIII e VII a.C.

Cada cidade tinha um governo próprio, leis próprias e certa autonomia econômica e muitas eram rivais entre si. A Grécia, portanto, não constituía um Estado unificado, nem um império, como era comum entre os povos da Antiguidade. Apesar dessa independência, as cidades-estado gregas mantinham características culturais únicas, que identificavam essa civilização.

No período helenístico, as cidades-estados, estando isoladas e enfraquecidas, foram sendo invadidas pelo exército da Macedônia.

Alexandre Magno conquistou um vasto império que compreendia a Ásia Menor, o Egito e o norte da Índia. Tendo em vista que o jovem imperador macedônio havia sido educado pelo sábio grego Aristóteles, acabou por criar uma fusão da cultura grega com a cultura dos povos orientais por ele conquistados, dando início a uma nova manifestação cultural: o helenismo.

Com a morte de Alexandre, o império foi dividido em três grandes reinos: da Síria, do Egito e da Macedônia. Entre os séculos II e I a.C., esses reinos, juntamente com outros menores, foram dominados pelos romanos.

A história de Roma pode ser dividida em três períodos, de acordo com a organização política: Monarquia, República e Império.

Durante a Monarquia, as informações sobre Roma ainda estão ligadas às lendas. São conhecidos apenas os nomes de sete reis. Provavelmente, existiram muitos outros, mas não há registro sobre eles. Os quatro primeiros eram itálios e os três últimos etruscos.



Italiotas: descendentes dos colonos gregos.

FONTE: Disponível em: <<http://www.yoomp.com/blogs/528/feeds/palladinos/129940/a+civili+zacao+romana>>. Acesso em: 2 nov. 2008.

Etruscos: era um aglomerado de povos que viveu na atual Itália.

FONTE: Disponível em: <<http://members.fortunecity.com/mpdutra/Italia/etruscos.htm>>. Acesso em: 2 nov. 2008.

O rei era, além de Juiz, chefe militar e religioso, porém seus poderes eram limitados pelo Senado e pela Assembleia Curiata.

O Senado, formado por um conselho de cidadãos idosos, tinha a função de fiscalizar o rei e propor leis. A Assembleia Curiata, formada por membros da Cúria (unidades religiosas administrativas), participava da elaboração e da aprovação das leis.

A sociedade estava dividida em: patrícios (latifundiários que compunham a nobreza local, eram cidadãos romanos), plebeus (comerciantes, artesãos e agricultores livres – eram a maioria da população e não gozavam de direitos políticos), clientes (homens livres associados aos patrícios, prestando-lhes serviços) e escravos (prisioneiros de guerra – eram considerados propriedade).

No ano de 509 a.C., descontentes com as medidas adotadas, que beneficiavam os plebeus, os patrícios depuseram o rei etrusco Tarquínio, implantando um governo republicano. O senado, composto somente por patrícios, tornou-se o órgão de maior poder na política romana.

Durante a República – 509 a 27 a.C. – os patrícios passaram a controlar os altos cargos do governo. Os plebeus compunham a maior parte da população, participavam do exército, pagavam impostos, mas não gozavam de direitos políticos.

O exército romano dependia dos plebeus. Sem outra alternativa, o Senado criou o cargo de tributos da plebe, cujos mandatos eram de um ano e davam direito de vetar as decisões dos senadores.

Os tribunos da plebe poderiam convocar um plebiscito para consultar a população sobre determinadas medidas tomadas pelo Senado.

A pressão popular continuou. Foram criadas legislações que tornavam a condição social dos plebeus um pouco mais justa, como a Lei das Doze Tábuas, primeiro código civil escrito que, mesmo beneficiando os patrícios, evitava arbitrariedades; a lei Canuleia, permitindo o casamento entre patrícios e plebeus;

a Lei Licínia, que anulava a escravidão por dívidas e permitia o acesso da plebe às magistraturas. A luta interna entre patrícios e plebeus não chegou a prejudicar a ascensão da República Romana.

Entre 400 a.C. e 270 a.C., os romanos conquistaram toda a península itálica.

O conflito entre romanos e cartagineses, provocado pela disputa do controle do comércio no Mediterrâneo, denominou-se guerras púnicas (entre 264 e 146 a.C.), pois os romanos chamavam os cartagineses de *puni*.

Foram três grandes conflitos. Os romanos tomaram dos cartagineses as ilhas da Sicília, Sardenha e Córsega e seus domínios na atual Espanha.

Cartago foi completamente destruída pelos romanos. Seus domínios foram incorporados a Roma e a sua população tornou-se escrava. Após o domínio de Cartago, os romanos dirigiram seu imperialismo sobre a Grécia e a Macedônia, Egito e regiões da Ásia Menor.

Os romanos transformavam as regiões conquistadas em províncias, apossavam-se de suas riquezas e passavam a cobrar altos impostos. Roma foi deixada de ser apenas uma cidade-estado e se transformou num império.

O estilo de vida simples dos romanos foi se tornando luxuoso e requintado, porém apenas para uma minoria de patrícios e plebeus ricos.

Com as conquistas militares, os plebeus, que participavam do exército, acabaram perdendo suas terras e, devido ao aumento do número de escravos, ficavam sem trabalho, migrando para as cidades. Em contrapartida, os proprietários de latifúndios aumentavam cada vez mais suas terras.

A crise econômica por que passava a maioria da população romana, comparada aos privilégios dos patrícios, estabelecia um clima de tensão social. Para tentar controlar o problema, o governo instituiu a chamada política do “pão e circo”: distribuição gratuita de trigo aos plebeus e ingressos gratuitos nos espetáculos de circo. Era uma forma paternalista de manter o povo ocupado, evitando rebeliões, forma esta que ainda hoje é usada por muitos governos.

Tibério Graco, eleito tribuno da plebe em 133 a.C., tentou melhorar as condições da população, propondo uma espécie de Reforma Agrária, mas foi combatido pelos patrícios e assassinado. Dez anos depois, em 123 a.C., seu irmão, Caio Graco, também foi eleito tribuno da plebe, propondo uma série de reformas, através da Lei Frumentária: o trigo deveria ser vendido abaixo do preço aos plebeus e as terras deveriam ser redistribuídas.

Diante do agravamento da crise, a cidade mergulhou numa violenta guerra civil e os militares, com o objetivo de conter as revoltas, passaram a disputar o poder, implantando governos ditatoriais. A princípio, o general Mário assumiu o consulado e transformou o exército em uma força popular, permitindo que plebeus assumissem cargos antes restritos aos patrícios. O exército passou a ser uma solução para o desemprego, pois, além do salário, havia divisão dos despojos de guerra entre os soldados.

Sila, general aristocrático e ligado ao Senado, restabeleceu os privilégios da aristocracia e empreendeu uma forte repressão às camadas populares. A opressão praticada pelo governo agravou ainda mais as tensões sociais em Roma. Ao concentrar todos os poderes em suas mãos, Sila recebeu oposição de muitos nobres descontentes e foi obrigado a renunciar. As lutas de disputa pelo governo foram retomadas e a instabilidade política facilitou o surgimento de revoltas da plebe e de escravos, como a liderada por Espartacus.

Concentrando todos os poderes em suas mãos, comandando o exército e tendo um Senado com poderes tímidos, Otávio acabou com a República e criou o império romano, no ano 30 a.C.

Durante o império (27 a.C. a 476 d.C.), ao imperador Otávio foi concedido o título de Augusto, que significava divino e sagrado e era dedicado apenas aos deuses, passando a se chamar Otávio Augusto.

O imperador concentrou em suas mãos todos os poderes e empreendeu uma série de reformas que o tornaram popular. Podemos destacar, entre suas reformas, a distribuição de terras aos soldados veteranos e a manutenção da política do “pão e circo”. Sob seu império, Roma atingiu seu esplendor cultural e prosperidade econômica: as revoltas internas cessaram, estabelecendo-se a chamada *Pax Romana* (paz romana). Nessa época, na província romana de Judá, nasceu Jesus, fundador do Cristianismo, religião que passou a ganhar adeptos em todo o império.

Essa fase de riqueza e prosperidade ficou conhecida como Alto Império e caracterizou-se pela sucessão de diferentes dinastias no poder. Apesar da prosperidade e da paz da vida política, com os sucessores de Otávio Augusto o período foi bastante agitado. Foram vários os imperadores prepotentes ou desequilibrados que contribuíram para o enfraquecimento do Império.

Roma voltou a ter tranquilidade e prosperidade com a Dinastia dos Antoninos (96 a 192 d.C.). Entretanto, a partir do governo de Cômodo, último imperador dos antoninos, o Império Romano mergulhou num processo de decadência generalizado e irreversível.

Durante a Dinastia dos Severos (193 a 235 d.C.) cresceram as ameaças de povos vizinhos que avançavam sobre as fronteiras de Roma, instalando-se o caos e a decadência, dando início ao chamado Baixo Império.

O gigantismo do Império Romano dificultava a administração (corrupção e desvio de impostos nas províncias) e o patrulhamento efetivo de seu território. Além disso, as legiões do exército proclamavam seus comandantes imperadores, criando uma anarquia militar e prejudicando a unidade e o controle do Império.

As fronteiras tornavam-se vulneráveis às invasões dos bárbaros, povos vindos do leste europeu que começavam a invadir, gradativamente, os territórios conquistados pelos romanos. Sem as guerras de conquistas, o número de escravos sofreu um grande decréscimo, prejudicando a produção econômica, uma vez que o excessivo uso da mão de obra escrava havia desprestigiado o trabalho na cultura romana.

Em 395, Teodósio dividiu o Império em duas partes: o Império Romano do Ocidente, com capital em Roma e doado a seu filho Honório, e o Império Romano do Oriente, com capital em Constantinopla (hoje Istambul, na Turquia), doado a seu filho Acádio. O Império do Ocidente chegou ao fim quando grupos de bárbaros, chefiados por Odoacro, derrubou Rômulo Augusto, o último imperador romano em 476 d.C.

FIGURA 7 – COLISEU



FONTE: Disponível em: <<http://artedesign.wordpress.com/2008/03/01/o-coliseu-2/>>. Acesso em: 2 jun. 2008.

A Itália foi o berço da antiga civilização romana. Nenhuma outra construção retrata tão bem a grandiosidade do império romano quanto o Coliseu, palco de lutas dos gladiadores da Antiguidade.

De acordo com a tradição lendária, relatada pelo poeta romano Vergílio, Roma teria sido fundada em 753 a.C. por dois gêmeos, Rômulo e Remo. Depois de fundar a cidade, os dois irmãos disputaram o poder para governá-la. Rômulo acabou matando Remo e tornou-se o primeiro rei de Roma.

3 CULTURAS DOS POVOS

3.1 MESOPOTÂMIA

Por ter sido formada sucessivamente por diferentes povos, a civilização mesopotâmica não tem características únicas. De modo geral, esses povos desenvolveram atividades agropastoris e atividades urbanas, dedicando-se, principalmente, ao comércio. A maioria dos camponeses vivia em regime de servidão, mas também havia escravos (povos dominados).

3.2 SUMÉRIOS

FIGURA 8 – ESCRITA CUNEIFORME



FONTE: Disponível em: <http://www.artigosobre.com/Escrita_cuneiforme>. Acesso em: 2 jun. 2008.

Atribui-se aos sumérios o desenvolvimento da Escrita Cuneiforme (feita de argila mole com um estilete em forma de cunha) e a Invenção da Roda (por volta do ano 3000 a.C.).

3.3 CALDEUS

No plano político, o rei era considerado um representante dos deuses e a sua autoridade estendia-se a todas as cidades. Era auxiliado por ministros e sacerdotes.

A religião era politeísta e suas divindades representavam elementos da natureza.

Os caldeus fizeram da Babilônia novamente a capital da Mesopotâmia, que se tornou o centro cultural e comercial de todo o Oriente Próximo.

Esses povos destacaram-se na ciência, na arquitetura e na literatura. Desenvolveram a astrologia e a astronomia. Avançaram o domínio da matemática (as 4 operações e a raiz quadrada) e criaram um calendário com ano de doze meses e semana de sete dias.

3.4 EGÍPCIOS

Para os egípcios e os mesopotâmios, o que acontecia hoje era uma simples reprodução dos acontecimentos vividos por seus antepassados.

Muito do que se sabe sobre o Egito Antigo é resultado da obsessiva preocupação de seus habitantes com a vida após a morte.

O Egito está situado no nordeste da África, num território predominantemente desértico. Apesar disso, a região estava integrada, na Antiguidade, ao chamado Crescente Fértil, juntamente com a Mesopotâmia, devido a essa área ser cortada pelo rio Nilo.

O povo egípcio logo aprendeu a se utilizar das cheias do rio, desenvolvendo em suas margens uma rica e organizada civilização.

O quadro social do Egito apresentava em seu topo o Faraó e a sua família, seguida de um número de privilegiados compostos por sacerdotes burocratas e a nobreza. Na base da sociedade local, encontravam-se artesãos, camponeses e escravos.

As relações sociais deveriam ser baseadas no respeito, porém não achavam que todas as pessoas deveriam ser tratadas da mesma forma.

Os egípcios eram politeístas (acreditavam em vários deuses). Seus deuses eram representados de maneira antropozoomórfica, ou seja, de forma humana e animal. Entre as divindades mais conhecidas, podemos citar Amon-ra, Osires, Sete Hápis Anúbis, Isis e Horos.

No governo de Faraó Amenófis IV, o politeísmo foi substituído por uma fé monoteísta, em que a única divindade cultuada era o deus Aton, representado pelo círculo solar, porém, após a morte de Amenófis IV, Tutancamon, o Faraó menino, restaurou o antigo culto politeísta e o deus Amon voltou a ser a principal divindade.

Como os egípcios acreditavam na imortalidade e na ressurreição da alma, seus mortos eram mumificados para que os corpos fossem preservados. A prática religiosa da mumificação favoreceu o desenvolvimento da anatomia, da medicina e até da química.

A principal obra religiosa era o livro dos mortos, cujo conteúdo abordava as características dos deuses cultuados, o comportamento das almas e tudo o que se acreditava sobre a vida após a morte com o juízo final diante do tribunal de Osires, no qual os justos seriam recompensados com a eternidade e os maus punidos com as trevas.

Os egípcios desenvolveram a matemática, a astronomia e criaram um calendário solar dividindo o ano em 365 dias.

FIGURA 9 – HIERÓGLIFOS EM UMA ESTELA FUNERÁRIA



FONTE: Disponível em: <http://saber.sapo.cv/wiki/Hier%C3%B3glifos_eg%C3%ADpcios>. Acesso em: 02 jun. 2008.

A escrita apresentava três formas: hieroglífica, hierática e demótica. A primeira era considerada sagrada, portanto restrita, aos templos e túmulos. A segunda consistia em uma simplificação dos hieróglifos, comum nos textos dos sacerdotes. Já a última era mais popular, usada nos contratos elaborado pelos escribas.

3.5 HEBREUS

Esse povo diferenciou-se dos outros povos da Antiguidade por ter adotado uma religião monoteísta.

Acreditavam que seu único Deus, lavé, havia feito uma aliança com os hebreus para protegê-los, e, em troca, eles deveriam adorá-lo e respeitar seus mandamentos.

O conceito hebraico de Deus e de sua relação com os seres humanos é um dos fundamentos da tradição ocidental.

Os hebreus consideravam Deus como Soberano Absoluto. Reinava sobre tudo e não estava subordinado a nada. Ao contrário dos deuses pagãos, a existência e o poder de Javé não provinham de um reino preexistente. Os hebreus acreditavam que nenhum domínio da vida era anterior a Deus ou excedia-O em poder.

Para eles, Deus era eterno, fonte de tudo no Universo e dono de uma vontade suprema. Enquanto as atividades do oriente próximo habitavam a natureza, o Deus hebreu era transcendente, estava acima da natureza e não fazia parte dela.

Os hebreus, ao contrário dos gregos, não eram filósofos. Estavam preocupados com a vontade de Deus, não com o intelecto humano. Ao contrário dos gregos, os hebreus não especularam sobre as origens das coisas e o funcionamento da natureza; sabiam que Deus era o Criador de tudo. Para os hebreus, a existência de Deus fundamentava-se na convicção religiosa e não na investigação científica; na revelação ou na razão.

Os hebreus também não especularam sobre a natureza de Deus. Sabiam apenas que Ele era bom e que fazia exigências éticas ao seu povo.

Ao colocarem-se perante Deus, os hebreus desenvolveram uma consciência de si mesmo, ou do Eu. Cada indivíduo tornou-se consciente da sua própria pessoa, da sua autonomia moral e do seu valor pessoal.

Os hebreus acreditavam que Deus, Ele mesmo, dotado de liberdade total, concedera a seu povo a liberdade moral e a capacidade de escolher entre o bem e o mal.

Fundamental à graça hebraica era a insistência em que Deus não criou os homens para serem escravos. Eles olhavam para Deus com reverência e humildade, com respeito e temor, mas não acreditavam que Deus quisesse que as pessoas rastejassem diante d'Ele, mas que elas realizassem o seu potencial moral, optando livremente por seguir ou não a Sua Lei.

Deus exigia que os hebreus não tivessem nenhum outro Deus e que não fizessem imagens. Os hebreus acreditavam que a adoração de ídolos privava as pessoas de sua liberdade e dignidade; ninguém poderia ser totalmente humano ao render-se a ídolos inanimados. Assim, rejeitavam as imagens e todas as formas de idolatria.

Para os hebreus, Deus, que era o Ser Supremo, não podia ser representado por figuras ou esculturas criadas por mãos humanas. Os hebreus rejeitavam completamente a crença de que uma imagem pudesse ter poderes divinos, passíveis de serem manipulados para o benefício dos homens.

No centro da vida religiosa dos hebreus estavam as considerações éticas, não os mitos e nem a magia. Ao fazer de Deus o centro da vida, os hebreus podiam tornar-se agentes morais livres; nenhuma pessoa, nenhuma instituição ou tradição humana podia reclamar-lhes a alma.

A primeira preocupação dos hebreus era com a honradez, não com o poder, fama ou riqueza, que eram apenas ídolos e lhes empobreceriam o espírito e a moral. Para os hebreus, liberdade significava obediência voluntária aos mandamentos emanados de Deus.

O mal e a dor não eram provocados pelo destino cego, por demônios malévolos ou deuses arbitrários, mas resultavam da inobservância dos mandamentos de Deus.

Para os hebreus, conhecer a Deus não era compreendê-Lo intelectualmente, nem defini-Lo, nem provar a Sua existência; conhecer a Deus era ser virtuoso e amoroso, misericordioso e justo. Quando uma pessoa amava o Senhor, acreditavam os hebreus, o seu espírito era engrandecido e aprimorado.

Ao prestar devoção a Deus, os hebreus afirmavam o valor e a autonomia dos seres humanos. Desse modo, conceberam a ideia de liberdade moral: de que cada indivíduo é responsável pelos seus próprios atos. Legada ao cristianismo, essa ideia de autonomia moral é a base da tradição ocidental.

Os hebreus viam a si mesmos como uma nação única, o “povo eleito”, não tinham a pretensão de que Deus os escolhera porque eram melhores que os outros povos ou porque haviam feito algo especial para merecerem Sua escolha. Acreditavam terem sido escolhidos para receber a Lei e, assim, dar um exemplo de comportamento justo e tornar Deus e a Lei conhecidos de outras nações.

A Lei hebraica incorporou muitos elementos dos códigos jurídicos e tradições orais do Oriente Próximo. Porém, ao dar mais importância às pessoas que à propriedade, ao exprimir misericórdia para com os oprimidos e ao rejeitar a ideia de que a Lei deveria tratar ricos e pobres de modo diferente, a Lei israelita demonstrou maior consciência ética e um espírito mais humano que os outros códigos legais do Oriente Próximo.

Como outras sociedades do Oriente Próximo, os hebreus colocavam as mulheres numa posição subalterna. Por outro lado, os hebreus também demonstravam respeito às mulheres. A Lei hebraica considerava a mulher como pessoa, não como propriedade.

Finalmente, as Escrituras hebraicas foram e ainda são uma das fontes de inspiração dos pensadores religiosos, romancistas, poetas e artistas ocidentais. Para os historiadores e arqueólogos, elas constituem um recurso valioso em seus esforços de reconstruir a história do Oriente Próximo.

3.6 JUDEUS

Os judeus valorizavam tanto o futuro como o passado. Considerando a história humana como um processo que conduz a uma meta, sonhavam com o grande dia em que Deus estabeleceria na terra uma gloriosa era de paz, prosperidade, felicidade e fraternidade humana. Essa noção utópica impregnou profundamente o pensamento ocidental.

Judeu designa um judaíta, isto é, um membro da tribo de Judá. Depois da queda do reino de Israel, em 721 a.C., o título Israel sobreviveu somente em Judá.

A doutrina fundamental do judaísmo encontra-se no Pentateuco, conjunto de livros do Antigo Testamento da Bíblia. Essa doutrina baseia-se no monoteísmo, na crença da imortalidade da alma, no juízo final e na vinda de um Messias.

Esses princípios religiosos tornaram-se o principal legado hebraico para a cultura ocidental, influenciando outras duas religiões: cristianismo e islamismo.

3.7 FENÍCIOS

A religião dos fenícios era politeísta, cada cidade cultuava sua divindade principal, além de outras comuns a todo povo. Seus deuses eram identificados com as forças da natureza e nos cultos poderiam ocorrer sacrifícios humanos.

Os fenícios desenvolveram a matemática e a astronomia. Porém, o principal legado da cultura fenícia é o alfabeto, constituído de 22 letras, pois se tornou necessário registrar, dentro de uma escrita prática e simples, o movimento das mercadorias comercializadas.

Os fenícios dedicaram-se às atividades voltadas para o mar, tornando-se os maiores comerciantes marítimos da antiguidade.

Fabricavam e comercializavam peças de ferro, bronze, prata, ouro e vidros coloridos e, ainda, produziam tinta para tecidos. Comercializavam também, produtos de outras regiões, e a cidade de Tiro praticava o comércio de escravos.

3.8 PERSAS

A agricultura era a principal atividade econômica entre os persas.

O comércio teve grande estímulo, devido à existência de uma vasta rede de estradas, abrangendo também os povos invadidos. Esse crescimento do comércio incentivou o artesanato, principalmente a tapeçaria, requintada e de boa qualidade (até hoje os tapetes persas são famosos).

Já a maioria da população estava dominada e sujeita a pagar tributos. Havia ainda escravos obtidos nas conquistas militares.

A cultura persa foi fortemente influenciada por assírios, babilônios e egípcios. Destacaram-se na produção de cerâmica, na tapeçaria e na construção civil (palácios reais luxuosamente decorados e com jardins internos).

A religião persa apresentava forte dualismo, em que a divindade Hura-Mazda simbolizava o bem, enquanto Arimã representava o mal, tudo dentro de uma crença codificada pelo profeta Zoroastro, que teria sido autor do Zend-Avesta, considerado como a Escritura Sagrada do Zoroastrismo.

Essa religião dos persas quase desapareceu frente ao estabelecimento do islamismo na região.

3.9 GREGOS

Foram os gregos e não os hebreus que criaram o pensamento racional.

Os gregos praticavam culto politeísta antropomórfico, em que os deuses poderiam se envolver em aventuras fantásticas, tendo, também, a participação de heróis (Hércules – Teseu – Perseu – Édipo), os deuses possuíam tanto virtudes quanto defeitos, o que os assemelhava aos mortais no aspecto de personalidade.

Para relatar os feitos dos deuses e dos heróis, os gregos criaram uma rica mitologia.

Normalmente, as cerimônias públicas, mesmo de cunho político, eram antecedidas por práticas religiosas, o que reflete a importância da religião entre os gregos antigos.

Entre as divindades cultuadas estavam: Zeus (senhor dos deuses), Demeter (deusa da terra), Poseidon (deus do mar), Afrodite (deusa do amor), Apolo (deus da luz e das artes), Dionísio (deus do vinho), Atena (protetora das artes e sabedoria), Artêmis (deusa da caça), Hermes (deus das comunicações), Hera (protetora das mulheres).

Além dos grandes santuários como os de Delfos, Olímpia e Epidalgo, os oráculos também recebiam grandes multidões, pois lá se acreditava receber mensagens diretamente dos deuses.

Até por volta do século VII a.C., os gregos explicavam sua origem e a realidade em que viviam, através da mitologia. No século VI a.C., surgiram os sofistas, que buscavam explicações mais realistas para a existência humana. Esses sofistas foram, de certa forma, os precursores dos grandes filósofos gregos, que despontaram no século IV a.C., procurando explicar, pela razão, o mundo que os cercava.

Além de filosofia, os gregos também foram os primeiros a sistematizar a história. Heródoto ficou conhecido como o “pai da História”.

Os gregos também contribuíram para as ciências; de modo geral, podemos destacar: Tales de Mileto e Pitágoras que deixaram grandes contribuições de cálculos matemáticos e de Geometria. Hipócrates, que passou a estudar as doenças humanas de forma racional e sistemática, sendo considerado o “pai da Medicina”.

Nas artes, merece destaque o teatro grego.

Os gregos alcançaram grande progresso no campo da arquitetura (principalmente templos aos deuses) e da escultura, dedicando-se também à pintura, à música e à cerâmica.

Até mesmo nos esportes, a Grécia deu sua contribuição, pois lá foram criados os jogos olímpicos, realizados a cada quatro anos, ocasião em que se reverenciava Zeus e as guerras eram suspensas.

3.10 ROMANOS

Os gregos exerceram grande influência na cultura e na religião romanas. Assim como eles, os romanos eram politeístas e seus deuses, de formas humanas, eram os mesmos dos gregos, porém rebatizados com nomes latinos: Zeus = Júpiter, Hera = Juno, Atena = Minerva, Posêidon = Netuno, Dionísio = Baco, Afrodite = Vênus, e assim por diante.

Esse politeísmo, herdado dos gregos, foi abalado por uma religião monoteísta – o cristianismo – que surgiu na Palestina, entre o povo hebreu e teve origem na religião judaica. O que separou o cristianismo do judaísmo foi o nascimento de Jesus Cristo, que aconteceu nas possessões do Império Romano.

No final do império, o cristianismo tornou-se a religião oficial dos romanos.

Os romanos dominaram militarmente os gregos, porém foram culturalmente dominados por eles. A cultura e a língua grega foram forte referência nas produções intelectuais e artísticas dos romanos.



RESUMO DO TÓPICO 2

Caro(a) acadêmico(a), neste tópico, você:

- Descobriu qual foi a origem das civilizações.
- Observou qual foi a trajetória desses povos e nações.
- Observou os traços marcantes das culturas dos povos.
- Compreendeu a importância de se estudar a origem, trajetória e cultura dos povos na busca de um melhor entendimento dos textos bíblicos.

AUTOATIVIDADE



- 1 Após o estudo desse tópico, explique a importância do estudo da trajetória e cultura dos primeiros povos para o entendimento do contexto histórico em que Jesus viveu.



1 INTRODUÇÃO

Cerca de 25% da Bíblia foram escritos em forma de profecia, o que equivale, em volume, a uma porção semelhante ao Novo Testamento. Existem mais de 8300 versículos na Bíblia que tratam de profecias relacionadas com o futuro.

2 AS PROFECIAS

Grande parte das profecias é direta e objetiva, sem ambiguidades, tratando-se da pregação e predição sem qualquer adorno.

A profecia é apresentada de diversas formas, as mais comuns são:

- Uma declaração do ponto de vista de Deus.
- Uma reprovação ou exortação. Normalmente, traz expressões como “Ai daquele”. Esse tipo de profecia exige uma mudança de comportamento por parte da audiência.
- Ameaças ou promessas.

Ao analisarmos um conteúdo profético, alguns problemas muito especiais surgem.

Primeiro, deve-se indagar se a mensagem fala de eventos próximos ou futuros. Em parte porque uma predição pode se referir tanto a uma situação imediata como a um tempo distante, logo o foco pode mudar dentro de um simples pronunciamento profético.

Segundo, precisamos perguntar se a predição é condicional. Em geral, predições de julgamento contêm condições claras ou subentendidas, sendo que, se os ouvintes se arrependem, o julgamento pode ser evitado.

Terceiro, temos de verificar se a predição foi cumprida, ou ainda está para se cumprir.

Como interpretar a profecia?

- Estude cada profecia considerando sua totalidade e não suas partes isoladas.
- Conheça o contexto histórico do período.
- Saiba do que trata o livro que contém a profecia a ser estudada.
- Entenda o contexto da profecia que você está estudando.
- Verifique se a profecia e seus símbolos foram interpretados por Deus, um anjo ou o próprio profeta.
- Verifique se o símbolo ou o simbolismo foi apresentado ou explicado anteriormente nas Escrituras.
- Verifique se existem outras profecias semelhantes a esta que você está estudando.
- Faça distinção entre o simbólico e o literal, entre a profecia e sua interpretação.
- Presuma que a passagem ou a coisa a que ela se refere seja entendida literalmente.
- Interprete literalmente animais, cores e números, a não ser que o autor revele tratar-se de comparações mediante o uso de palavras “tal como” ou “semelhante”.
- Os profetas descrevem visões fantásticas e há momentos em que eles simplesmente não conseguem encontrar termos terrenos para descrever as coisas celestiais.
- Você pode partir da premissa segundo a qual, se uma profecia não foi cumprida no passado, ela o será no futuro.
- Mesmo depois de aplicar esses princípios, haverá passagens sobre as quais você ainda terá dúvidas. Use o bom senso para discernir aquilo que está claro no texto daquilo que é apenas conjectura.

Podemos dividir as profecias em três grupos:

As profecias sobre a pessoa e obra de Jesus relatadas minuciosamente no Antigo Testamento, falando sobre os acontecimentos de Sua Vida, da morte à ressurreição. As profecias sobre o povo de Israel abrangendo todos os principais acontecimentos de sua história, o país de seu nascimento, a saída do Egito, a entrada em Canaã, vitórias e derrotas, o exílio para a Síria e Babilônia, a dispersão do povo entre as nações, o retorno à Palestina e a restauração de Israel no milênio. As profecias sobre a sequência dos últimos acontecimentos que são bases para a Escatologia.

3 PROFECIAS NO ANTIGO TESTAMENTO

No Antigo Testamento o profeta era a voz contemporânea de Deus, soando corajosamente, não somente para predizer os futuros eventos, mas para corrigir os pecados e formar uma sociedade mais justa.

Era conhecido como “homem de Deus” (II Rs, 4:21), “Servo de Deus” (Is, 20:3), “O homem que tem o Espírito de Deus sobre si” (Is, 61:1-3), “Atalaia” (Ez, 3:17) e “Mensageiro do Senhor” (Ag, 1:13).

Interpretava sonhos e a história – presente e futura – sob o ponto de vista de Deus.

Pelo fato de o Espírito e a Palavra estarem sobre o profeta do Antigo Testamento, ele recebia conhecimentos da parte de Deus no tocante às pessoas, aos eventos e à verdade redentora, com o propósito de encorajar o povo a permanecer fiel a Deus e a Seu conselho. Ele abandonava as atividades corriqueiras da vida a fim de viver exclusivamente para Deus, protestando intensamente contra a idolatria, a imoralidade e iniquidades cometidas pelo povo, bem como a corrupção praticada pelos reis e sacerdotes. Suas atividades visavam mudanças santas e justas em Israel. Suas investidas eram sempre em favor do Reino de Deus e de sua justiça. Lutavam pelo cumprimento da vontade divina, sem levar em conta os riscos pessoais.

Portanto, o propósito da profecia, no Antigo Testamento, era tornar clara a vontade de Deus ao povo mediante a instrução, a correção e a advertência. O Senhor usava os profetas para pronunciarem o Seu juízo antes de este ser deferido.

O profeta era, via de regra, um homem solitário e triste, perseguido pelos falsos profetas que prediziam paz, prosperidade e segurança para o povo que se achava em pecado diante de Deus. Era um ensinador de ética, um reformador moral e um inquietador da consciência humana, desmascarando o pecado e a apostasia, procurando sempre despertar o povo a um viver realmente santo.

O ministério do profeta era sempre direcionado ao rei. Exemplo disso foi o ministério do profeta Natã que serviu ao Rei Davi como profeta da corte, não somente para confrontar seus pecados, mas para anunciar a promessa de Deus em estabelecer a linhagem de Davi no trono de Israel.

Transmitia instruções de Deus para seus governantes, dirigindo campanhas militares e ordenando reformas legais. A maioria dos profetas tinha um ministério público que, cada vez mais, se evidenciava nos assuntos religiosos e sociais.

Quando ele se dirigia ao povo de Deus, dizia: “Assim diz o Senhor”, ou “Veio a mim a palavra do Senhor”. Portanto, quando os israelitas ouviam as palavras do profeta, ouviam, na verdade, a Palavra de Deus.

Os profetas do Antigo Testamento eram homens de Deus que, espiritualmente, achavam-se muito acima de seus contemporâneos. Tinham estreito relacionamento com Deus, o que os tornava confidentes do Senhor (Am, 3:7).

Nenhuma categoria, em toda a literatura apresenta um quadro mais dramático do que a deles. À semelhança de Deus, amavam profundamente o povo sentindo dores profundas, quando o povo se achava em sofrimento.

Os sacerdotes, juízes, reis, conselheiros e salmistas ocuparam lugar de importância na história de Israel, mas nenhum deles atingiu a estatura dos profetas, nem chegou a exercer papel tão importante na história da redenção.

Exerceram considerável influência sobre a composição do Antigo Testamento, fato que comprovamos observando a divisão da Bíblia hebraica: A Thorá, Os Profetas e os Escritos.

A categoria dos profetas inclui seis livros históricos, compostos sob a perspectiva profética: Josué, Juízes, I e II Samuel, I e II Reis, cujos autores provavelmente eram profetas. Há também dezessete livros proféticos específicos (Isaías até Malaquias) e finalmente, Moisés, autor dos cinco primeiros livros da Bíblia (a Thorá) que era profeta. Sendo assim, dois terços do Antigo Testamento, no mínimo, foram escritos por profetas.

A mensagem dos profetas enfatizava a natureza de Deus declarando ser Ele o criador Soberano Onipotente do Universo e Senhor da História, que leva os eventos a servirem a Seus supremos propósitos de salvação e juízo.

Os profetas jamais deixaram de anunciar mensagens de esperança, pois sabiam que Deus cumpriria com os critérios do concerto e com as promessas feitas a Abraão através de um remanescente fiel.

Eles eram tanto defensores do antigo concerto quanto precursores do novo, vivendo no presente, mas com a alma voltada para o futuro.

4 PROFECIAS NO NOVO TESTAMENTO

Houve uma pausa de trezentos anos durante a qual Deus não falou aos homens. Então, no fim desse tempo, João, filho de Zacarias, que foi “profeta”, e “mais que profeta” conforme as palavras de Jesus em Mt, 11:9, apareceu, revelando às multidões a vontade de Deus para elas, dizendo-lhes que era chegado o tempo em que as profecias sobre a vinda do libertador iriam se cumprir.

Compreende-se que a atividade profética não teve fim em Jesus Cristo, continuando numa maneira nova, depois que o Espírito Santo foi derramado no dia de Pentecostes.

Entre os profetas do Novo Testamento são mencionados: Ábago e outros, vindos de Jerusalém (At, 11:27-28; 21:10); os profetas em Antioquia (At, 13:1); Judas e Silas (At, 15:32) e as quatro filhas de Filipe, o evangelista (At, 21:9).

Paulo também se refere a profetas cristãos em I Co, 12:28. E o autor de Apocalipse por vezes menciona os profetas cristãos, que são considerados como seus irmãos (Ap, 22:9).

Observando o uso da palavra “profeta”, podemos constatar que das 66 vezes que essa palavra é mencionada no Novo Testamento, apenas 4 se referem aos profetas do mesmo. Todas as demais fazem menção aos profetas do Antigo Testamento ou ao Messias (Atos, 13:6; 21:10; I Cor, 14:37; Tito, 1:12). Isso comprova que, na era apostólica, o ofício de “profeta” não era igual ao do Velho Testamento.

Os Evangelhos apresentam a pregação e o ministério de Jesus da perspectiva do Cristo ressurreto, o qual voltará para cumprir a Lei de Moisés e a palavra profética. Integram isso com o ensino de Jesus sobre o futuro – o juízo, os eleitos, a ressurreição, o crescimento e a alegria do Reino com a esperança profética.

O Novo Testamento confirma a esperança profética por meio do testemunho de que em Jesus Cristo as promessas de Deus se cumpriram. Consequentemente, Jesus é o “foco” da esperança, em quem a realidade e o cumprimento de todas as promessas do Senhor estão garantidas.

“Era necessário que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos”, Lucas, 24:44.

5 CUMPRIMENTO DAS PROFECIAS

Os profetas, como arautos do Reino, formam uma corrente contínua de Moisés até João Batista.

A palavra profética tem uma ligação com o contexto histórico do profeta, mas sua relevância vai muito além das questões sobre as quais ele falou e como as profecias se cumpriram. Os oráculos proféticos são a Palavra de Deus para cada nova geração em seu próprio contexto histórico. Cada geração pode encontrar sua identidade na história e na progressão do cumprimento enquanto vive na esperança do grande futuro que Deus tem preparado para o Seu povo. Cada geração deve envolver-se na interpretação e na aplicação da palavra profética, de maneira que isso também contribua para o progresso da redenção.

Os profetas anunciaram o encerramento de uma época e a abertura de outra. A nova dispensação no desenvolvimento da redenção tem elementos de continuidade com o passado, pois os novos atos da graça fluem das promessas de Deus. Apesar disso, a nova dispensação tem também elementos originais, pois o Senhor determina um cumprimento ainda maior de suas promessas. Os profetas apontavam para além de seu próprio tempo, a um momento na eternidade quando Deus cumprirá todas as suas promessas e alianças. Estará com Seu povo e governará perpetuamente sobre ele junto com Seu Messias. A mensagem profética escatológica é teocêntrica, com seu foco no advento do grande Rei, a inauguração do período davídico (messiânico), o derramamento do Espírito Santo, a renovação da aliança, a restauração do povo de Deus, a união dos judeus e gentios, a glória e a alegria associadas com a presença do Senhor, o júbilo do povo de Deus, a restauração de Canaã, de Jerusalém e de toda a Terra e a remoção do mal, da maldição, da morte e de qualquer outra forma de julgamento divino.

O cumprimento das profecias sobre Israel até o presente constitui uma das provas incontestáveis da veracidade da Bíblia e da sua inspiração divina.

O passado, o presente e o futuro se unem em Cristo.

Os profetas afirmaram que Deus é fiel em Seu compromisso de renovar as alianças, conduzir as pessoas ao Seu Reino e cumprir Suas promessas.

Como podemos rever as predições que têm sido cumpridas, podemos olhar à frente com confiança, pois a mensagem da profecia permanece a mesma: Deus está no comando e Ele de fato é amor.

Deus prometeu que Israel seria escravo do Egito durante 400 anos.

Profecia

“Então lhe foi dito: Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por 400 anos” (Gn, 15:13).

Cumprimento

“Ora, o tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos. Aconteceu que, ao cabo dos quatrocentos e trinta anos, nesse mesmo dia, todas as hostes do Senhor saíram da terra do Egito” (Ex, 12:40-41).

Deus prometeu que Israel vagaria no deserto 40 anos por causa de sua rebeldia.

Profecia

“Nenhum dos homens que, tendo visto a minha glória e os prodígios que fiz no Egito e no deserto, todavia, me puseram à prova já dez vezes e não obedeceram a minha voz, nenhum deles verá a terra que, com juramento, prometi a seus pais, sim, nenhum daqueles que me desprezaram a verá” (Nm, 14:22-23).

Cumprimento

“São estes os que foram contados por Moisés e o sacerdote Eleazar, que contaram os filhos de Israel na campina de Moabe, ao pé do Jordão, na altura de Jericó. Entre estes, porém, nenhum houve dos que foram contados por Moisés e pelo sacerdote Arão, quando levantaram o senso dos filhos de Israel no deserto do Sinai. Porque o Senhor dissera: deles que morreriam no deserto; e nenhum deles ficou, senão Calebe, filho de Jafoné e Josué, filho de Num” (Nm, 26:63-65).

Deus prometeu que puniria a casa do sacerdote Eli por causa de sua negligência.

Profecia

“Eis que vou fazer uma coisa em Israel, a qual todo o que a ouvir lhe tinirão ambos os ouvidos. Naquele dia, suscitarei contra Eli tudo quanto tenho falado com respeito a sua casa; começarei e o cumprirei. Porque já lhe disse que julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia, porque seus filhos se fizeram execráveis, e ele os não repreendeu” (I Sm, 3:11-13).

Cumprimento

“Então, respondeu o que trazia as novas e disse: Israel fugiu de diante dos filisteus, houve grande morticínio entre o povo, e também os teus dois filhos, Hofini e Fineias foram mortos, e a arca de Deus foi tomada. Ao fazer ele menção da arca de Deus, caiu Eli da cadeira para trás, junto ao portão, e quebrou-se-lhe o pescoço e morreu, porque era já homem velho e pesado; e havia ele julgado Israel quarenta anos” (I Sm, 4:17-18).

Deus prometeu fazer de Salomão o rei mais rico de seu tempo.

Profecia

“Também até o que me não pediste eu te dou, tanto riquezas como glória; que não haja teu igual entre os reis, por todos os teus dias” (I Rs, 3:13).

Cumprimento

“Assim, o rei Salomão excedeu a todos os reis do mundo, tanto em riqueza como em sabedoria” (I Rs, 10:23).

Deus prometeu que Judá serviria à Babilônia por setenta anos.

Profecia

“Toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto; estas nações servirão ao rei da Babilônia setenta anos” (Jr, 25:11).

Cumprimento

“Os que escaparam da espada, a estes levou ele para a Babilônia, onde se tornaram seus servos e de seus filhos, até o tempo do reino da Pérsia” (II Cr, 36:20).

Deus prometeu que o Messias ressuscitaria dentre os mortos.

Profecia

“Pois não deixarás a min'alma na morte, nem permitirás que o teu santo veja corrupção” (Sl, 16:10).

Cumprimento

“Estando elas possuídas de temor, baixando os olhos para o chão, elles falaram: por que buscais entre os mortos ao que vive? Ele não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos de como vos preveniu estando ainda na Galileia” (Lc, 24:5-6).

Deus prometeu repousar Seu Espírito sobre o Messias.

Profecia

“Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de Sabedoria, e de Entendimento, o Espírito de Conselho e de Fortaleza, o Espírito de Conhecimento e de Temor do Senhor” (Is, 11:2).

Cumprimento

“Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele” (Mt, 3:16).

Falou através de Pedro a respeito do Juízo que viria sobre Safira.

Profecia

“Tornou-lhe Pedro: Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido e eles também te levarão” (At, 5:9).

Cumprimento

“No mesmo instante, caiu ela aos pés de Pedro e espirou. Entrando os moços acharam-na morta e, levando-a, sepultaram-na junto do marido” (At, 5:10).

Falou através de Ágabo sobre a prisão de Paulo.

Profecia

“E, vindo ter conosco, tomando o cinto de Paulo, ligando com ele os próprios pés e mãos, declarou: Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus, em Jerusalém, farão ao dono deste cinto e o entregaram nas mãos dos gentios” (At, 21:11).

Cumprimento

“Ordenou o comandante que Paulo fosse recolhido à fortaleza e que, sob açoite, fosse interrogado para saber por que motivo assim clamavam contra ele” (At, 22:24).

Prometeu que Jesus voltará.

Profecia

“Então, sairá o Senhor e pelejará contra essas nações, como pelejou no dia da batalha. Naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o Oriente; o Monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o Oriente e para o Ocidente, e haverá um vale muito grande; metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade, para o sul” (Zc, 14:3-4).

“E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir” (At, 1:10-11).

“Cumprimento” é algo mais do que atuação de um fato previsto: é a realização de uma esperança, de um destino, de um plano, de uma realidade” (MCKENZIE, 2008, p. 742).



RESUMO DO TÓPICO 3

Caro(a) acadêmico(a), neste tópico, você:

- Compreendeu a importância de uma análise correta do conteúdo profético.
- Obteve conhecimento do papel exercido pelas profecias no Antigo e Novo Testamento.
- Percebeu à luz das Escrituras a autenticidade quanto ao cumprimento das profecias.

AUTOATIVIDADE



- 1 Você pôde observar neste tópico alguns exemplos de profecias que já se cumpriram. Pesquise a esse respeito, trazendo para a sala de aula matérias de revistas ou jornais que apresentem fatos ocorridos na atualidade e que estejam relacionados à alguma profecia bíblica. Compartilhe os textos com seus colegas.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás de. **Suma Teologia**. Tradução de Aldo Vannucchi et al. São Paulo: Loyola, 2003.
- BARTH, Karl. **Introdução à Teologia**. São Paulo: Sinodal, 1979.
- CANTERBURY, Santo Anselmo. *Proslogion seu Alloquium de Dei existentia*. Tradução de José Rosa. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/anselmo_cantuaria_proslogion.pdf>. Acesso em: 20 out. 2008.
- CORBISIER, Roland. **Introdução à Filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- CORRÊA, Rafael. O que havia antes do tempo. **Veja**, São Paulo, n. 25, p. 122-125, jun. 2008.
- FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêis?** São Paulo: Vida Nova, 2002.
- INTERNATIONAL BIBLE SOCIETY. **Ponto de Partida**. Tradução de Ely Torresin. [s.l.]: North Point Ministries, 2006.
- JOHN WYCLIFFE. Disponível em: < <http://solascriptura-tt.org/PessoasNosSeculos/JohnWycliff-Grady-Mary.htm> - 23k ->. Acesso em: 20 out. 2008.
- LIBANIO, J. B. **Teologia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1987.
- LIGIA MORENA. De onde eu vim. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/ligia-morena>>. Acesso em: 10 jul. 2008.
- LUTERO. As 95 Teses afixadas por Martinho Lutero na Abadia de Wittenberg a 31 de outubro de 1517, fundamentalmente “Contra o Comércio das Indulgências”. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/95teses.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2008.
- MCKENZIE, Steven. **Como ler a Bíblia – história, profecia ou literatura**. São Paulo: Rosari, 2008.
- MONDIN, B. **Os Grandes Teólogos do Século XX**. São Paulo: Paulinas, 1980.
- PAGLIARIN, Juanribe. **Jesus - A pessoa mais intrigante e influente que já viveu neste mundo**. São Paulo: Landscape, 2006.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Tradução de André Malta. Porto Alegre: L&PM, 2008.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

RAUSCH, Thomas P. **Introdução à Teologia**. São Paulo: Paulus, 2004.

RODRIGUES, Elisa. **O que é Teologia?** Rio de Janeiro: MK Editora, 1976.

ROCHA, Mateus. **Quem é este homem?** 4. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

RUBEM ALVES. Deus Existe. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/deusexiste.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2008.

SALGADO, Plínio. **Vida de Jesus**. São Paulo: Voz do Oeste, 1978.

WILLIAMS, Derek. **Dicionário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

